



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA (Doutorado)

ARTHUR SILVEIRA GUIMARÃES

O JOGO ACABOU:

Um estudo socioantropológico sobre o fim da trajetória profissional de atletas do futebol.

João Pessoa – PB

Março - 2017

ARTHUR SILVEIRA GUIMARÃES

O JOGO ACABOU:

Um estudo socioantropológico sobre o fim da trajetória profissional de atletas do futebol.

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Doutor em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Artur Fragoso de A. Perrusi

João Pessoa - PB

Março – 2017

G963j Guimarães, Arthur Silveira.
O jogo acabou: um estudo sócio-antropológico sobre o fim
da trajetória profissional de atletas do futebol / Arthur Silveira
Guimarães. - João Pessoa, 2017.
147 f. : il. -

Orientador: Artur Fragoso de A. Perrusi.
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHL

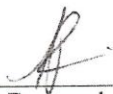
1. Sociologia. 2. Futebol – Carreira profissional. 3. Carreira
Esportiva. 4. Futebol – Aposentadoria. 5. Atletas de Futebol –
Paraíba. I. Título.

UFPB/BC

CDU: 316(043)

FOLHA DE AVALIAÇÃO

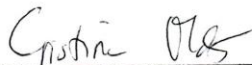
A tese intitulada O jogo acabou: Um estudo socioantropológico sobre o fim da trajetória profissional de atletas de futebol, de autoria de Arthur Silveira Guimarães, sob orientação do Prof. Dr. Artur Fragoso de A. Perrusi, apresentada em sessão pública ao Programa Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Doutor em Sociologia, foi aprovada em 24/03/2017, pela Banca Examinadora composta pelos seguintes membros:



Prof. Dr. Artur Fragoso de A. Perrusi
Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba
Orientador (PPGS-UFPB)



Prof. Dr.ª Mônica Frach
Doutorado em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Examinador Interno 01 (PPGS-UFPB)



Prof. Dra. Teresa Cristina Matos
Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará
Examinador Interno 02 (PPGS-UFPB)



Prof. Dr. Edônio Alves do Nascimento

Doutorado em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Examinador Externo 01 (DEJOR/UFPB - SPORT/UFRJ)

Prof. Dr. Damião de Lima

Doutorado em História Econômica pela Universidade de São Paulo
Examinador Externo 02 (DH/UFPB)

AGRADECIMENTOS

A Artur Perrusi, meu xará, pelo norte e parceria nesse ciclo de formação que desde a graduação vem se aperfeiçoando através de suas orientações e amizade.

A Mônica Franch, uma querida, que teve e tem um papel fundamental na minha construção profissional. Sem dúvida alguma, afirmo que minha experiência em campo de pesquisa tem seu toque, sempre delicado, e isto levarei sempre comigo.

A Tereza Queiroz, minha mais sincera lembrança e carinho. Através dela e de sua generosidade, tudo começou. Foi no ‘Conexões dos Saberes’ que despertei para a vida na Universidade.

Aos professores Ednalva Maciel, Adriano de Leon e Cris Matos.

A Nancy Azevedo, que apesar de não ter tido tempo de presenciar a conclusão de meu doutoramento, sei que torce de longe por mim.

A CAPES pelo financiamento. Tive a sorte temporal (governos Lula e Dilma) de entrar na pós-graduação no período mais fértil e de maiores investimentos nas ciências e tecnologias da história do país. Que a CAPES e CNPq possam retomar, inseridos num governo democrático, seu caminho e importância para o desenvolvimento do Brasil.

Aos colegas que não se envenenaram pela vaidade e arrogância que a pós-graduação proporciona, em especial, meu amigo Sapão (Átila), companheiro de luta desde a graduação. Começamos e terminamos juntos estes ciclos e o principal, gordo, sobrevivemos ao Ouro de Tolo.

A meu avô Adherbal (*in memoriam*), não tem um dia que não me lembre do senhor. Muito obrigado por me apresentar uma de minhas paixões, o futebol!

A Thay, minha cúmplice, pelo companheirismo, carinho, silêncios e cuidados. Se esse trabalho tivesse cheiro, era o teu.

A minha mãe, pelo amor absoluto (existe algo maior que isso?)

A Matheus, meu irmão. Minha carne. A minha parte racional. Às vezes acho que tu és mais velho do que eu.

A Andreia, minha irmã. Eu te amo tanto! Somos iguais! Demoramos pra nos achar e nunca mais nos perderemos.

A Neném, o meu camarada. Por todas as lutas e de todas as lutas. Meu irmão, estamos juntos!

A Clare, minha brodinha. Por todas as conversas, segredos, choros, alegrias, pesquisas, viagens, cervejas, ressacas, às vezes tudo isso de uma vez. Sua amizade foi um presente que a UFPB me proporcionou.

A Paulo Sérgio, Gabriela, Anita, Careca, Vitão (Henrique), Talita, Juliana, Kamilla, Suellen, Thyago, Naia, Deyse, Guilhermina, Bruna, Geisa, Denise, pela camaradagem, sei que vocês realmente se preocuparam e estiveram ao meu lado nesse período.

A Gildimar, por todos os “sim”. Sua solidariedade foi fundamental para conclusão deste trabalho.

A George Ardilles, amigo e poeta, que me ajudou bastante me apresentando alguns dos personagens desta pesquisa.

A meu tio Táta. Um homem simples que me ensinou coisas simples. Aquele que sempre me levava aos campos de futebol e por quem eu tenho um grande carinho.

A Bal, primo/irmão, que sorte sermos da mesma geração. Esse trabalho tem participação sua também.

Aos torcedores e curiosos que deram palpites e contaram historias riquíssimas sobre o futebol paraibano e seus personagens.

A Poroca (*in memoriam*) o cara que inspirou este trabalho.

Aos ex-atletas que contribuíram para esta pesquisa.

Este trabalho é dedicado ao meu pai.

O homem que me ensinou a ter coragem.
Quando me olho no espelho é você que eu vejo.
Isto me transborda de amor e orgulho.

RESUMO

Esta proposta de trabalho direciona-se ao momento de transição da carreira esportiva de futebolista, ligada ao término da trajetória profissional, para uma nova experiência de remanejamento biográfico. Considerando o impacto que o fim de uma carreira profissional causa em qualquer indivíduo, nos propomos a identificar e analisar a carreira esportiva de atletas de futebol que deparam com a transição do esporte profissional de alto rendimento para o momento pós - futebol, ou seja, de júbilo. Nesta perspectiva, buscamos compreender quais os processos organizacionais e sociais envolvidos nesta etapa da carreira profissional destes futebolistas. Para isto, fizemos um recorte específico de campo de atuação profissional dos ex-atletas entrevistados. Deste modo, esta pesquisa direciona-se a ex-atletas que atuaram no futebol nordestino mais especificamente no futebol da Paraíba. Utilizando a etnobiografia como instrumento de pesquisa, analisamos as subjetividades e reflexões dos sujeitos envolvidos (ex-atletas), suas transformações identitárias como possibilidades de entendimento do ato de se afastar dos campos de futebol.

Palavras-chaves: Sociologia; Futebol; Profissão; Aposentadoria

ABSTRACT

This proposal of work is directed to the moment of transition of the sports career of footballer, linked to the end of the professional trajectory, to a new experience of biographical relocation. Considering the impact that the end of a professional career causes in any individual, we propose to identify and analyze the sports career of soccer athletes who face the transition from high - performance professional sport to the post - football moment, that is, . In this perspective, we seek to understand the organizational and social processes involved in this stage of the professional career of these footballers. For this, we made a specific cut of the field of professional performance of the ex-athletes interviewed. Thus, this research is directed to former athletes who played in Northeastern football, specifically in Paraíba football. Using ethnobiography as a research tool, we analyze the subjectivities and reflections of the subjects involved (ex-athletes), their identity transformations as possibilities of understanding the act of moving away from soccer fields.

Keywords: Sociology; Soccer; Profession; Retirement

Há histórias tão verdadeiras que às vezes parece que são inventadas...

(Verso do poema “o livro sobre nada”, de Manoel de Barros)

Balada no. 07

Sua ilusão entra em campo no estádio vazio
Uma torcida de sonhos aplaude talvez
O velho atleta recorda as jogadas felizes
Mata a saudade no peito driblando a emoção

Hoje outros craques repetem as suas jogadas
Ainda na rede balança seu último gol
Mas pela vida impedido parou
E para sempre o jogo acabou
Suas pernas cansadas correram pro nada
E o time do tempo ganhou

Cadê você, cadê você, você passou
O que era doce, o que não era se acabou
Cadê você, cadê você, você passou
No vídeo-tape do sonho, a história gravou

Ergue os seus braços e corre outra vez no gramado
Vai tabelando o seu sonho e lembrando o passado
No campeonato da recordação faz distintivo do seu coração
Que as jornadas da vida, são bolas de sonho
Que o craque do tempo chutou

(Moacir Franco)

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Valor das cotas de TV para transmissão de jogos ao vivo da serie “A”26

Tabela 2 - Evolução dos Direitos Trabalhistas do Atleta Profissional do Futebol69

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	14
CAPITULO 1 - O CAMPO DE JOGO : o percurso metodológico	19
a. Entrevistas	20
b. Anonimato	21
c. Delimitando as linhas do campo.....	23
d. Futebol periférico	25
e. Futebol na Paraíba: breve retrospectiva histórica.....	28
f. Auto Esporte Clube.....	30
g. Campinense Clube.....	31
h. Botafogo Futebol Clube.....	32
i. Treze Futebol Clube.....	33
j. O torcedor em campo.....	34
k. A paixão pela bola.....	35
l. O Pesquisador-torcedor.....	38
m. O Beco dos Pneus.....	41
n. O ex-ponta e o bar do paulista.....	42
o. A resignação do bom zagueiro.....	44
p. Um craque diferenciado ou a sombra dos gramados?.....	46
q. O grande craque do beco.....	49
r. O silêncio da esquina.....	51
s. O maior jogador do Treze.....	52
CAPITULO 2 - FUTEBOL: do jogo de bola a profissão dos astros.....	55
2.1 O jogo de bola.....	55
2.2 O futebol moderno.....	56
2.3 O futebol chega ao Brasil.....	62
2.4 O futebol praticado em terras tupiniquins.....	63
2.5 A democratização forçada: os negros ascendem aos clubes.....	65
2.6 O futebol profissional no Brasil.....	67

CAPITULO 3 - O JOGADOR DE FUTEBOL – O freelancer de bolas nos pés.....	71
3.1 Tempo e idade: uma discussão necessária.....	71
3.2 Profissão futebol: seus ciclos e características centrais.....	75
3.3 Futebol: profissão e identidade.....	84
3.4 O herói das grandes massas.....	86
 CAPITULO 4 - APAGAM-SE OS REFLETORES.....	 90
4.1 Estratégias e possibilidades ao fim da carreira profissional de futebol.....	91
4.1.1 Aposentadoria.....	92
4.1.2 Carreira, planejamento e transições no ciclo profissional do futebol.....	94
4.1.3 Planejamento.....	96
4.1.4 A transição para o fim da carreira profissional de atletas de futebol.....	98
4.1.5 Decisão: a hora de pendurar as chuteiras.....	100
4.1.6 O luto: mitos e verdades ao pendurar as chuteiras.....	104
4.1.7 As adaptações ao fim da carreira de atleta profissional de futebol.....	107
4.1.8 Os rostos sem mascaras: os casos daqueles que não superaram o luto.....	108
4.1.9 A superação da “morte”? Outras formas de recolocação no mundo após o fim da carreira profissional de futebol.....	112
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 123
 REFERÊNCIAS.....	 131
 ANEXOS	
1	137
2	140
3	144

APRESENTAÇÃO

O Futebol é uma instituição das mais marcantes da sociedade contemporânea. Mais do que um esporte, é um fenômeno social que envolve política, economia, paixões, mitos, crenças e tem como o personagem o atleta profissional de futebol.

Desde sua fundação, o futebol fornece elementos de fato social. Na sociedade brasileira, então, configura-se em extrato profundo de nossa cultura. Fundando no Brasil, inclusive, apesar de não ser pátria mãe deste esporte, a ideia de nação do futebol.

O esporte é um tema de complexas variantes sociais, sendo um fato social de grande relevância para estudos na sociologia. Porém, mesmo reconhecido como o maior fenômeno popular do Brasil, o futebol pouco é abordado em suas possibilidades socioantropológicas. Relativamente recente, a sociologia do esporte sempre foi colocada como outsiders dentro dos temas relevante nas ciências sociais. Segundo Eric Dunning (1992), durante muito tempo quando não eram apresentados trabalhos tidos como sem aporte teórico de estofos, ainda eram produzidos por pesquisadores de outra área que não a sociologia, principalmente ligados à educação física.

A falta de interesse dos principais sociólogos no século XX sobre o tema, exceção representada por Norbert Elias e Pierre Bourdieu, pode ser um fator que explique esta posição do esporte dentro do campo científico sociológico, contribuindo deste modo, ao descaso das ciências sociais, principalmente no Brasil, ao esporte e o futebol.

Conforme Dunning:

De modo resumido, parecia que os sociólogos revelavam os seus valores de compromisso, entre outras maneiras, pelo fato dos paradigmas dominantes a que aderem limitarem o seu campo de visão a um conjunto de comparativamente estreito de atividades sociais, apesar do empenho da maioria quanto ao ideal de neutralidade ética ou da liberdade como valor e d ideia de sociologia enquanto ciência que trata das sociedades em todas as suas

dimensões. O abandono da sociologia do desporto tem sido uma das consequências dessa situação. (DUNNING, 1992, p. 16).

Nesse contexto, a sociologia trataria de “coisas sérias” como: trabalho, classe, religião, ciência, todos os temas estabelecidos como paradigmas desde sua fundação. Sobrando aos esportes e lazes a pecha de questões menores e irracionais (DUNNING, 1992).

Pierre Bourdieu (1983) contribui para este debate ao colocar o esporte em suas incisões sobre o desenvolvimento do campo científico especificamente na sociologia.

Como afirma Marchi Junior e Souza (2010), Bourdieu não foi um sociólogo do esporte, mas recuperou o esporte como objeto digno da sociologia e suas abordagens metodológicas. O sociólogo francês traduziu a posição do esporte nas ciências sociais através de seu conceito de campo e deste modo, expôs o embate objetivo presente dentro da sociologia ante o que são os temas legítimos de importância científica, estando o esporte (futebol) no campo daqueles que tentam subverter esta hierarquia.

É marcante o entendimento de Pierre Bourdieu a sociologia do esporte ao identificar que esta área de estudo das ciências sociais é desdenhada pelos sociólogos e desprezada pelos esportistas. Falha crassa, que vem sendo redimida aos poucos pelas tentativas de trabalhar o esporte, principalmente o futebol, como um fenômeno social, econômico e político, que pode oferecer significados diversos em todas as áreas de conhecimento.

Assim, seguindo as orientações metodológicas apresentadas por Bourdieu em seu “programa para uma sociologia do esporte” onde afirma que na impossibilidade de análise de uma totalidade dentro do campo esportivo, deve o pesquisador efetuar recortes e dedicar-se a um “subcampo” dentro do campo, decidimos enfrentar este descaso por parte das ciências sociais brasileiras e ingressamos neste campo, sendo de imediato a profissão de futebolista a

faceta do futebol que mais nos interessou analisar. Desta forma, desenvolvemos pesquisa de mestrado focalizando a formação de atletas profissionais de futebol ¹. (GUIMARAES, 2012).

Na pesquisa realizada durante nossos estudos em nível de mestrado, focamos o fenômeno futebol com a questão de projeção profissional, levando em consideração o que este esporte no Brasil representa como projeto de vida para milhares de jovens e suas respectivas famílias. Embora utilizando o futebol profissional de alto nível como ponto de partida, o enfoque daquela pesquisa foi direcionado ao momento de transição entre o futebol amador e o futebol profissional. Concentramo-nos no percurso em que garotos transformam-se em profissionais da bola. Assim, a partir das trajetórias daqueles jovens atletas, apresentamos um estudo socioantropológico do processo de produção/formação de jogadores de futebol e seu mercado.

Esta foi uma experiência marcante em nossa trajetória acadêmica/profissional e nos convencemos que o futebol e suas nuances sociais seriam o caminho de pesquisa dentro do campo da sociologia, agora em grau de doutoramento, ampliando e aprofundando os estudos realizados em etapa anterior, na vida acadêmica. Nesta perspectiva, após aquele trabalho realizado no mestrado, sentimos a obrigação de terminar o que entendemos como ciclo do futebolista. É de nosso interesse compreender as distintas questões que envolvem o fim desta linha, tão lúdica, porém, tão pesada, de uma profissão que tem sua alvorada muito imberbe e que por consequências físicas de uma exploração da força muscular muito intensa, obriga atletas a concluí-la em pouco tempo, comparando com outras carreiras.

Qualquer profissional sofre significativa mudança em sua vida quando se aproxima o crepúsculo de sua atividade laboral. Este impacto registrado ao final de carreiras, ditas

¹ GUIMARAES, Arthur Silveira. *Além das quatro linhas: estudo sobre a trajetória profissional de jovens atletas de futebol*. Programa de Pós-graduação em Sociologia. PPGS/UFPB. João Pessoa, 2012. (Dissertação de Mestrado).

regulares, geralmente acontece com homens e mulheres que já experimentaram mais da metade de suas vidas e, na sua maioria, sobre aqueles/as na chamada terceira idade.

Os efeitos deste impacto se revelam de forma ainda mais forte e transformadora na vida de profissionais que são afastados de suas atividades ainda no auge de sua capacidade produtiva. É este fenômeno que envolve os profissionais do futebol e se revela enquanto um problema relevante e convidativo para sociologia. Neste universo, a complexidade existente no processo de aposentadoria de atletas profissionais de futebol, apresenta um leque riquíssimo de possibilidades a serem estudadas pelas ciências sociais. Desta perspectiva, ponderamos que perceber as causas que levam os atletas de futebol a se retirarem dos gramados profissionais é extremamente importante para se entender como se conduz a reinserção desses indivíduos na sociedade.

Neste momento de transição da carreira esportiva, o jogador como uma máquina é tido como ultrapassado. O corpo de um atleta apresenta “prazo de validade” sendo descartado quando não mais serve a dinâmica do espetáculo futebol. (GIULIANOTTI, 2010). Sendo considerada força de trabalho exaurida no auge de sua produtividade.

Muitas questões poderiam ser abordadas em relação ao fim da carreira de um desportista de futebol. Entretanto, a mesma dificuldade que encontramos em relação a pesquisa anterior, sobre a formação de atletas profissionais de futebol, surgiu nesta nova empreitada sócia antropológica que nos inclinamos a enfrentar, dificuldades tais como: pouca bibliografia e trabalhos sobre o tema, além do já exposto espaço de periferia dado ao esporte dentro das ciências sociais

Diante deste quadro, esta proposta de trabalho cuidará em específico de investigar o final de carreira do jogador de futebol e seu processo de aposentadoria; a reconversão profissional do jogador aposentado, analisando inclusive, as situações de fracassos; os processos identitários que envolvem o final de carreira do jogador de futebol; as causas que

levam jogadores de futebol profissional a se aposentarem e a repercussão disto em sua situação econômica; além do processo de inserção do atleta de futebol jubilado no mercado de trabalho profissional.

Portanto, em resumo, nos propomos a identificar e analisar a carreira esportiva de atletas de futebol que deparam com a transição do esporte profissional de alto rendimento para o momento pós – futebol.

Com esta perspectiva, buscamos compreender quais os processos organizacionais e sociais envolvidos nesta etapa da carreira profissional destes futebolistas. Para isto, o trabalho está distribuído da seguinte maneira: num primeiro momento expomos a pesquisa e as questões metodológicas que permearam todo o trabalho. Segue-se um capítulo apresentando o futebol em sua gênese e fundação como profissão. No terceiro capítulo é apresentada a profissão futebol em seus ciclos e características centrais e, por fim, no quarto e derradeiro capítulo, serão expostos os dados que embasam este trabalho, num debate acerca do fim da carreira do atleta profissional de futebol.

CAPITULO 1 - O CAMPO DE JOGO: o percurso metodológico

Para consecução de nossa proposta de trabalho, a coleta de informações e dados para aporte da pesquisa, foi realizada por meio de entrevistas em profundidade e individuais com a utilização de gravador de voz. Temos consciência que compreender a carreira de um atleta de futebol é entender a trajetória biográfica e profissional do jogador. Neste sentido, a noção de trajetória profissional foi estudada através da etnobiografia.

Trabalhamos com as experiências de vida desses personagens do mundo do futebol, suas carreiras, suas vivências antes, durante e pós-futebol. Metodologicamente, entendemos, assim como Goldenberg (2005), que a biografia de cada indivíduo transforma-se numa síntese complexa de todo social. Logo, a partir da experiência vivida por cada ex-atleta, tentamos construir um arcabouço sócio antropológico das variantes da aposentadoria e seus impactos na consecução biográfica do atleta de futebol.

Nesta perspectiva, justificamos o uso da etnobiografia como forma de concepção destas histórias. Sendo aqui um instrumento metodológico por entendermos capaz de melhor absorver as vivências e trajetórias destes ex-jogadores profissionais de futebol e aspectos de suas visões de mundo, da profissão e suas nuances. Desta forma, as intervenções, por este viés metodológico, vão além de suas vidas individuais e seus rumos profissionais. Podemos perceber em suas falas a percepção do todo social e o que os envolvem. Nesse modo, uma forma de se perceber por meio de suas narrativas, o contexto que traz o final da carreira profissional de um atleta de futebol.

Entendemos, ao adotar a etnobiografia como ferramenta, que cada experiência aqui descrita é uma agência sobre a situação central de nossa pesquisa: a aposentadoria dos campos profissionais de futebol. Pois, como afirmam Cardoso, Gonçalves, Marques (2012) permite uma autonomia de significados que não é de relação direta com o todo social.

Tentamos compreender, por meio de subjetividades e reflexões dos sujeitos envolvidos (ex-atletas), suas transformações identitárias como possibilidades de entendimento do ato de se afastar dos campos de futebol. Analise que, como afirma Gonçalves (2012, p. 24) permite como parte estruturante do próprio conceito de etnobiografia, “a importância da dimensão da individuação do indivíduo e de suas escolhas pessoais” .

Destarte, como vemos no atleta de futebol uma figura que por tudo que envolve este esporte, uma personagem que carrega consigo uma dupla posição, de herói e indivíduo, a etnobiografia também nos auxilia neste quadro de análise quando.

Conforme analisa Gonçalves:

Se pensarmos que os seres, sejam reais ou fictícios, fazem parte de uma cultura partilhando homogeneidades e coerência, o modo de aceder ao seu discurso, é por definição. Fragmentário, fruto da própria flexibilidade da construção das narrativas que criam descontinuidades estruturais na “fala sobre e de si” [...] é por isso que tratar de etnobiografia é lidar com esta dimensão pessoa-personagem [...] neste momento de experiência compartilhada, as pessoas podem experimentar assumir determinadas caracterizações e estereótipos, construindo uma personagem marcada por traços eminentemente sociais. O mesmo se observa em narrativas construídas e determinadas pelo ponto de vista dos personagens que são invadidas pela imprevisibilidade que faz surgir a pessoa em toda sua potência fragmentária. Num átimo de segundo vemos surgir narrativas flexíveis sobre si ao mesmo tempo em que assistimos a personagens se apossarem do seu ser. (GONÇALVES, 2012, p. 25-26).

Assim, concebemos nosso instrumento metodológico tentando através das narrativas individuais de ex-jogadores de futebol profissional suas experiências de si e do mundo, apresentar, como sugerem Cardoso, Gonçalves e Marques (2012) uma narrativa imbricada com as práticas sociais.

a. Entrevistas

Impetramos os contatos com jogadores profissionais aposentados em entrevistas semiabertas e através do método de saturação (MARRE, 1991), obtendo a amostra ao

perceber que a repetição de temáticas e conteúdo tornou-se frequente e o padrão descritivo ficou claro.

As entrevistas consistiam em proporcionar aos personagens das pesquisas o desenvolvimento de relatos de sua experiência. O roteiro de questões foi, em primeiro plano, direcionado as percepções dos ex-atletas sobre a profissão de futebolista e temas diversos como a aspiração de ser atleta profissional, dinheiro, fama, trajetória, o próprio futebol como esporte de desempenho, ideia de construção de futuro e a decisão de aposentadoria foram abordados, sempre relacionados ao momento atual dos entrevistados.

Entre conversas informais e entrevistas, firmamos conversa com cerca de dezoito ex-atletas profissionais de futebol. No desenvolvimento deste trabalho, serão apresentados alguns destes ex-jogadores que convivemos em nossa pesquisa. Aqui decidimos apresentar perfis daqueles personagens que mais marcaram e representam os eixos que direcionamos as análises descritivas nesta tese. Cada trajetória adiante marca um exemplo de nossas linhas de análise: os processos identitários após o fim da carreira, a reconversão profissional desses futebolistas, suas situações econômicas, o protagonismo, entre outros temas.

b. Anonimato

Foi intensa a reflexão sobre como apresentar os atores da pesquisa. Utilizar-me ou não do anonimato? Dilema este que segundo Claudia Fonseca (2008) é um dos mais recorrentes nos trabalhos atuais.

Refletindo sobre como apresentar os personagens, fiquei entre a sensibilidade e percepção de que no caso de alguns ex-atletas, o fato da rememoração de suas trajetórias era uma forma de reacender, nem que fosse por um instante, suas glórias, por menor que estas tenham sido, e suas conquistas na época de atletas profissionais, ou recorrer ao anonimato, em

razão de temas mais complexos de cunho individual, que poderiam refletir como negativos a figura desses personagens.

Apesar da descrição de alguns ex-atletas e locais onde se encontram terem sido detalhados a certa altura deste trabalho, fato inevitável na descrição do meu “campo de jogo”, como foi o caso específico do “beco dos pneus”, local bastante rico em minha pesquisa e que apresentarei adiante, alcancei a corda bamba, como diz Fonseca (2008) dos detalhes necessários a etnografia e vigilância ética sobre o limite do dito.

Pode ser que algum leitor mais atento e curioso possa identificar de quem se trata a personagem descrita, ou então, os próprios ex-atletas que tenham interesse neste trabalho, poderão assemelhassem aos dados. Mas, não pude deixar de resguardar as identidades das figuras narradas. Apelar ao anonimato fora necessário. Muito pela própria falta de entendimento que Fonseca (2008) muito cuidadosamente examina ao apresentar a dificuldade de “leigos” em prever o teor das análises apresentadas por nós pesquisadores: “Raramente imaginam que o estilo de suas roupas, sua entonação de voz, atitudes corporais, suas brincadeiras informais ou brigas institucionais podem ser considerados relevantes a análise antropológica” (FONSECA, 2008, p.45).

De forma alguma, ao expor as suas vivências e trajetórias no texto formal desta tese, fui omissos com seus subjetivos desejos de que se mostrassem importantes para a história de seus clubes ou do futebol. Pelo contrário, tornei-me não só por uma relação particular com suas biografias, que traspassam meu imaginário lúdico desde a infância, como enquanto pesquisador, assumi um engajamento sobre a necessidade de resgate destes personagens como patrimônio cultural.

Porém, apesar deste sentimento individual de revelar as identidades dos atores desta pesquisa, como por exemplo, o ex-craque que foi chamado de herói da cidade, por um informante, me senti eticamente levado a não mencioná-los, pois a mim, este mesmo ex-

jogador e ídolo de uma geração de torcedores, admitiu em entrevista, fracassos e decepções profundas que não caberiam no imaginário dos torcedores. Este é um exemplo marcante dentre tantos outros casos. Assim, como testemunhos dos entrevistados sobre colegas que se envolveram com atividades paralelas a legalidade e que não seria possível de minha parte, como pesquisador, identificá-los em citação no texto.

Diante do dilema e encarando-o com o máximo de racionalidade e honestidade possível a uma pesquisa socioantropológica, decidi, como construtor final deste processo, pelo anonimato destes atores. Utilizarei desta forma, para identificá-los, as denominações das posições táticas, a época que atuavam nos campos de futebol profissional. Logo, goleiro, zagueiro, lateral, meia, atacante e ponta, serão as formas de descrição destes personagens e suas narrativas, o que a meu ver, de certa forma, conserva suas identidades mantendo sólidos os fatos e dados descritos no trabalho.

c. Delimitando as linhas do campo

Cabe aqui, antes da descrição de alguns perfis de entrevistados que achei interessante apresentar, mapear o campo onde estas trajetórias se desenvolveram profissionalmente.

Muitas questões poderiam ser abordadas em relação ao fim da carreira de um desportista de futebol. Entretanto, a mesma dificuldade que encontramos em relação a pesquisa anterior, sobre a formação de atletas profissionais de futebol, surgiu nesta nova empreitada sócia antropológica que nos propomos a enfrentar.

Num primeiro momento, pretendíamos analisar o final da carreira do jogador de futebol e seu processo de aposentadoria, a partir de um campo geral, ou seja, tentar entrevistar ex- jogadores que atuaram em todas as divisões do futebol brasileiro, firmando análise no momento específico de transição para essa nova etapa de suas biografias.

Porém, o campo em que ingressamos modificou-se de imediato. Toda nossa expectativa inicial de apreciação transformou-se em contato com as possibilidades e contradições da pesquisa. Pois, a troca com o outro transformou o pesquisador e metodologicamente criou dimensões dialéticas de leituras e análises do campo que as propostas primeiras, pensadas e riscadas nos gabinetes não alcançaram.

Nesta perspectiva e sob a influência direta de Max Weber (2006) partimos de um conhecimento finito, parcial, limitado de espaço e tempo da realidade de nosso tema, tão intenso e tão vasto, para tentar contribuir, de alguma forma, através de nossa pesquisa, para futuros estudos sobre profissão e futebol dentro das ciências sociais. Deste modo, a pesquisa realizada foca suas diretrizes na compreensão da realidade de ex-atletas de futebol que residem na Paraíba e tiveram suas carreiras ligadas, de algum modo, ao futebol dessa região.

Este sentimento já permeava meu espírito sociológico desde o mestrado. Como dito alhures, a minha pesquisa foi referente à formação de atletas profissionais de futebol. O Auto Esporte Clube, tradicional agremiação esportiva da Paraíba, foi àquela altura, meu campo de pesquisa. No Auto Esporte percebi algo que carreguei comigo durante todo esse tempo: a ideia do futebol periférico.

Pesquisando sobre a formação de atletas ou participando de congressos e grupos de trabalho que abordavam o tema, percebia as semelhanças entre o processo de formação/produção de atletas profissionais e não percebi muita diferença entre as relações que passavam os garotos daqui da Paraíba e lá do Rio Grande do Sul ou São Paulo, que buscavam o mesmo sonho, por exemplo.

Todavia, há um entrave que diferencia brutalmente esses garotos e suas ações diante da empreitada de se tornar jogador profissional de futebol: a estrutura econômica. É muito mais complicada a inserção profissional de um garoto que atua num futebol economicamente menos estruturado, que os que correm nas canteiras dos grandes clubes do Brasil.

Este juízo reapareceu nesta pesquisa. Como dito, modifiquei os atores de minha empreitada metodológica em campo, refletindo sobre eles e com eles. Assim, dediquei atenção aos ex-atletas que descreverei adiante. Eles me fizeram entender a necessidade de falar sobre o futebol periférico. Eles, como reais representantes desta realidade social, puseram o pesquisador a reaver seus caminhos. Adiante, apresentaremos mais a fundo, o que significa futebol periférico e suas características.

d. Futebol periférico

O futebol chega ao Brasil nos grandes centros urbanos e econômicos do país. Este dado pode ser considerado como o mais importante para se entender a estrutura do futebol brasileiro, pois sua gênese e distribuição parte do centro para periferia.

Não tardou para que os filhos da burguesia de outros estados que tinham contato com o esporte no Rio de Janeiro e São Paulo, espalhassem o futebol Brasil a fora.

Reconhecemos que o futebol é o reflexo da sociedade. Um fato social total que carrega consigo todas as contradições da formação histórico, política e econômica do Brasil. Como se refere Mauricio Murad:

Do ponto de vista simbólico, o futebol é uma metalinguagem que revela as relações sociais substantivas de uma determinada realidade. Metáfora notável e extraordinárias das características existenciais básicas da vida humana e de nossa formação social. (MURAD, 1997, p.21).

Em Estados economicamente frágeis, como os das regiões Norte e Nordeste do Brasil, por exemplo, os clubes e ligas se formaram absorvendo suas condições sociais, políticas e econômicas. Atualmente, o futebol do norte e nordeste apresenta clubes tradicionalíssimos, alguns centenários, com torcidas vibrantes e boas médias de público em jogos decisivos. Contudo, os números de arrecadação e estrutura econômica dos clubes desta região comparada ao eixo Rio – São Paulo, são infinitamente menores.

Um simples modelo, mas que baliza esta relação, incide no número de clubes nordestinos que jogam o campeonato brasileiro da primeira divisão (a chamada “elite” do nosso futebol). Dos vinte clubes participantes deste torneio nacional, no ano de 2016, apenas três clubes são nordestinos: o Esporte Clube Vitória (Salvador- BA), Sport Clube do Recife (Recife- PE) e Santa Cruz (Recife -PE) e nenhum representante da região Norte do país.

Outro dado não menos marcante sobre a discrepância destes clubes em relação aos clubes do eixo Rio - São Paulo - Sul- Minas, se refere as cotas de direito de imagem e de transmissão de TV do mesmo campeonato. O Sport Clube Corinthians Paulista, sozinho, por exemplo, arrecadou parcela de 170 milhões de reais referentes a estes direitos em 2016, valor maior que os três times nordestinos juntos que chega a soma de 90 milhões de reais.

Tabela 1

VALOR DAS COTAS DE TV PARA TRANSMISSÃO DE JOGOS AO VIVO DA SERIE
“A” DO BRASILEIRÃO / 2016

Clube	Receita em reais	Estado
Clube de Regatas Flamengo	170 milhões	Rio de Janeiro
Sport Clube Corinthians Paulista	170 milhões	São Paulo
São Paulo Futebol Clube	110 milhões	São Paulo
Sociedade Esportiva Palmeiras	100 milhões	São Paulo
Santos Futebol Clube	80 milhões	São Paulo
Cruzeiro Esporte Clube	60 milhões	Minas Gerais
Clube Atlético Mineiro	60 milhões	Minas Gerais
Sport Clube Internacional	60 milhões	Rio Grande do Sul
Grêmio Foot-Ball Porto alegreense	60 milhões	Rio Grande do Sul

Fluminense Football Club	60 milhões	Rio de Janeiro
Botafogo de Futebol e Regatas	60 milhões	Rio de Janeiro
Clube Atlético Paranaense	35 milhões	Paraná
Coritiba Foot-ball Club	35 milhões	Paraná
Sport Clube do Recife	35 milhões	Pernambuco
Esporte Clube Vitoria	35 milhões	Pernambuco
Associação Atlética Ponte Preta	20 milhões	São Paulo
Associação Chapecoense de Futebol	20 milhões	Santa Catarina
Figueirense Futebol Clube	20 milhões	Santa Catarina
América Futebol Clube	20 milhões	Minas Gerais
Santa Cruz Futebol Clube	20 milhões	Pernambuco

Fonte: Blog trivela/ UOL
Tabela feita pelo autor

Diante deste quadro, existe um abismo ainda maior quando tratamos de clubes que atuam em divisões menores do futebol nacional ou nem mesmo conseguem acesso a campeonatos nacionais, funcionando profissionalmente alguns meses ao ano. Esta é a realidade da maioria dos clubes profissionais do Norte e Nordeste do Brasil.

A superioridade do futebol do eixo Rio –Sul - Minas -São Paulo, pode ser analisada pelo conceito de campo, de Pierre Bourdieu (2010). Os clubes mais fortes dentro das disputas pela autonomia do futebol brasileiro utilizam mecanismos que garantem a dominação deste espaço social que é o futebol profissional no Brasil.

Uma pratica usual, desde o inicio do futebol profissional no Brasil, é o monopólio da mídia paulista e carioca sobre o futebol brasileiro. Desde a rádio Nacional nas décadas de 1930, 1940 e 1950 até hoje, com os canais de televisão, são transmitidos jogos, programas e

reportagens dos clubes das regiões mais abastadas do país, em detrimento do futebol do Norte e Nordeste, fazendo com que os clubes locais sejam menos prestigiados e enfraquecidos.

Através da interferência da mídia nacional sobre os torcedores das regiões mais pobres do Brasil, fortaleceu-se a discrepância entre os clubes do eixo Rio- Sul – Minas - São Paulo, em comparação as agremiações do nordeste e norte do país. Isto se materializa nos contingentes de torcedores distribuídos pelo território nacional, como mostra última pesquisa “datafolha” sobre torcidas de futebol no Brasil (ver anexo).

Conforme Bourdieu (2010), o campo, arenas marcadas de hierarquias onde se engendram disputas acirradas entre grupos de poder em nome da conquista de espaços e capitais na afirmação de monopólio das regras e símbolos, podemos para facilitar a compreensão, inferir relação concreta entre este conceito e a estrutura do futebol brasileiro.

Logo, sob este aporte, definimos futebol periférico como conceito de um futebol profissional marginalizado de forma política, social e economicamente em referência a um futebol que detém o monopólio das regras e símbolos deste esporte, representado pelo eixo Rio - São Paulo- Minas – Sul (ponderando que existem clubes nestas regiões do Brasil que se assemelham aos clubes do futebol periférico, porém, numa estrutura de mídia, mercado e status que vai muito além do Norte e Nordeste do Brasil).

e. Futebol na Paraíba: breve retrospectiva histórica

O conceito de futebol periférico se aplica em todas suas linhas características ao futebol na Paraíba. O esporte bretão chega em solo paraibano por volta de 1908, trazido por estudantes paraibanos que passavam férias no Rio de Janeiro. Contudo, a primeira liga oficial de futebol foi fundada apenas em 1914, era a “liga parahybana de foot-ball” que fora substituída em 1919 pela “liga desportiva paraibana”.

Através da liga desportiva, foi realizado o primeiro campeonato paraibano de futebol (até então, os torneios eram considerados extra- oficiais). O amadorismo era a característica principal nas primeiras décadas de futebol na Paraíba. Mas, a paixão pelo esporte foi rápida no estado e várias agremiações foram fundadas, como Auto Esporte Clube, Botafogo Futebol Clube e Treze Futebol Clube. São clubes que se mantêm em atividade até os dias atuais.

O futebol paraibano, entretanto, nunca figurou entre os principais do futebol nacional. Apesar da existência de clubes que gozam de notoriedade local, com torcidas de massa e tradição cultural. Poucos foram os momentos dos clubes paraibanos no futebol nacional, como algumas participações, nos anos de 1980, das primeiras divisões do campeonato brasileiro, mesmo assim, sempre como coadjuvantes e retomando sua face periférica a partir dos anos 1990.

No século XXI, o futebol da Paraíba, através de alguns canais de TV por assinatura, tem seus torneios locais transmitidos para todo Brasil. Assim, como o fortalecimento da Copa do Nordeste, maior torneio regional do Brasil, que abriga clubes de toda região, numa tentativa de quebrar o monopólio do futebol do eixo Rio – São Paulo Minas – Sul.

Hoje, o futebol paraibano possui três clubes representando o estado em competições nacionais. Um clube na serie C (3ª divisão mais forte do país) e duas vagas garantidas de clubes paraibanos na serie D (4ª divisão mais forte do país).

Nacionalmente, os clubes paraibanos possuem um único título: o campeonato brasileiro da serie D no ano de 2013, conquistado pelo Botafogo Futebol Clube. Outro dado significativo do futebol da Paraíba, inserido no campo do futebol periférico, incide na posição dos clubes deste estado no ranking nacional de clubes divulgado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), lista esta que leva em consideração a participação dos clubes em competições nacionais realizadas nos últimos cinco anos.

O ranking de 2017 apresenta o Botafogo Futebol Clube como o paraibano melhor colocado na 46ª posição, seguido de Treze Futebol Clube 67ª colocação e Campinense Clube na 71ª colocação. (VER ANEXO 3).

O futebol na Paraíba apresenta duas divisões profissionais, coordenadas pela Federação Paraibana de Futebol. Dezenas de clubes filiados, porém, de tempos em tempos desaparecem dos torneios oficiais, por falta de estrutura econômica que os sustentem. Contudo, são considerados clubes grandes e de massa no estado, seja por número de títulos, estrutura patrimonial, número de torcedores: o Treze Futebol Clube, o Auto Esporte Clube, o Botafogo Futebol Clube e o Campinense Clube.

A seguir, faremos uma breve apresentação desses clubes, para que o leitor situe-se no campo de atuação profissional dos ex-atletas entrevistados, uma vez que todos os atores desta pesquisa, em algum momento de suas carreiras, desfilarão seus talentos por esses clubes.

f. Auto Esporte Clube

O Auto Esporte Clube é considerado a quarta agremiação do atual futebol paraibano. Fundado há oitenta anos, na capital do estado da Paraíba, conhecido como clube do povo, ou macaca, em referência a sua mascote. Clube fundado por taxistas da cidade de João Pessoa, teve sua origem ligado ao centro da cidade. Porém, atualmente sua sede social e seu pequeno estádio, situa-se no bairro de Mangabeira, na zona sul da capital.

Primeiro clube paraibano a realizar uma partida em nível nacional, 1959, pela Taça Brasil, o Auto Esporte Clube, exibe em suas galerias de troféus seis títulos do campeonato paraibano.

g. Campinense Clube

Fundado em 1915, o Campinense Clube representava o símbolo das famílias abastadas da cidade de Campina Grande – PB. O clube não nasceu com intuito esportivo, inicialmente era uma sociedade recreativa, tanto que em seu batismo recebeu o nome de Sociedade Recreativa Campinense Clube.

Somente em 1917, o Campinense Clube cria um departamento esportivo em suas fileiras. Entretanto, sem pretensões competitivas ou relação com as ligas de futebol que se criavam no estado. Por ser um clube da elite campinense, por muito tempo o futebol ficou restrito aos filhos dos sócios, não era permitido aos garotos do Campinense Clube jogar com outros meninos da cidade. Este posicionamento, muito controverso, criava acaloradas polêmicas, assim, depois de algumas confusões em partidas de futebol no Clube, em 1920 é fechada a diretoria de futebol.

Após vinte e cinco anos, o Campinense Clube reabre seu departamento de futebol. Contudo, somente para sócios. Mas em 1958, após muita pressão interna, o Clube entra de forma real no circuito do futebol paraibano. Porém, com a denominação Centro Esportivo Campinense Clube – CECC.

Conhecido como clube “cartola” ou “aristocrático” a raposa feroz (alcunha dada por sua torcida em referência a mascote do clube) profissionaliza-se em estágio econômico bem mais forte que o resto dos clubes do Estado. Empresários, banqueiros, comerciantes, bancam o Campinense Clube, que em parceria com a prefeitura municipal de Campina Grande, arrenda o campo de futebol da cidade, o Estádio Plínio Lemos, no bairro de José Pinheiro.

Neste espaço, o Campinense Clube, através do futebol, se populariza. O clube que representava uma minoria da cidade de Campina Grande, agora tinha suas cores rubro-negras defendidas por toda a cidade. Neste momento de popularização do Clube, são conquistados

seis títulos paraibanos seguidos (1960, 1961, 1962, 1963, 1964, 1965) tornando-se então o grande representante do futebol da Paraíba em torneios nacionais.

Após altos e baixos, o Campinense Clube, que chegou a decretar falência na década de 1990, retoma o protagonismo do futebol paraibano ao ganhar a copa do nordeste de 2013. Este título, junto a outros 21 troféus estaduais e uma taça Brasil-nordeste em 1962, torna o clube um patrimônio do futebol local.

h. Botafogo Futebol Clube

Fundado em João Pessoa, em 1931, o Botafogo Futebol Clube, maior rival do Auto Esporte Clube (protagonistas do maior clássico da capital paraibana o “botauto”), é carinhosamente chamado de ‘belo’ pelos seus torcedores. Carrega em seu batismo a referência ao Botafogo de Futebol e Regatas do Rio de Janeiro. Por essa relação homônima, o Botafogo local é também conhecido como Botafogo da Paraíba.

O escudo do Botafogo Futebol Clube da Paraíba também é idêntico ao Botafogo de Futebol e Regatas do Rio de Janeiro, o que os diferem é a estrela do belo que carrega a cor vermelha.

O Botafogo-PB começou sua trajetória atuando em ligas suburbanas, o que lhe conferiu grande popularidade desde o início de sua fundação. Em poucos anos o clube ganhou fama em todos os bairros de João Pessoa e nas cidades vizinhas a capital paraibana, tornando-se até hoje o time mais popular desta área do Estado.

O primeiro título do Botafogo-PB foi em 1936. Desde então, o time da maravilha do contorno (denominação de sua sede social localizada no bairro do cristo redentor) acumulou 27 títulos estaduais, sendo assim o maior vencedor entre os clubes do futebol paraibano, além de um título da serie D (4ª divisão nacional), no ano de 2013, maior feito da historia do futebol paraibano.

i. Treze Futebol Clube

O Treze Futebol Clube, fundado em 1925, na cidade de Campina Grande –PB, recebe este nome devido a presença de treze pessoas na reunião de sua fundação. Maior adversário do Botafogo-PB, com quem faz o “clássico tradição”, refletindo a rivalidade existente entre as cidades de João Pessoa (capital) e Campina Grande (maior cidade do interior do Estado) e do Campinense Clube que jogam “o clássico dos maioraes”, considerado um das maiores rivalidades do futebol brasileiro.

O Treze Futebol Clube foi o primeiro time com sede fora de João Pessoa a participar do campeonato paraibano de futebol, no ano de 1939. No ano seguinte já se consagra campeão do certame estadual.

Entretanto, o torneio era realizado somente na capital do Estado e o Treze só retornaria a disputar o campeonato paraibano em 1949. Por motivos diversos, o clube alvinegro teria outra ausência no torneio, desta feita entre 1954 a 1960. Neste período, fazia exhibições pelos gramados dos bairros da cidade de Campina Grande e juntando cada vez mais aficionados.

Único campeão invicto do campeonato estadual da Paraíba conquistou este título em 1966, o que estreitou ainda mais a relação entre torcida e clube. Naquele campeonato, o presidente do Treze Futebol Clube, Edvaldo de Souza do Ó, por motivos políticos e pessoais com a imprensa de Campina Grande, proibiu a transmissão dos jogos do clube pelas rádios da cidade. Assim, a cada jogo, o presidente do clube mandava que gravassem a peleja que era transmitida no dia seguinte em carros de som como se fossem ao vivo, juntando multidões para acompanhar e vibrar com os lances e resultados do clube.

Conhecido como “Galo da Borborema”, referencia feita ao numero treze no jogo do bicho, o Treze Futebol Clube possui um Estádio particular onde abriga seus jogos, o “PV”, Presidente Vargas, e a maior torcida do Estado da Paraíba Segundo o IBOPE, estima-se que

62% da preferência por times locais na Paraíba seja do Treze Futebol Clube, representando cerca de 600 mil torcedores.

Apresentado e delimitado o campo em que circularam os atletas que entrevistei continuamos com a descrição metodológica.

j. O torcedor em campo

Desde a infância ouvia meus tios e avô materno falarem dos craques que embalaram o futebol paraibano, principalmente contando as histórias míticas dos quatro principais clubes deste Estado: Treze Futebol Clube, Campinense Clube e Botafogo Futebol Clube e Auto Esporte Clube

Os nomes de muitos dos ex-atletas entrevistados sempre fizeram parte do imaginário lúdico deste pesquisador. Pensar em encontrá-los, pessoalmente, foi minha primeira grande reflexão em relação a minha entrada em campo. Lembro das observações e experiências de Roberto Damatta(1978), Velho(1978), Waquantt(2002), Whitte(2005), Malinowsky(1978), Franch(2008), Oliveira (1996), como referencias as vésperas do início de trabalho de campo, e registro, neste momento de descrição de minha pesquisa, o quanto é essencial não achar que há um acúmulo de experiência tanto de conteúdo teórico, quanto principalmente, de experiências pessoais de vivências e observações etnográficas suficientes para largar de mão os pilares principais de toda sua construção como pesquisador.

A ansiedade normal a cada dia de pesquisa, é amortecida com a companhia desses trabalhos anteriores. Nesta pesquisa, por exemplo, “observando o familiar” texto de Velho (1978), foi de grande importância ao revê-lo com outra perspectiva, quando o fiz dando a este texto uma leitura através de uma experiência própria de memória afetiva. Isto, pois, aquelas personagens que eu iria entrevistar, por mais que fosse a primeira vez que os encontraria pessoalmente, faziam parte de minha história, de minha consciência.

Afirmo que este foi um grande exercício metodológico: (re)ver, (re) ler, (re)interpretar, (re) observar e (re) construir cada experiência minha de leitor e pesquisador, como fosse uma vivência primeira. Este exercício permitiu retraduzir minhas vivências e facilitou algumas problemáticas que surgiram em campo.

Minha relação com a etnografia, com a observação participante, sempre foi um aporte em minhas pesquisas anteriores, como colaborador ou mesmo pesquisador, sempre houve uma praça, um bairro, uma rua, um shopping, um bar, um hospital ou clube, em minhas construções sociológicas. Colher entrevistas e analisá-las friamente, eram uma preocupação presente em minha preparação. Porém, como disse anteriormente, o campo traz as saídas e os insights que só a prática permite.

Nesta direção, aqui se faz necessário reportar-me a um texto lido há um bom tempo e retomado como exercício. Um exercício que trouxe implicações irreversíveis para pesquisa. Em “o trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever”, Roberto Cardoso de Oliveira (1996) coloca que quando nos sentimos “aptos” ao campo, já vamos, como pesquisador, marcados ao objeto. Nosso olhar “já foi previamente alterado” (OLIVEIRA, 1996, p.3).

Neste caso especificado no texto, fala-se da preparação teórica e conceitual do objeto. Este “olhar” é refratário, indica o antropólogo. Contudo, no meu caso específico, essa refração deu-se pela paixão. Minha paixão pelo futebol foi feixe de luz na pesquisa. Todavia, revelou-se uma “faca de dois gumes” durante o processo de etnográfico e metodológico.

k. A paixão pela bola

Não lembro quando o futebol entrou em minha vida, mas não me conheço sem futebol. Meu caso confunde-se com o de milhões de garotos que ainda nem nasceram. Por isso, trazendo Marcel Mauss para a análise sociológica do esporte, podemos afirmar que o futebol é um fato social total, talvez um dos mais profundos na sociedade brasileira.

É no futebol que nossa ludicidade potencial se manifesta de maneira mais totalizadora e abrangente. Estampado na história social da nação como epifenômeno de alcance grandioso e estruturante, o futebol é organizador da compreensão sociológica de nosso *ethos* (MURAD, 1997.p.49)

Boa parte das crianças brasileiras cresce apurando este sentimento pela bola de futebol. A rua, a praça, o terreno baldio, a escola, são todos espaços que embalam a ludicidade dos meninos e meninas do Brasil.

No meu caso foi algo muito profundo para minha identidade. A minha família materna é rodeada em torno de futebol. Meu avô, patriarca desta família, demonstrou toda a sua vida enorme paixão pelo futebol. Passando esse sentimento como herança para dez filhos e filhas e trinta e dois netos e netas, que absorveram o “fanatismo” pelo Treze Futebol Clube. Assim se formaram quatro gerações de torcedores em torno do velho apaixonado por futebol.

Porém, muito marcante era a forma de se entender essa identidade dentro da família. Havia um rito de passagem. A mudança de condição ocorria indo ao campo de futebol assistir os jogos do Treze Futebol Clube. Contudo, antes disso, durante algum tempo se ouvia dezenas de histórias do clube, dos jogos, dos jogadores, a relação que meu avô tinha com a maioria deles nas décadas de 60 e 70. Todos estes aspectos integrando a história do clube aos sentimentos e acontecimentos familiares.

No estádio de futebol, definitivamente, ainda criança, fui integrado ao sistema de valores que torcer para “o galo” significava muito para meu avô e meus tios. Desta forma iniciei minhas memórias mais delicadas sobre o futebol e a família de minha mãe. Dentro de um campo de futebol foi se formando todo sentimento de pertença que a atmosfera de uma arquibancada transfere. Sentimento que não me escapa e me sustenta até hoje, mesmo após o falecimento deste meu avô.

Aprofundei minha relação com o futebol frequentando muito os estádios; ouvindo jogos pelo rádio e acompanhando programas esportivos locais. Por estes caminhos me tornei

um grande aficionado pelo futebol da Paraíba, algo inclusive incomum no campo esportivo deste estado. Mesmo torcedor do Treze Futebol Clube, acompanhei e acompanho jogos de todos os clubes paraibanos, inclusive dos rivais de minha agremiação, o que sempre garantiu este meu laço com o futebol local, num processo identitário que marca profundamente minha personalidade.

Sobre isso, lembro um técnico espanhol que treinava a seleção boliviana de futebol na copa do mundo de 1994, que disse: “joga-se como se vive”. Entendo que essa expressão também cabe ao modo de torcer e de se identificar com um clube e uma torcida. Posso dizer que se torce como se vive.

A reação e absorção do que é o futebol na Paraíba e suas torcidas, me fez imbricar este sentimento, como já afirmado, reflete o que sou hoje. Diz um teórico do futebol, Franco Junior:

O futebol permite a formação de identidades grupais em torno de clubes, pelos quais se tem dois sentimentos: ou simpatia, literalmente “afinidade natural”, isto é, solidarização do indivíduo com alguém sem que se coloque no lugar dele; ou empatia, “mesma paixão”, ou seja, identificação pela qual o indivíduo se coloca no lugar do outro. Mas os dois convergem para o amor (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 319).

Os jogos que acompanho é uma forma de realimentar este sentimento que continua sendo construtivo em minha personalidade. É orgânico. Um sentimento de pertença que afirmo ser o maior elemento do futebol.

Recorro a Durkheim na tentativa de entender esta relação. Fazendo um paralelo com sua análise em “as formas elementares da vida religiosa” (2000), sobre o fenômeno religião. O torcedor (indivíduo) se reconhece como membro de uma coletividade (clube, torcida) que o ultrapassa, o transcende.

Arlei Damo (2007) apresenta uma faceta deste processo que representa bem essa experiência, o clubismo. Este seria um sistema complexo de práticas e crenças em torno do

clube de futebol envolvendo os seus *habitus*, cores, bandeiras, hinos, região geográfica e política do país. Uma espécie de “totismo moderno”. Este laço que não é construído aleatoriamente, persegue o indivíduo que geralmente - e foi em meu caso - adquire desde a infância e envolve diversas possibilidades. Observemos a análise de Damo:

Ao pertencimento clubístico, que na origem é construído por laços afetivos emprestados do familismo, estão tomados de elementos de ordem econômica, social, cultural e, como não poderia deixar de ser, valores e identidades locais, regionais e nacionais (DAMO, 2007, p.66).

Particularmente, meu clubismo foi gradativamente fortalecido por valores culturais e identidades locais e regionais. Tornei-me, por isso, um defensor do futebol paraibano. Um torcedor do Treze, porém, identificado com o futebol paraibano como fenômeno social e seus atores como personagens gigantes.

Como não existe torcedor isolado, a minha paixão pelo futebol local me levou ao contato de estádios, clubes, torcidas, cidades e comércio em torno do espetáculo. Construindo-me simultaneamente como torcedor, indivíduo e cidadão, aspirando culturas por essas jornadas esportivas. Fui e sou o que Franco Junior (2010) chama de torcedor que busca o prazer do jogo em sua individualidade, mas que acaba, pela própria condição, diluído na massa. Esta condição me trouxe um aporte mnemônico valioso. Vi centenas de atletas de futebol desfilarem seus talentos pelos gramados do futebol paraibano. Torci por vários deles. Li e ouvi muitas histórias, principalmente contadas nas rodas de familiares, inclusive, histórias de jogadores bem distantes de minha geração de torcedores. Todo este arcabouço lúdico e concreto traspassou a escolha deste tema de pesquisa.

1. O Pesquisador-torcedor

Esse olhar de torcedor foi a maior complexidade em campo, me tomando o tempo inteiro na pesquisa. Cardoso (1996) fala da relação entrevistador/entrevistado, inclusive, no

poder que impõe o gravador. Não há dentro de uma perspectiva tradicional nenhuma possibilidade de uma relação horizontal, se esta não for proposta tendo o informante em interlocutor “sem contaminar o discurso do nativo com elementos de seu próprio discurso” (CARDOSO, 1996, p. 9). Mas quando ocorre o contrário? Ou seja, quando o discurso do informante transforma a percepção do entrevistador?

Essa foi a mais complexa passagem desta empreitada metodológica. Entrevistar personagens que fazem parte de meu imaginário desde a infância e que - como alguns - se encontram numa situação de extrema miséria, aliás, sempre viveu, mesmo em tempos de jogador profissional, fez-me ir afetado ao diálogo e acabou inclinando para uma imagem de decepção (ou compaixão). Como aquele ídolo poderia ser um homem solitário, sem perspectiva econômica alguma, sem o reconhecimento?

Algumas narrativas semelhantes de ex-atletas, me levaram inconscientemente ao discurso do senso comum. Fui levado nas entrevistas a alguns momentos de recordação de meu avô e suas histórias, das minhas imagens de jogos que nem vi. Não foram poucos os momentos em que acabei deixar-me ir ao clima das descrições. Esta análise fiz há tempo, porém, ao reler, refletir e tentar entender o que senti e o que significava sociologicamente cada fala. Este distanciamento se deu semanas depois, em casa, em silêncio.

Devo aqui confessar um pecados? Diante das transcrições das entrevistas e leituras de minhas abordagens e percepções estão os informantes. Contudo, in loco, não eram só informantes. Eram muito mais do que isso. Eram troféus, calhamaços de fotos, recortes de jornais, histórias emocionantes e emocionadas, como a de um famoso lateral do Campinense Clube que vestido de vermelho e preto, em casa em que morava de favor, já em idade avançada, batia os pés no chão ao contar um lance importante de um jogo interestadual que participara na década de 1960 e, empolgado, fazia referência com seus próprios pés a ação daquele jogo e me olha pondo as mãos sobre a testa e com um grande sorriso e diz: “cara

como aquilo foi lindo, pena que não existe imagem daquilo”. Ali não vi informante. Talvez, nem fosse eu sociólogo. Só vi um craque. Um herói do passado.

Algumas vezes isto se repetiu em campo. Revejo e reflito isto aqui. Tempos depois, transformando aquela experiência em texto formal, analiso e percebo cada clima criado. Uma atmosfera criada mais por eles do que pelo pesquisador, que se deixou envolver por muitas vezes, sem nenhuma neutralidade. Pecado? Cardoso (1996) fala do ato de escrever, pela reação que causam os gabinetes, chamando, desta forma, a atenção para indissociação entre pensar e escrever. Assim, escrevendo, finalmente analiso minha ação no campo nem como certa, nem errada, mas como sendo a real. Talvez, a possível.

A experiência vivida durante a pesquisa era inevitável, desde a escolha do tema. Sendo eu o pesquisador, o entrevistador, e agindo de forma correta diante daqueles informantes, teria que ter a reação que demonstrei justamente pela essência de quem se travava e suas importâncias como objeto sociológico. Cheio de dúvidas diante de algumas passagens etnográficas e refletindo sobre elas, tive o insight. O futebol e seus personagens trazem essa magia. Como diz Eduardo Galeano,

Ninguém tem nada com essa loucura que faz com que o homem seja menino por um momento, jogando como um menino que brinca com um balão de gás e como um gato com novelo de lã: bailarino que dança com uma bola leve como um balão que sobe ao ar e o novelo que roda, jogando sem saber que joga, sem motivo, sem relógio e sem juiz. (GALEANO, 1997, p.10).

O jogador de futebol provoca isso. Ele é o centro motriz pela paixão do futebol. Diante de alguns deles, por instantes, virei meu crachá de cientista social e, em seu avesso, um menino que ouvia sobre sua própria história. Sem dúvidas, fui meu maior informante e por meio deste *antropological blues* (DA MATTA, 1978) apreendi meus principais dados.

Nesta perspectiva, o trabalho abordará os perfis de jogadores aposentados, mostrando como esta relação com os agentes da pesquisa desenharam o mapa de construção e análise

dessa pesquisa. Foi em contato com os ex-atletas, colocando-me sempre numa relação dúbia de pesquisador-torcedor que este trabalho transformou-se e ganhou vida.

m. O Beco dos Pneus

Duas entrevistas. Isto que eu tinha naquele dia de outubro. Consegui através de um amigo que trabalha em Campina Grande. Como costumo fazer em pesquisas, marquei as entrevistas alguns dias de antecedência para fazer um pequeno levantamento do perfil dos entrevistados e assim, me preparar melhor possível para as conversas, mesmo sabendo do risco de que nada direcionado pelo roteiro aconteça na hora da entrevista.

Deste modo, foi marcada a primeira entrevista com um famoso ponta direita daquela cidade, nos anos 1990. Ele que atuara nos dois maiores clubes de Campina Grande, Treze e Campinense, me pediu que a conversa fosse em seu local de trabalho, alegando falta de tempo para o encontro noutro local. Acatei e combinamos o encontro pela manhã de uma quinta feira, já que naquele mesmo dia, no período da tarde, iria entrevistar um dos maiores ídolos do Treze Futebol Clube, era preciso um tempo entre as conversas.

O endereço do encontro era no centro da cidade, Rua Antenor Navarro, apesar de ser natural de Campina Grande e conhecer bem a cidade, não tinha até então recordado de passagem por essa rua, e muito menos lembrava sua característica principal, era uma rua comercial de borracharias.

A Rua Antenor Navarro tem cerca de 400 metros e fica paralela a uma grande avenida do centro comercial da cidade, a Rua João Pessoa. Marcada por pneus em toda a extensão de suas calçadas, além das marcas e cheiro de óleo e borracha. Apresenta dimensões restritas: Muito curta em comprimento e com largura menor que as ruas principais do centro, deste modo, ganhando a alcunha de Beco dos Pneus.

n. O ex-ponta e o bar do paulista

Cheguei as 09h no beco dos pneus, como havia combinado com o ex-craque. Ao estacionar meu carro foi perceptível o clima da rua. De imediato ao adentrar na borracharia do "ex-ponta" me cativei com o clima do local: fotografias de mulheres nuas, carros e futebol eram os adereços que enfeitavam cada espaço que se caminhava. Uma atmosfera muito favorável a minha pesquisa, que indiretamente passeia por esse universo masculino.

A expectativa que tinha em entrevistar o "ex-ponta" aumentou diante daquele ambiente. Havia lido e escutado algumas coisas sobre ele. Além do primeiro contato que tinha sido muito bom. Extrovertido, o homem de quarenta e cinco anos de idade, que teve sua carreira marcada em passagens por equipes do Nordeste brasileiro, jogando principalmente pelo Campinense Clube e pelo Treze Futebol Clube, sendo ídolo das duas torcidas entre as décadas de 1980 e 1990, mostrou-se muito disponível a pesquisa e transparecendo para mim que seria uma grande experiência a ser absorvida.

Na borracharia, o ex-jogador atendia dois clientes e me pediu pra aguardá-lo, porém, fez questão de anunciar em alta voz, a um de seus colegas de trabalho: "o rapaz que vai me entrevistar chegou, quando eu atender esse cliente vou dar uma escapadinha para falar com ele".

A palavra entrevista chamou a atenção dos clientes que vieram me perguntar do que se tratava. Expliquei em linhas gerais a pesquisa e que aquele homem que os atendia era um ex-jogador de futebol. Os clientes gostaram do tema e começaram a perguntar sobre sua carreira, os títulos, as mulheres. Mas, apesar da curiosidade, era nítido o sentimento deles de que "se tratava, enfim, de um simples borracheiro".

Ao fim da negociação entre eles, fui convidado a ir a um bar próximo da borracharia. Ficou claro, para mim, que ele tinha feito esse convite de propósito. Apresentou-me a todos do bar como se eu fosse um jornalista. Trazia consigo imagens, fotos de jornais de sua época

de jovem atleta do futebol nordestino e lembranças das mais diversas possíveis, desde relações com mulheres até as tristezas de perda de jogos.

Ao redor da mesa formou-se uma “arquibancada” de pessoas, a maioria sob o efeito de álcool, curiosas sobre aquilo que acontecia naquele instante. O borracheiro, diante de um gravador, parecia ser algo indissociável do cotidiano daquele ambiente. Um desses expectadores, de forma inclusive maldosa resmungou “ele, dando entrevista, já era”. Na mesma hora, a maioria das pessoas o reprimiu e ali foi sem dúvida, após anos, um momento que o “ex-ponta” ressurgia como protagonista.

O início da entrevista me incomodou um pouco, devido a situação posta. Não era confortável para mim, como “entrevistador”, nem o barulho do local, nem aquela dezena de pessoas próximas, às vezes dando opiniões sobre as palavras usadas pelo ex-jogador ou cochichando ao lado. Porém, aos poucos, percebi que aquilo era justamente a essência de minha pesquisa, de meu interesse sobre as complexidades dessa profissão e desses personagens. O borracheiro voltou por um instante a ser o craque do Campinense e do Treze. Aquele que todo dia de treino ou de jogo concedia entrevistas a rádios, jornais e televisões locais. Aquele que tinha seu nome chamado por milhares de torcedores e admiradores e que há décadas não sentia essa satisfação.

Ao fim da entrevista, quando agradei a disponibilidade com a pesquisa, ele me disse: “você não sabe como eu que te agradeço”. Quando cruzamos a porta do bar e ganhamos as calçadas, um dos anônimos e curiosos que acompanhava atento minha conversa com o ex-jogador gritou ao longe: “valeu meu jogador, pelo que foi, tinha condição de estar jogando até hoje”. O borracheiro, sem olhar pra trás, mas ouvindo o que foi dito, esbanjou um sorriso até então não visto aquela manhã.

A entrevista foi um instante de protagonismo que aquele “ex-craque” fez questão de criar. Aquilo foi um momento de consciência do pesquisador. Ali comecei a entender mais

profundamente o espírito dos agentes de minha pesquisa. Haveria uma troca muito direta entre pesquisador e pesquisado. Eu, ao empunhar um gravador de voz, seria um instrumento de renascimento, nem que fosse por alguns minutos, daquele passado de êxtase, de fama, de protagonismo que há tempos se perdeu e tanto marca a identidade desses ex-atletas.

Eu já estava completamente satisfeito por todas as questões que me foram expostas e pela própria situação criada pelo ex-atleta entrevistado, quando um dos observadores da entrevista no bar veio falar comigo: “porque você não fala com o “ex-zagueiro” e com o “ex-atacante”. O primeiro nome citado por ele eu não conhecia, porém, o segundo era muito famoso, já havia jogado em clubes de renome nacional, inclusive, já o conhecia através de muitas histórias contadas pelos meus tios e avô. Perguntei: “você tem o contato dele?”. Ele sorriu e disse: “rapaz, eles trabalham aqui também cada um em sua borracharia”.

Minha reação foi de surpresa imediata. Não só por ter alcançado duas entrevistas importantes, apesar de ter sido de forma tão inesperada, confirmando as dádivas que o campo de pesquisa oferece, mas, principalmente, de sentir o cheiro de boas histórias. Por que tantos ex-atletas num espaço como aquele? O que os lavaram para um local de mercado pequeno e capacidade técnica tão limitada?

Falei com o ex-atleta que acabara de me conceder entrevista e ele me confirmou a informação me levando até os borracheiros que também tinham jogado profissionalmente.

o. A resignação do bom zagueiro

Ao chegar a borracharia do ex-zagueiro que jogou em vários times do norte e nordeste, encontrei um cidadão bem vestido (com vestimentas diferentes das de seus colegas de beco dos pneus) e muito gentil. Solicito, em pouco tempo de conversa foi possível perceber a diferença de comportamento de seus colegas.

Enquanto aguardava-o passar instruções a um colega, sentei num amontoado de pneus com a sensação de constrangimento diante daquela situação. Será que estou sendo invasivo à situação deste entrevistado? Por mais que houvesse solicitude por parte dele e da cena criada pelo ex-ponta direita há pouco no bar do Paulista, será que vê-los numa distancia tão grande dos holofotes do futebol não seria um problema àqueles jogadores?

A borracharia era bem pequena e o cheiro de borracha muito forte. Desconcentrante. Num ato completamente oposto ao do “ex-ponta” que há pouco entrevistara, o ex-zagueiro não quis muito movimento em torno daquela conversa, inclusive, pediu para que os dois colegas que ali estavam se afastassem por um tempo, tempo de seu depoimento. Então, fechou o portão da borracharia pela metade e acendeu uma pequena luz de canto. Sentou-se próximo de onde eu me encontrava e disse:

- Você realmente quer saber de minha história? Tenho muito a oferecer não.

- Iremos falar de futebol, isso você tem muito a nos dá. Disse empolgado para quebrar o clima.

Mas ele retrucou, mesmo que sorrindo:

- Não gosto de futebol!

Não gosta de futebol hoje? Falei em replica.

- Muito menos. Eu não gosto de futebol, em geral.

Não tinha ouvido aquele tipo de depoimento, até então, muito menos entendi naquele momento, o que ele quis dizer. Mas ao desenvolvimento da entrevista captei o sentimento do ex-zagueiro, que se dizia um bom defensor.

O que o ex-atleta e agora borracheiro transmitia em sua fala era o mesmo sentimento que outros ex-jogadores transmitem, de formas distintas, mas sempre amarga a sensação que a bola traz para alguns ao fim da carreira. Já ouvi de um ex-atleta, famoso em João Pessoa, que a bola é ingrata.

O nosso personagem, que morou em muitas cidades do norte e nordeste brasileiro, teve alguma fama em sua trajetória, nos anos 80 principalmente. Mas segundo, ele próprio, uma vida que não o completava: “A carreira de futebolista é algo estranho. Em um ano você pode estar em duas cidades diferentes. Às vezes se criam relações, outras não. E no fim da carreira você tem que definir. Voltei pra campina grande e virei borracheiro. Sabe o que o futebol fez com tudo isso? Nada”. Com frieza, o ex-zagueiro, de olhar desconcentrado, falava o tempo todo ajeitando as bordas de um pneu gasto pelo tempo. Assim, continuava sobre sua relação com o futebol:

Não sofri com o fim da carreira. Não como vejo muitos jogadores por aí, conheço alguns que se perdem mesmo. Mas vou dizer porque sabia o que vinha pela frente desde a metade da carreira. Não me deixei levar. Eu tentava viver normal. Acho que essa foi minha vantagem. A borracharia é normal. O futebol é normal

Os poucos mais de quarenta e oito minutos de entrevista com aquele borracheiro valeu pela sua franqueza e bom trato com as palavras. Trazendo, entretanto, uma visão de futebol que me foi muito rica. Uma visão resignada quanto ao fim da profissão e seu desprender-se e recolocar-se no mundo social sem ansiedades maiores devido a aposentadoria.

O ex-atleta não trazia mágoa ou euforia, nem nostalgia, nem desprezo ao que fez em sua juventude, atuando como jogador profissional de futebol. Ele era um homem comum em meio a tantos outros que tentam ganhar a vida naquelas oficinas e borracharias.

p. Um craque diferenciado ou a sombra dos gramados?

Saio da meia luz da borracharia do ex-zagueiro e meus olhos queimam ante o sol de quase meio dia. Era hora do almoço. Hora esta que levou o outro ex-atleta que eu iria conversar no beco dos pneus, ao intervalo. Decidi fazer o mesmo e quando estava indo em direção ao meu carro, um homem magro e de aparência jovem que se encontrava encostado noutro automóvel me interpela:

- é você o rapaz que está conversando com ex-profissionais?

Respondi que sim.

Ele rebate de forma altiva:

- Pois, bem, (disse seu nome) sou um ex-atleta e daqueles raros viu?

Curioso, perguntei

-Por quê?

Ele responde sorrindo:

- Pois, jogava muito, mas parei cedo demais, com 26 anos.

Entramos em sua borracharia, confesso que carregava desconfiança naquele discurso, pois o que foi me dito por informantes no beco dos pneus era que tinham três ex- jogadores que ali trabalhavam, porém, decidi arriscar e ouvir o que tinha a dizer aquele nosso novo informante.

Um ex-jogador de meio campo na década de 1990, aquele borracheiro havia jogado no Campinense Clube e desde sua adolescência se dedicara as cores rubro negra. Ele mesmo se dizia um jogador de bom nível, mas, de mais esforço do que técnica, o que segundo ele próprio atrapalhou sua carreira.

Eu poderia ter tido mais sucesso no futebol. Mas me faltou mais chance, não tinha muitas oportunidades. Acho que merecia ter tido mais oportunidades. Porém, estava sempre ali jogando os jogos profissionais com o campinense.

Ao perceber a estagnação em sua carreira profissional como atleta e sem muitas expectativas de crescimento e mudança, o “ex-meia” decidiu para de jogar. Tinha vinte e seis anos. O fator financeiro foi o maior responsável pelo final precoce. “Eu percebi que não daria para ir mais longe. Jogava esporadicamente como titular. Não tinha outros clubes maiores para mim. Precisava pensar na minha vida para frente. Decidi então, procurar outra coisa”.

Foi através dos atletas que ali trabalhavam que ele chegou no ramo da borracharia e se fixou no comercio do beco dos pneus. “É um bom negocio. Consigo sobreviver aqui. Não é

como o futebol. Jogar futebol tem adrenalina, tem viagem, tem tensão. Aqui tenho uma vida financeira certa. Um emprego bom e normal”.

O depoimento deste ex-atleta do campinense clube foi interessante e digno de registro, principalmente, por apresentar um teor diferente de qualquer atleta que convivi e conversei. Ele não sentiu o gosto da fama. Jogador mediano, não foi ídolo na cidade, nem mesmo em seu clube. Não marcou história. Não ganhou dinheiro, não deu entrevistas a rádios ou jornais. Foi profissional, como cada um que entrevistei no beco dos pneus, mas não teve para o torcedor, maior sentido para o futebol, grande importância. Algo que sentia muito, sentimento perceptível em sua fala, sempre fazendo questão de frisar sua qualidade e falta de oportunidade.

O futebol que para o ex-zagueiro que entrevistamos naquelas borracharias, era uma profissão que ele soube ter frieza diante dos momentos de êxtase e decepção, para este “ex-meia”, era uma frustração de quem dedicou boa parte da juventude e não alcançou sucesso. Mesmo tendo vivido o dia-dia do futebol, o sentimento de fracasso para ele é confirmado nas minhas conversas informais com seus colegas borracheiros, que não sabiam de seu passado de atleta ou quando sabiam era bem pouco e não davam muita importância.

A fama, glória e dinheiro, tripé mais atraente e perseguido por todos que desejam ou jogam futebol profissionalmente, não passou de forma marcante neste caso, não foi sentido durante seus dias dentro de campo, fazendo-o ficar a sombra do que outros profissionais da bola conseguiram. Decepção que o levou a abandonar a carreira.

As conversas informais com os frequentadores do “beco” foi um excelente parâmetro para entender a carreira daqueles ex-atletas, agora borracheiros. O orgulho que alguns tinham em relação ao convívio com homens que marcaram a cidade, em algum momento era interessante. Se por um lado, sabia-se que aqueles borracheiros foram pessoas públicas, ao mesmo tempo, existe um ar de desapontamento em vê-los sem as glórias antes conquistadas

nos gramados. É o caso do ex-ponta esquerda que iria entrevistar. Ao falar sobre ele, rapidamente todos com quem conversei disseram: “ele foi um dos maiores jogadores de campina Grande. Difícil de encontrar um jogador desses”.

q. O grande craque do beco

Conseguí então encontrar com o famoso ex-ponta esquerda de times de Campina Grande, do Clube Atlético Mineiro e até mesmo de clubes de outro país. No primeiro contato, percebi que o ex-atleta não estava muito disposto a falar comigo. Porém, ao saber que todos ali já tinham conversado e não havia tido problema algum, ele veio e disse: “está a fim de ouvir um historia difícil?”.

A conversa com ele não foi na borracharia, sobre pneus, nem no bar sob olhos atentos. Conversamos sentados ao meio fio da rua. Somente nós dois sob a sombra de um carro, falamos sobre bebidas, fama, mulher, dinheiro, revolta, abandono... Em meio a entrevista, deixei o roteiro em segundo plano. Habilidoso também com as palavras, ele estava respondendo como fosse o que eu queria ouvir. Respostas diretas. Manual de jogador. Então me deixei ser levado a sua fala e sem intervenção que não o levasse as questões mais pessoais, era o que mais cativava a mim e a ele.

Sua fala sempre exaltava sua capacidade como jogador: “poucos jogaram como eu”. Falava de seu ”dom” e como isso deu oportunidades de conhecer o mundo, onde ele mesmo diz: “nunca seria possível chegar”. Porém, o ex-ponta-esquerda, falava com mais amargura do que orgulho de sua trajetória profissional. Tinha mágoa em seu depoimento, não pelo que ele fez ou teve nesse trajeto, mas pelo o que aconteceu após o sucesso.

A carreira desse nosso personagem foi longa e sua trajetória foi muito além daquelas desenhadas no interior do nordeste. O ex-ponta jogou em clubes da Paraíba e conseguir galgar degraus no futebol até chegar num clube de renome nacional. Jogar primeira divisão. Até

mesmo jogar fora do país. Tendo assim, sua carreira e seus ciclos todos completos e alcançado sucesso absoluto em suas expectativas.

Porém, como ele mesmo afirma, marejado nos olhos, “o futebol quando se levanta demais, se não souber derruba muito pesado” e foi justamente o que aconteceu com ele. Durante a carreira de profissional da bola, adquiriu imóveis, carros, viagens, dinheiro etc., mas teve percalços que assombram muitos atletas de futebol. Pouca habilidade com administração financeira e pouco planejamento, com o passar do tempo viu-se diante de contratos menores e uma queda nos rendimentos financeiros que não esperava. “Tive no auge. Grande salário. No atlético mineiro eu estava ótimo. Jogava muito bem, ganhava muito bem. Aproveitava da melhor maneira possível. Mas não pensava que aquilo acabaria”.

Mas, via seu dinheiro acabar. Os empresários se afastavam. Os contratos diminuía, então decidiu parar de jogar ao sofrer uma contusão, isto já de volta a campina grande jogando em clube sem expressão na cidade. Sentiu-se abandonado e traído por todos e com o pouco dinheiro que lhe restara depois de tantos anos de carreira profissional, isolou-se.

Já se sentindo confortável em seu depoimento, o ex- ponta esquerda, confessou suas maiores angustias. Admitiu a depressão e o álcool. Não conseguia aceitar a vida que tivera e a que imediatamente ao fim da carreira estava tendo. Alguns poucos amigos e familiares o consolaram durante este tempo. Seja este acompanhamento em mesas de bares ou na tentativa de retorno ao mundo do trabalho e gosto pela vida. Assim, depois de alguns anos, ele foi convencido a entrar no mercado de pneus. Juntando-se a alguns ex-atletas que já estavam na profissão e assim como ele tiveram que se organizar depois do sonho de ser jogador profissional. Uma tentativa de se recolocar não só economicamente, mas socialmente.

Hoje, no “beco dos pneus”, o “ex-ponta”, como ele mesmo diz, conseguiu superar relativamente seus traumas e a fase mais difícil. Apesar de sofrer “um mal que nunca terá volta” que é ainda se sentir jogador de futebol, tenta assim como todos os naquele beco,

garantir o sustento da família, porém, aquele ex-atleta nunca será igual a todos que ali pelejam. Pois como dito por um dos informantes que conversei naquela rua “o ex-ponta é um herói da cidade” e assim ele, mesmo sem ser reconhecido por isso, não se desprende de sê-lo.

r- O silêncio da esquina

Outro importante personagem nesta caminhada, foi o ex-atacante, jogador do Treze e Campinense, que morava no bairro em que passei uma parte de minha infância em Campina Grande-PB, na tradicional Bela Vista.

O ex-atacante tinha setenta e dois anos e foi o ex-jogador mais velho que conversei. Foi atleta profissional nas décadas de 1960 e 1970, nascido em família de jogadores profissionais, juntamente a outros dois ex-craques completavam a famosa trinca de irmãos que marcaram época no futebol da Paraíba.

Voltando a minha familiaridade com aquele que era e não era meu conhecido, o ex-atacante encontra-se em situação muito precária. Vive numa habitação cedida, que se localiza muito abaixo das possibilidades mínimas de salubridade. Conhecido no bairro da Bela Vista por um apelido, não é a sombra, para os seus vizinhos de comunidade, do ex-atacante de décadas passadas, famoso e herói de sua torcida.

Sempre sentado na esquina da Rua Cônego Pequeno com a Idelfonso Aires, o ex-atacante é um indivíduo solitário de ar triste e esquecido. Quando comecei minha ideia de estudar ex-atletas de futebol, sempre estive certo de que ele seria um dos personagens de minha pesquisa. Até que chegou o dia de sentarmos pra falar sobre sua experiência.

Era um início de tarde e como há décadas, nosso personagem encontrava-se naquela mesma esquina, seu lugar preferido, sentei ao seu lado e começamos a conversar. Na primeira frase dita por mim:

-Boa tarde, (chamei-lhe pelo apelido), vamos falar um pouco de sua carreira, houve uma correção por parte dele que pra mim foi surpreendente e marcante,

Disse ele: Este ai não jogou futebol, quem jogou foi (disse seu nome de atleta).

Aquilo me intrigou não só pela frase, que por si só era intrigante, mas pela expressão de seu rosto que logo mudaria a tom imperativo:

Este apelido de outros tempos e aqui na Bela Vista, o pessoal assim, me chama, mas quando eu chego no “calçadão”¹, as pessoas me chamam e conhecem por (nome de atleta) . Por lá ando com médicos, advogados e todos me têm como o grande jogador que eu fui.

Sempre tentando exaltar sua presença em outros espaços, que não a Bela Vista, e aquela esquina, símbolo da inércia, de todos os seus pares de comunidade. Este ex-atacante é um dos clássicos casos de ex-jogadores com o qual a bola foi deveras cruel. A bola o abandonou ao marasmo do anonimato. O mais vil deles, o que não respeita o tempo de relação que mantiveram. Mesmo assim, como um amante desprezado, porém, insistente, o ex-atacante tentou continuar seu contato com o futebol, para estar, mesmo de que em outra função, perto da bola. Neste empreendimento, tentou ser arbitro de futebol amador em Campina Grande, criou escolinhas em bairros periféricos, mas a bola sempre o abandonou. O tempo biológico foi carrasco na relação dele com o futebol. Deste modo, tornou-se apenas lembranças adormecidas sob as sombras daquela esquina da Bela Vista.

r. O maior jogador do Treze

Desde os primeiros contatos que tive com torcedores e ex-atletas, a frase que mais se repetia era: “Você já conversou com o “ex-meia”?”. Eu já tinha contato com ele, conseguido por uma colega/informante, que trabalha em Campina Grande na Companhia de Habitação Popular da Paraíba – CEHAP- e fazia um trabalho de acompanhamento social com famílias com renda abaixo de dois salários mínimos. Dentre estas famílias encontrava-se a deste ex-

craque do Treze Futebol Clube, que acabou sendo contemplado com uma habitação popular do programa Minha Casa Minha Vida do Governo Federal.

Estava nos meus planos conversar com o ex-meia, em momento adiante, considerando que havia cerca de cinco entrevistas marcadas antes da sua. Mas tantas foram os questionamentos feitos sobre sua presença em minha pesquisa, que por curiosidade também, confesso, antecipei meu encontro com este ex-craque. Conhecia um pouco de sua história, já que ele é um dos, se não for o maior, jogador que atuou pelo Treze Futebol Clube, time que herdei a paixão de meus avós e tios maternos. Cresci ouvindo falar do tricampeonato do Treze de 1980, 1981, 1982 e que este entrevistado foi o grande destaque daquelas conquistas.

Mas, não era somente de glórias do passado vitorioso que ouvi falar, era recorrente o referenciarem como um jogador de sucesso dentro das quatro linhas de campo que não repetiu êxito em sua vida fora do futebol. Protelou sua carreira, mesmo sem receber bons salários, jogando em times semi-amadores e que em alguns momentos de sua carreira sua esposa o sustentava enviando pouquíssimo dinheiro pra cidades do interior do nordeste, onde ele atuava como jogador, mas não tinha o charme dos tempos áureos do início da década de 1980. Até que em meados de 1990, em decisão conjunta com sua esposa, decidiu pendurar as chuteiras, vivendo um ostracismo de uma década, desempregado, sem nenhum reconhecimento, nem de torcedores nem do Treze Futebol Clube, agremiação que afirma: “ajudei a construir”.

Combinamos de nos encontrar em horário de almoço, intervalo de seu emprego, conseguido, após anos vivendo de bicos, como segurança de uma empresa terceirizada que presta serviço a Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Assim, aos fundos da casa de um familiar, onde mora, momentaneamente, com sua esposa, fui recebido por uma figura atlética que orgulhosa repete sempre “não perde pra nenhum jogador desses em atividade”.

Ao entrar em sua casa fui exposto a um “pequeno santuário” de sua construção heroica como profissional do Treze Futebol Clube. Troféus, emblemas, camisas, fotos, faixas com seu nome, da torcida, dos times campeões, do velho estádio Presidente Vargas. Ali fiquei diante do maior exemplo, da ambiguidade de pesquisador torcedor desta pesquisa. Com fala mansa e jeito humilde perguntou-me: “o que você quer saber de mim?” e com álbuns, camisetas e recortes de jornais antigos em meu colo e mais torcedor do que pesquisador, naquele momento, queria conversar apenas sobre aquele time vitorioso dos anos 1980, que eu não tive o prazer de acompanhar *in loco*, mas que naquele instante era vivo nas memórias do maior personagem.

Pouquíssimas perguntas foram direcionadas pelo roteiro de entrevista, que vinha seguindo em encontros anteriores, entretanto, a relação que o pesquisador/torcedor travou naquele encontro com o maior ídolo de seu clube e toda sua biografia e realidade foi bastante intensa e rica para atizar a construção de quem são esses ex-atletas, pois, provavelmente, o ex-meia seja o maior retrato desta representação do ídolo do passado e ex-jogador aposentado.

Adiante aprofundaremos a carreira profissional de futebol e suas nuances, na perspectiva de debater o momento de aposentadoria e suas implicações na biografia desses atletas.

CAPITULO 2 - FUTEBOL: do jogo de bola a profissão dos astros

2.1 O jogo de bola

O jogo é um elemento cultural. Assim, Joham Huizinga (1980), define as atividades lúdicas do jogo. Para o historiador, o jogo é uma categoria primária da vida humana, estando intrinsecamente emaranhado no fazer do Homem. “A existência do jogo é inegável. É possível negar, se quiser, quase todas as abstrações: a justiça, a beleza, o bem, Deus. É possível negar-se a seriedade, mas não o jogo”. (HUIZINGA, 1980, p. 6).

Considerando ou não Huizinga correto, de certo temos relatos de jogos com bola desde a mais remota das civilizações. Autores como Giulianotti (2010) e Aquino (2012) vão chamar essa atividade de “futebol primitivo”. Chutavam-se bolas da Babilônia a China. Do Japão aos povos ameríndios. Cada um com suas características e nomenclaturas diferentes, mas com o mesmo objetivo: correr e dominar a bola com os pés.

Na China da antiguidade (3000 a.c) os soldados do exercito chinês chutavam as cabeças dos inimigos derrotados e decapitados. Com o tempo as cabeças foram substituídas por bolas e o jogo fazia parte dos treinamentos militares.

No Japão da mesma época, praticava-se o *kemari*, jogo com os pés, onde o sentido era o controle da bola, sem deixá-la cair. Formado por 16 jogadores, o *kemari* tinha como característica a ausência de contato físico com os adversários.

Gregos e romanos também deram seus chutes na bola. Na Grécia antiga (século I, a.c) fora inventado um jogo chamado *Episkiros*, formado por duas equipes que disputavam espaço em uma área retangular (ideia geométrica levada até hoje pelo futebol), o *episkiros* foi febre entre os atletas e militares gregos que praticavam como lazer e preparação física militar.

Roma adaptou o *episkiros*, assim como quase toda cultura grega, criando um jogo chamado *Harpastum*, extremamente violento, essa atividade permitia todo tipo de ação. A bola era um detalhe! O *Harpastum* foi praticado até a idade média.

Na América (1500 a.c), a bola e os chutes apresentavam um espírito religioso e poético. O jogo tinha uma extensão simbólica de vida e morte. Astecas, sacrificavam os derrotados num jogo de referência ao Sol. (Galeano, 2009). Jogava-se até o fim do dia e para que o sol ressurgisse cortavam-se as cabeças dos adversários e davam-lhe o seu sangue em oferenda aos deuses.

Entretanto, é o *gioco del calcio* ou *cálcio de Florença*, praticado na região central da Itália (Toscana), jogado entre os séculos XIII e XVIII, o que mais se aproxima do que chamamos de futebol moderno. Mesmo tendo algumas intervenções com a mão, naquele jogo havia arbitragem e outras intervenções para controle do jogo ante a violência. Todas essas representações dos jogos com os pés, mesmo o *gioco del calcio*, eram jogos ritualísticos, recreativos, não apresentavam regras fixas, sendo grandes eventos de exibições simbólicas (muitas vezes de violência e sacrifício) ainda bastante distante do futebol moderno e do que Nobert Elias (1992) chama de “desportivização”.

2.2 O futebol moderno

O futebol é um fato social total. É um fenômeno que ultrapassa as dimensões do lazer e do jogo, transformando-se em uma das principais alegorias das estruturas sociais de nossas sociedades. Deste modo, e não por coincidência, durante a revolução industrial na Inglaterra e todas suas nuances, surge o futebol, jogo praticado em todo o planeta até os dias de hoje. Como surge esse fenômeno e suas principais características?

A industrialização é para Elias (1994) mais um processo de transformação de comportamentos sociais que passava a Europa desde século XVI. Concomitante a este

processo ocorreu a esportivização das práticas de lazer. Este conceito cunhado por Elias e Dunnig (1992) refere-se ao processo de institucionalização e oficialização das regras do jogo. Podemos neste sentido, fazer um paralelo ao conceito de racionalização de Max Weber, para entendermos as condições nas quais o futebol emerge como esporte moderno.

Os passatempos que envolviam diversão, rituais, alegorias e subjetividade do brincar, agora se submetem a um código rígido de organização. Formam-se associações, clubes, torneios, disciplinamento intenso, tanto das instituições quanto dos indivíduos que praticam o esporte. Processo típico da época de sua gênese. Praticado, ainda como amador, o futebol apresentava um novo aspecto, em relação a outros jogos anteriores a ele, a civilidade. Praticados nas escolas da Grã-Bretanha, apenas as classes abastadas chutavam as bolas feitas de couro. As disputas dos jogos e suas regras, assim como no cavalheirismo dos lordes ingleses, eram norteadas por virtudes como liderança e lealdade. Estes eram princípios indispensáveis para a prática do jogo (FRANCO JUNIOR, 2010).

Voltando a Nobert Elias e Eric Dunning (1992), neste processo civilizador, o futebol, passa de categoria jogo para de esporte. Há uma transformação das formas de práticas e identidades daquela diversão. Aqui eles fazem uma relação entre as mudanças que sofria a sociedade inglesa do século XIX e esta esportivização dos jogos com bola. Porém, cabe ressaltar que não é feito aqui, nenhuma relação causa/efeito, mas sintoma de um processo de transformação das relações políticas, econômicas e sociais.

Este entendimento é uma pista para a compreensão do nascimento do futebol e sua condição quase imediata de fenômeno social e econômico britânico e como possibilitou transformar-se em profissão, tema deste capítulo.

Na Inglaterra, desde alguns séculos, os níveis de violência estavam em descontrole. Disputas políticas e religiosas, desde a execução do rei Carlos I, traziam ciclos de brutalidade e desconforto a sociedade inglesa. Esse processo estagna de certo modo, segundo Gebara

(1991) no século XVIII, quando configuracionalmente processos complementares desenrolam-se com o surgimento do Estado, espaços de debates políticos institucionalizados e aumento do domínio dos comportamentos, externos e internos (autocontrole), um desenho emaranhado como processo de civilidade que direciona a diminuição dos ciclos de violência. Para Elias e Dunning (1992) o futebol, elemento deste processo de civilidade, conseguiu aglutinar regras que subsidiavam o autocontrole.

A emergência do desporto como uma forma de confronto físico de tipo relativamente não violento encontrava-se no essencial, relacionada com um raro desenvolvimento da sociedade considerada sob a perspectiva global: os ciclos de violência abrandaram e os conflitos de interesse e de confiança eram resolvidos de um modo que permitia aos dois principais contendores pelo poder governamental solucionarem as suas diferenças por intermédio de processos inteiramente não violentos, e segundo regras concertadas que ambas as partes respeitavam (ELIAS, 1992, p. 49).

Desta forma, o embate entre atletas e torcedores, de maneira regulada e simbólica, através das disputas esportivas, refletia uma grande excitação, civilizada, controlada e agradável. O futebol logo se torna uma metáfora deste sentimento. Ali, dentro das quatro linhas de jogo, toda a violência e paixão se bastariam na vitória e no acirramento dos adversários. Tudo sobre a égide de regulamentos definidos.

Neste contexto, o esporte - principalmente o futebol - torna-se um fato social, cada vez mais complexo, ganhando grande significado. O futebol, segundo Dunning(1992), leva a quebra da rotina. O roteiro enfadonho e definido do trabalho operário da sociedade pós-revolução industrial quebra-se aos domingos, diante da prática daquele esporte.

O futebol, assim, foi criando perspectivas indissociáveis com a coletividade, formando identidades e favorecendo sociabilidades. Há excitação e liberdade no esporte. O gol é um símbolo de explosão de vários sentimentos humanos. Desta forma, e sob a ótica configuracional de Elias e Dunning (1992), o interesse pelo futebol e a necessidade deste lazer torna-se elemento da sociedade dando significados concretos as relações sociais.

Soma-se a isso, o processo de crescimento das cidades. Segundo Hobsbawn (2005) no século XIX ocorrem, em níveis nunca antes registrados, rotas de migrações para as cidades industrializadas. Estas cidades sem condições e planejamento para recebimento destas massas, tornam-se grandes aglomerações de pessoas ávidas por um mercado cada vez mais crescente. Diante deste incipiente mapa de consumo, o capital direciona investimento sobre espetáculos populares e de lazer.

Neste contexto, eram crescentes as médias de expectadores dos jogos oficiais organizados pela F.A (Association Football) consolidando cada vez mais o futebol como principal atividade de lazer do fim do século XIX e início do século XX. Como mostra os apontamentos do pesquisador Hilário Franco Junior.

A decisão sempre jogada em Londres foi vista por dois mil espectadores em 1872, 17 mil em 1878, 43 mil em 1893, 110 mil em 1901[...] em 1888, doze clubes fundaram a liga inglesa [...] nessa competição, o público médio foi crescente: 16.775 pessoas em 1991-2, 23.115 em 1913-14, 25.36 em 1927-28, 30.659 em 1938-39, antes da interrupção devido a guerra (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 34).

Estes dados refletem o processo no qual o esporte vai tornando-se um espetáculo bastante forte e rentável. Porém, este caminho foi marcado por uma grande disputa ideológica entre grupos sociais, políticos e econômicos. Para a elite dirigente do esporte na Inglaterra, o futebol era um jogo de nobres que deveriam ser praticados por nobres, sendo assim, um símbolo de civilidade e superioridade da cultura britânica. Neste contexto, o principal valor envolvido nas disputas era o *fair play*, onde se jogava por distinção social e diversão e não por compensações monetárias. Norbert Elias (1992) chamará esse processo de *ethos* amador. Era inaceitável para este grupo hegemônico a transformação do futebol em espetáculo.

Contudo, mesmo a revelia dos dirigentes do esporte, o futebol já estava inserido no mundo do consumo dos lazes populares tornando-se um espetáculo de grande aceitação e transformado num símbolo da espetacularização dos esportes. Várias agremiações se

formavam, que ia além das escolas da fidalguia inglesa. Diversos jogadores foram se formando campos a fora. Não havia mais possibilidade de conciliar o futebol com outras profissões. O consumo já era enorme e a pressão sobre o espetáculo exigia mais dos jogadores. Esta expectativa sobre o jogo afastava o ethos amador das quatro linhas de campo. Clubes e empresários ganhavam muito dinheiro e a conta era simples: quanto mais vitórias, mais torcedores e consequentemente mais arrecadação. Assim, o vínculo entre os atletas, as escolas, o bairro e a rua desaparece em favorecimento deste mercado. Agora se joga futebol pelo contrato:

Espera-se que realizem uma ‘atuação esportiva’, isto é, o tipo de satisfação que os dirigentes e os consumidores do desporto exigem nomeadamente o espetáculo de um confronto excitante que as pessoas se dispõem a pagar para assistir ou validação, através da vitória, da ‘imagem’ e da ‘reputação’ da unidade social com a qual se identificam dirigentes e consumidores (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 321).

Logo, clubes amadores, escolas, times de bairro e de fábricas foram se dissolvendo em negação a profissionalização. Pierre Bourdieu (1994) entende que este processo ocorreu numa esfera de disputa hegemônica por poder. Deste modo, expande o conceito de campo ao discutir esporte. Para o sociólogo francês, cada grupo social apresenta suas relações próprias, num espaço de disputa, de jogo, sendo um local de relações concretas e objetivas entre indivíduos e instituições em que está em disputa a hegemonia por um mesmo objeto (BOURDIEU, 1983). Em cada campo, há grupos que, em suas especificidades, apresentam suas linhas de interesse e demandas em disputa pelo controle do mesmo espaço.

Destarte, os campos específicos apresentam suas próprias formas de luta, mas é universal nesta disputa, a existência dos grupos hegemônicos dominantes que defendem o monopólio e conservação do poder e o que Bourdieu chamará de recém-chegados, que trazem com seu espírito os ventos da mudança e ideia de transformação de monopólio. É esta dicotomia que estrutura os campos. Neste processo, é o *habitus* que legitima o embate, são as

regras dos jogos em disputa que são manipulados pelos grupos envolvidos no campo (BOURDIEU, 1983).

Sob esta ótica, o que ocorreu no desenvolvimento do futebol moderno, foi uma disputa ideológica, econômica e social pelo monopólio do futebol. De um lado um segmento até então predominante, composto pelas classes dominantes da cultura bretã, constituída pela nobreza que não aceitava a participação dos trabalhadores nas disputas dos jogos, nem da influência do mercado em suas competições e do outro, grupos envolvidos pelas classes ascendentes da Inglaterra industrial: comerciantes, empresários e proletários cada vez mais envolvidos nesta atividade.

O campo das práticas esportivas é o lugar de lutas que, entre outras coisas, disputam o monopólio da imposição da definição legítima da prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva. Amadorismo contra profissionalismo, esporte prática contra esporte espetáculo, esporte distintivo-elite- e o esporte popular de massa (BORDIEU, 1983, p. 142).

Assim, vários fatores influenciaram na fundação e transformação do campo esportivo, especificamente, no futebol. Para Elias e Dunning(1992), foi o processo de esportivização, transição das atividade de lazer populares a atividade institucionalizada com conjuntos de regras fixas e gerais, elemento do processo civilizador que a Europa desde século XVI vinha passando, no qual inclui-se a industrialização.

Já Bourdieu (1983) entende que a negação a profissionalização do futebol, vai além das análises configuracionais. Para ele, a modernização dos jogos de lazer ocorre com intuítos práticos e políticos. O esporte é um excelente instrumento de controle social e mobilização das massas. Sob a ótica bourdieusiana, percebemos que a indústria e o capital criam naquele momento histórico, novas expectativas e gostos, novas demandas de consumo e consumidores. Neste sentido devemos entender a disputa no campo esportivo, pois o futebol encontra-se inserido neste processo.

A cada momento histórico apresentam-se grupos e agentes que consigo inferem distintas formas de consumo e práticas desportivas e todas estas novas possibilidades são resultados de embates anteriores dentro do próprio campo específico se firmando hegemonicamente como forma vigente de prática e consumo (BOURDIEU, 1983).

Associações e empresas sob o controle do grupo hegemônico de poder estimulavam a necessidade de práticas do esporte, mas sob suas ordens, sob seus olhares, enquadrando os praticantes em seus espaços de controle e poder. Enquanto do outro lado da disputa estavam às classes ascendentes que viam no controle do esporte um espaço de ascensão social, econômica e política. Esta disputa travou-se durante décadas, até que mirando o mercado e sofrendo pressões dos clubes e patrocinadores a F.A (Football Association) regulariza a profissão dos jogadores de futebol e transforma as ligas em negócio no ano de 1885 (REYS E ESCHER, 2006).

2.3 O futebol chega ao Brasil

Acompanhando o processo de imperialismo inglês do final do século XIX, vários elementos da cultura bretã desembarcam no Brasil, dentre eles o futebol. Segundo a história oficial, foi um brasileiro de sotaque bretão, filho de um escocês e uma brasileira, que trouxe as primeiras bolas e uniformes da Inglaterra. Charles Miller, menino abastado, foi desde a infância morar em southampton para concluir sua formação acadêmica e por lá absorveu a paixão pelo esporte.

Contudo, formalizar uma paternidade ao futebol brasileiro não é o tema de nosso debate, mas sim, a compreensão sociológica da gênese do futebol no Brasil e como foram construídos seus mitos e características até o profissionalismo.

O futebol brasileiro é resultado da revolução urbana que o país sofre na passagem do século XIX para o século XX. O processo tardio de industrialização (comparado aos EUA e a

Europa) traz consigo investimentos internacionais, principalmente do império britânico. Logo, empresas inglesas de gás, transporte, eletricidade, saneamento básico, se instalam nas grandes cidades brasileiras para suprir um mercado deficiente, porém, cheio de opções. As cidades cresciam e não havia infraestrutura alguma para acolher essa urbanização.

Segundo Marcos Gutermann (2009), as comunidades britânicas que vieram para o Brasil em busca do “mercado de infraestrutura” são distintas dos que foram para os EUA. Para cá, vieram britânicos de alta classe econômica, exclusivamente para realizar negócios envolvendo suas empresas. Deste modo, entre o fim do século XIX e início do século XX, pequenos grupos de funcionários e empresários do reino unido se espalhavam pelos centros urbanos brasileiros. Este dado é importante para a fundação do futebol no Brasil. Pois, justamente aqueles que detinham o capital esportivo foram os que desembarcavam no Brasil, trazendo sua cultura.

Alem disto, era recorrente que os imigrantes bretões enviassem seus filhos, nascidos no Brasil, para estudar na Grã-Bretanha e estes voltassem com novidades técnicas e esportivas de lá (caso de Charles Miller).

2.4 O futebol praticado em terras tupiniquins

O primeiro jogo de futebol realizado no Brasil foi entre funcionários das empresas Railway Company e o São Paulo Athletic Club. Brasileiros e ingleses participaram deste embate que terminou 4 a 2 para Railway (FRANCO JUNIOR, 2007). Porém, o que vale ressaltar é que este jogo e todos que assistiram ou jogaram, eram da elite econômica e social paulistana. Da mesma forma que ocorrera na Grã-bretanha, décadas anteriores, no Brasil o futebol foi jogado em seus primórdios por pessoas que compunham as mais abastadas classes sociais brasileiras.

Entretanto, aqui o futebol ganha outros contornos: jogado apenas por brancos num país recém-saído do sistema escravista e ligado intimamente ao desenvolvimentismo da primeira indústria brasileira, o futebol no Brasil vai além do ethos amador discutido por Elias e Dunning (1992) ocorrido na Inglaterra. Em terras tupiniquins, firma-se a lógica do recorte de classe, cor e região. Assim, joga futebol, neste momento da história, apenas ricos, brancos e urbanos. “No Brasil, por outro lado, o pedigree elitista permeava tudo, inclusive, a estrutura do esporte [...] aos ingleses bem sucedidos juntou-se a elite cafeeira paulistana”. (GUTERMAN, 2007, p. 18).

Mas era impossível controlar os anseios das classes populares e médias a prática do esporte. Nas fábricas, os operários, sobre controle da direção, jogavam o futebol nos fins de semana. Aos poucos o futebol se difunde mesmo rejeitado pelos aristocratas dos grandes centros do país chega aos bairros e cortiços, onde os operários moravam, tornando-se a principal atividade de lazer dos trabalhadores, isto já no início do século XX.

Surgem clubes e ligas oficiais por todo país. Porém, excluindo as classes populares da prática do futebol e assim, não representando o anseio da maioria dos praticantes do esporte que paralelamente fundam seus próprios clubes e se organizam em ligas periféricas.

O clima social, político e econômico do Brasil das décadas de 1910 e 1920 era de muitas contradições. O movimento operário, a urbanização e a procura da real face do Brasil eram temas de grande erupção na sociedade brasileira. As classes emergentes, deste modo, começam ao preço de muita luta, firmar protagonismo, e o futebol é inserido neste quadro de ascensão. Negros e mestiços começam a praticar futebol de forma mais séria e clubes populares que iam se formando destrincha um novo mercado da bola no Brasil. Torcedores surgem por toda parte e a espetacularização do futebol brasileiro torna-se uma realidade.

Neste processo, ficam expostas as contradições sociais, econômicas e políticas do país. A elite dirigente do “futebol oficial” revela desacordo entre eles mesmos e muitos clubes e

ligas são fundados por não aceitarem jogar com atletas e clubes com dedicação exclusiva ao esporte. Contudo, por trás do discurso do ethos amador do futebol, há fortes sintomas de segregação racial e classista.

Numa verdadeira profissão de fé, o primeiro numero de um novo periódico lançado no Rio de Janeiro declara solenemente.: o futebol é um esporte que só pode ser praticado por pessoas de mesma educação e cultivo. [se formos] obrigados a jogar com um operário [...] a pratica do esporte torna-se um suplicio, um sacrificio, mas nunca uma diversão'. Era inadmissível submeterem-se as mesmas regras que jogadores oriundos de camadas subalternas quando a própria sociedade carecia da universalização da igualdade jurídica e da cidadania. (FRANCO JUNIOR, 2007, p.63).

Sendo o futebol uma metáfora da sociedade e assim, no Brasil, de maioria negra e encurralada em morros e cortiços, e já apaixonada pelo futebol, praticava o esporte marginalmente, por imposição da federação brasileira de sports, que proibia veementemente a presença destes jogadores em clubes e ligas oficiais.

2.5 A democratização forçada: os negros ascendem aos clubes

Uma figura lendária do futebol brasileiro quebra simbolicamente esta negação de negros no futebol nacional: Arthur Friedenreich, filho de um judeu alemão e de uma ex-escrava, era negro de olhos verdes, carregava em seu próprio corpo todas as contradições e elementos da sociedade brasileira. Seu nome europeu e sua habilidade com a bola permitiram que ingressasse no hipócrita e excludente mundo do futebol paulistano. Aos poucos ganha fama nacional sendo grande destaque da seleção brasileira de 1919, primeiro título internacional do futebol brasileiro.

É famosa a frase do jornalista Mario Filho, em seu texto: *O negro no futebol brasileiro*: “O famoso chute de Friedenreich abriu o caminho para a democratização do futebol brasileiro” (FILHO, 2003, p. 70).

O acesso do jogador de camadas subalternas não foi tão simples quanto uma bola na rede adversária. Porém, a figura de Friedenreich, aliada as pressões por mais direitos sociais para negros e mestiços, que estavam vigentes no Brasil através de pressões políticas e culturais das primeiras décadas do século XX, ampliaram as possibilidades desta abertura no futebol nacional. Além disso, o mercado da bola, cada vez mais expandido e com times formados exclusivamente por atletas remunerados, mesmo que de forma indireta como o Vasco da Gama de 1923, campeão carioca de futebol, fazia com que o profissionalismo se imbricasse as competições.

Cada vez mais, a necessidade de vitória era questão de sobrevivência para os clubes que se pegavam obrigados a atrair os melhores jogadores para seus quadros [...] isso não apenas implicou o estremecimento de barreiras econômico, sociais e raciais que definiam um “perfil ideal” para os atletas, como disseminou por praticamente todos os clubes atitudes como oferta de dinheiro e outras vantagens para aqueles que viessem a vestir sua camisa. A suposta essência do esporte, o amadorismo, era solapada pela realidade (FRANZINI, 2003, p.60-61).

Neste processo há o mesmo embate ideológico ocorrido na Grã-Bretanha, no século passado, isto é, manter o futebol como prática de uma elite ou expressão do esporte como produto de um mercado de lazer? Este processo levou ao fim de várias ligas e clubes que se mantiveram fiéis ao ethos amador e não aceitavam jogar contra clubes populares. Ligas como a associação paulista de esporte atléticas são formadas para que os clubes amadores jogassem entre si, em negação dos jogos profissionais (GUTERMANN, 2009).

Na década de 1930 a espetacularização do futebol avança de forma irreversível no Brasil. A revolução de 1930 e seu “espírito moderno” traz consigo o investimento na mídia, principalmente as rádios por todo o país. Pelas ondas do rádio o futebol vira uma febre por todo o território nacional e o mercado se expande.

Os jogadores brasileiros tornam-se ídolos nacionais e figuras como os negros Arthur Friedenreich e Leônidas da Silva são ligados a diversas marcas comerciais. Era clara a

expansão e imagem do futebol como mercado e os jogadores em símbolo da possibilidade concreta de ascensão social. (FRANCO JUNIOR, 2009). Assim, em meio a conflitos sociais, econômicos e raciais, as ligas do Rio de Janeiro e São Paulo, enfim, cedem as pressões do mercado e admitem a existência de jogadores de futebol remunerados além do ressarcimento ao clube detentor do passe de um atleta em caso de quebra de contrato, oficialmente está implementado o profissionalismo no Brasil e os atletas de futebol tornam-se oficialmente profissionais da bola.

2.6 O futebol profissional no Brasil

Alguns autores buscam explicar sociologicamente os motivos que levaram a oficialização do futebol como profissão. Arlei Damo (2007) indica que no Brasil dos anos 1930, não havia mais estrutura econômica para sustentar o futebol amador. A elite cafeeira e a incipiente indústria urbana que patrocinava o futebol, sofrem enorme desfalque econômico com o “crack” da bolsa de Nova Iorque. E por este motivo afastam investimentos secundários, onde se inclui o futebol.

Rosenfeld (1993) entende que a instauração do futebol profissional no Brasil é resultado de uma política nacionalista do governo Getúlio Vargas. Segundo este autor, nas décadas de 1920 e 1930, o futebol internacional já estava estabelecido e eram grandes as rotas globalizadas de jogadores de futebol. Atletas de todo o mundo desembarcavam na Europa para reforçar equipes já milionárias que necessitavam fortalecer ainda mais seus nomes no mercado estabilizado do futebol europeu.

A falta de vínculo empregatício dos atletas brasileiros facilitava suas saídas para o exterior. Rosenfeld (1993), entende que na era Vargas (1930-1945), além da repressão e perseguição política, apresentava um forte projeto nacionalista, elevando elementos da cultura brasileira a símbolos da identidade nacional, precisava a todo custo fortalecer o futebol, agora

símbolo da cultura brasileira. Essa política de Getúlio Vargas era uma forma precisa de mobilização das massas. Cinema, literatura, música, tudo era utilizado pelo Estado como instrumento de controle político e social. Para este intento, o futebol era o instrumento propulsor ideal desta meta nacionalista.

O Estado Novo investe muito no esporte. Estádios são construídos por todo Brasil com o nome do Presidente Vargas. O populismo de Getúlio, em consonância com a radiodifusão, ampliou em todo o Brasil a audiência pelo futebol. A seleção brasileira é agora acompanhada e seus jogos transmitidos para todo o país. A força da mídia engrandece o espetáculo futebol, tudo em nome do fortalecimento da pátria.

Paixão política e paixão futebolística eram estimuladas de forma semelhante. Enquanto as bandeiras com as cores dos clubes eram desfraldadas nos estádios, as bandeiras regionais eram queimadas, e no lugar delas era içada a bandeira nacional (FRANCO JUNIOR, 2007, p.80)

Assim, o futebol na década de 1930, já alçado a uma das maiores expressões da identidade brasileira, eleva os jogadores ao patamar de heróis nacionais. Vestir a camisa da seleção de futebol nacional é o apogeu deste processo. Cria-se aqui o mito da ascensão social via futebol. A ideia de que o talento vence e ultrapassa as barreiras culturais, sociais e econômicas.

Entendemos que os fatores acima descritos são essenciais para a implementação da profissionalização do atleta de futebol no Brasil: o mercado, as configurações sociais, o nacionalismo varguista, todos esses elementos desenham um quadro para a possibilidade oficial de assinaturas de contratos e dedicação exclusiva de atletas de futebol aos seus clubes. Todavia, mesmo tendo ultrapassado a barreira do amadorismo, a precariedade das relações de trabalho era imensa. Jean Marcel Mariano Oliveira (2009) afirma que somente em 1941 a relação atleta/clube fora regulada oficialmente por lei, além disso, somente em 1943 os direitos trabalhistas são incorporados aos trabalhadores da bola.

De acordo com Oliveira (2009), em 1964, é regida a primeira regulamentação exclusiva para a relação entre clubes e jogadores de futebol. Nasce a Lei do Passe, onde os direitos de compra e venda da força de trabalho dos atletas profissionais era fixada em 15% para os jogadores. Atualmente, o código que rege as relações profissionais entre clubes e atletas do futebol é a lei 9615/98, mais conhecida por Lei Pelé, pondo fim a lei do passe e permitindo a assinatura do primeiro contrato profissional aos 16 anos de idade.

TABELA 2

EVOLUÇÃO DOS DIREITOS TRABALHISTA DO ATLETA PROFISSIONAL DE
FUTEBOL

Lei	Ano	
Primeiras leis trabalhistas	1934	O atleta de futebol é reconhecido como empregado tendo cobertura legal assim como qualquer trabalhador
Lei 3.199	1941	São criadas as confederações, federações e associações esportivas. Agora as relações entre atletas e entidades são reguladas por leis administrativas
Lei do passe	1964	Primeira lei direcionada especificamente ao atleta profissional de futebol. Aqui firma-se o estatuto do profissionalismo.

Lei Pelé	1998	Modifica as regras de profissionalização de jovens atletas de futebol. Por meio deste código jogadores a partir de 16 anos já podem assinar contratos profissionais. Pois fim a “lei do passe”
----------	------	--

FONTE: Além das quatro linhas: estudo sobre a trajetória profissional de jovens atletas de futebol. (GUIMARÃES, 2012. p.27).

CAPITULO 3 - O JOGADOR DE FUTEBOL: O freelancer de bolas nos pés

Eduardo Galeano (2009), poeticamente, define a carreira de um atleta de futebol profissional: “de um lado os esperam os céus da glória; do outro o abismo das ruínas” (GALEANO, 2009, p.11). Esta dialética relação entre a vitória e a derrota, a honra e desonra, olimpo e ostracismo dentro de uma mesma trajetória profissional é a carne e o osso desta pesquisa. O que é afinal, ser um atleta profissional de futebol?

Adiante aprofundaremos sobre a carreira profissional de futebol e suas nuances, na perspectiva de debater o momento de aposentadoria e suas implicações na biografia dos atletas. Cabe neste momento, apresentarmos, com pertinência, discussões acerca da categoria tempo nas ciências sociais, balizadora de toda formatação da ideia de idade que perpassa a trajetória dos atletas profissionais de futebol.

3.1 Tempo e idade: uma discussão necessária

Tendo em vista todas as repercussões da ideia de início e fim da atividade profissional de um atleta de futebol, tema de nossa pesquisa, é de suma importância apresentar a noção de tempo como questão socioantropológica.

Nancy Munn (1992) afirma que o tempo perpassa qualquer trabalho em ciências sociais, por fazer parte de todos os níveis de vivência e prática social. Nestes termos, discutir o fim de trajetórias profissionais traz consigo a categoria tempo como elemento central do debate.

O tempo é uma construção histórica e social. Deste modo é uma categorial questionável (MUNN,1992). Para Nancy Munn, o conceito de temporalização seria um processo simbólico, continuo orgânico, que se constrói e se transforma em meio às atividades cotidianas.

Entretanto, não significa, segundo Mónica Franch (2008), que as ciências sociais, a partir desta afirmação negue a existência do tempo em suas outras dimensões, sejam elas físicas psicológicas ou biológicas, por exemplo.

Contudo, é muito cara a ciências sociais, o tempo como categoria sócio histórica. Para Emile Durkheim (2000), o tempo, por exemplo, é uma categoria de entendimento importante para o estabelecimento das relações sociais, sendo primordial para a organização dos grupos sociais. Variável, a partir do tipo de organização e função social dada a ele por cada grupo.

O tempo sob esta perspectiva, pode ser apreendido como empreendimento coletivo, quando se refere a ação do grupo e as percepções relacionadas a organizações coletivas e o tempo como percepção individual quando referenciado a consciência do sujeito, a partir de experiências vividas e construídas numa relação com o todo.

O tempo pode ser marcado por passagens, como bem exemplifica Evans-Pritchard (2008). Sendo a marca de diferentes momentos, como afirma Franch,

Medir o tempo significa vincular duas ou mais sequencias diferentes de transformação sendo que uma serve de marco de referencia, ou unidade temporal, às outros, os processos escolhidos como referentes podem ser naturais, como mudanças meteorológicas e os movimentos astrais, que constituem a base dos calendários na maioria das culturas; podem ser sociais, ou seja, extraídos da organização social dos povos, como sucesso das gerações ou os ritmos de concentração e dispersão societária; e podem ser também artefatos feitos pelos homens como, por exemplo, relógio (FRANCH, 2008. P.24).

Nobert Elias entende o tempo como uma edificação trançada entre individuo e sociedade. Sendo esta categoria um elemento compositor das transformações vividas pelos grupos sociais. O tempo sob esta ótica, deve ser compreendido numa conjuntura associativa entre a ação individual e social partindo da leitura de onde se constrói. Desta feita, observando quais etapas e quais formas de organização estão envolvidas neste processo (ELIAS, 1998).

Antony Giddens (1991) aponta o tempo como um elemento central para compreensão da sociedade contemporânea. Entende que o tempo e a organização social apresentam uma

relação bilateral. Porém, Giddens observa que o tempo moderno encolhe o mundo. Aproxima diferentes locais e espaços em uma linearidade universal. Este processo é extremamente marcante a identidade do indivíduo antes fixo no tempo e espaço e “desencaixada” no tempo moderno.

Este tempo universal, geral, calculado e linear reestrutura as organizações sociais modernas que não mais se estruturam em uma relação tempo-espaço bem definida.

Para Mónica Franch (2008) a discussão de tempo, nesta perspectiva, não é completa, pois apesar de bem colocada e elucidante é uma posição que estrutura uma perspectiva de tempo que não permite significados diversos.

Pierre Bourdieu (1983) apresenta o tempo em escala dos significados e propriedades específicas que apresenta a cada grupo social. Assim, não cristalizando o conceito de temporalidade. Como se todas as idades modernas e grupos apresentassem a mesma relação com o tempo. Para exemplificar, Bourdieu aborda a juventude como uma categoria de análise. Em “A juventude é apenas uma palavra” o sociólogo francês aponta para o fato que falar de juventude como algo único é uma falha, pois a ideia de jovem nada mais é do que uma construção social e cultural com várias nuances que devem ser postos a análise em contraste com os contextos sociais inseridos.

Assim, gênero e classes sociais, já distinguem pontos cruciais a construção da ideia de jovem, em relação às perspectivas e condições históricas de várias gerações e grupos. Deste modo, pode-se dizer que há maneiras de pensar e viver a juventude (BOURDIEU, 1983, DEBERT, 2012).

As concepções de idades, então, são arbitrárias para Bourdieu, que a partir da aplicação de seus conceitos de habitus e campos, indica que sempre somos jovens ou velhos em relação a algo ou alguém estando a ideia de idade sempre sendo posta em contraste.

Deste modo existem distintas concepções em relação a idade. Existem a idade biológica, idade cronológica e a idade social (MAGALHÃES 1989). A idade biológica é um processo natural que Dirceu Nogueira Magalhães chama de idade das artérias (MAGALHÃES, 1989) está ligada ao funcionamento dos órgãos vitais do corpo humano.

A idade cronológica é um processo em que cultura num processo dialético está em intersecção com o corpo natural e transforma a cada sociedade e grupo social, disso a invenção das idades (MAGALHÃES, 1989) que atribuem significados, valores e função a cada etapa da existência.

Além disso, é fator determinante a este debate a questão da idade social. A sociedade contemporânea ocidental intensifica a ideia de “prolongamento da juventude” o que leva intensa busca pelo “ser sempre e mais jovem” este processo faz com que, por exemplo, homens que cronologicamente apresentam uma idade biológica e socialmente encaixa-se em outro grupo (DEBERT, 2012).

Assim, são distintas as ideias biológicas, sociais e cronológicas em relação a idade. Iremos perceber isto a partir da análise de vários significantes; família, profissão, classe etc. Para, Guita Debert (2012, p. 39, “o processo biológico é investido culturalmente” . Neste sentido, para ela, o debate sobre idade é um aspecto fundamental na experiência dos atores e na própria organização social.

A idade cronológica é algo marcante nas sociedades modernas ocidentais e isto muito tem a ver com marcas relacionadas a questão de limites legais profissionais e políticos (Fortes Apud DEBERT, 2012). Debert chama a atenção para o fato que em sociedades não ocidentais a maturidade para incorporação na estrutura social inserida é levada mais em conta. A datação de dias e anos não é fator determinante para que algum indivíduo assuma uma responsabilidade perante o grupo. “Estágio de maturidade é, portanto, diferente de ordem de nascimento. Posto que, apesar da diferença na data de nascimento, as pessoas podem estar

autorizadas a realizar atividades próprias de um determinado grupo de idade” (DEBERT, 2012, p. 46).

A idade cronológica é marcada por datas e normas independentes da relação de maturidade e biológica. Aos dezesseis anos, pode-se votar em eleições diretas no Brasil, independente da maturidade e acúmulo de experiência no campo político que qualquer pessoa possa ter a essa idade. Inclusive, afirma Debert (2102), a idade cronológica só ganha fundamento quando questões políticas e jurídicas se sobrepõem a relações internas dos indivíduos e da experiência sociais para afirmar cidadania e direitos.

Ponto importante neste debate é que a modernização e o processo de individualização, marcante ao atual estágio de nossa história, leva a “cronologização da vida”, em que todas as dimensões do mundo social são marcados pela idade como dimensão da organização social institucionalizada.

Conforme analisa Debert:

A institucionalização crescente do curso da vida envolveu praticamente todas as dimensões do mundo familiar e do trabalho e está presente na organização do sistema produtivo, nas instituições educativas, no mercado de consumo e nas políticas públicas que cada vez mais, tem como alvo grupos etários específicos (DEBERT, 2012, p.51)

Isso ocorre com os atletas de futebol, que a partir do momento que são considerados maturados a enfrentar jogos e a pressão que as pelepas envolvem, são postos entre os “cronologicamente” mais velhos e integram o grupo de profissionais.

3.2 Profissão futebol: seus ciclos e características centrais

Não é exclusividade do atleta de futebol iniciar sua trajetória profissional nos primeiros anos de juventude. Entretanto, o futebol e suas configurações profissionais apresentam uma característica que lhe é peculiar: há por trás da ideia do “dom para o futebol”

um processo de formação e produção que torna complexo o início da trajetória profissional do jogador de futebol.

O futebol como profissão, apresenta etapas bem definidas. Há o momento de pré-formação, geralmente entre 10 e 14 anos; a formação, geralmente, dos 15 aos 20 anos; o aprimoramento e atuação, entre 17 e 35 anos e ciclos de reconversão ou aposentadoria, a partir do fim da carreira ou próximo dela (DAMO, 2007).

Desde o início da adolescência, aqueles que se dedicam as pretensões de uma profissão dentro das quatro linhas de campo, são expostos ao business da bola. Assim, bilateralmente, estão diariamente diante do processo de formação (aprendizados técnicos e *habitus* da profissão) e de produção sob a lógica de um mercado que treina, modela e cria um corpo/máquina direcionado à indústria do futebol.

Afirmamos isto em nossa pesquisa de mestrado (GUIMARÃES, 2012), ao analisar a trajetória profissional de jovens atletas do futebol entre 13 e 19 anos. O dado mais perceptível inicialmente foi o corpo como a tradução da cobrança por vitórias. Campeonatos amadores, de categorias abaixo da profissional, valem muito para os clubes (os troféus destes torneios de base figuram lado a lado dos troféus dos campeonatos profissionais).

Exercícios abdominais, noites bem dormidas, alimentação controlada, além de mantras morais como: “seu corpo é seu ganha pão” ou “respeite a disciplina de seu treinador” rodeiam o desenvolvimento dos garotos nesta primeira etapa da carreira e segue por toda vida.

Um ex-zagueiro aposentado, em entrevista concedida a nossa pesquisa, relembra que era bastante duro este período de sua incipiente carreira e o quanto fora tão forçado a exercer tal controle do corpo que até hoje, na maioria das vezes, inconscientemente, incorpora as ações e o discurso, mesmo passados uma década do término de sua carreira.

Me pego, às vezes, controlando minha comida: a gordura, o açúcar. Isto é bom, mas sei que essa reação é reflexa daquele tempo inteiro que fui condicionado a isto. A pressão era grande, sempre é grande, já que, 2 kg a mais poderia significar uma má atuação, uma ida para o banco de reservas, uma dispensa do clube. A pressão sempre existe. (ex-zagueiro).

O esporte é uma das maiores indústrias do capital contemporâneo. O futebol, por ser dentre todas as modalidades esportivas a mais popular em todo o mundo, gira bilhões de dólares em patrocinadores, direitos de transmissão de jogos, bilheterias e produtos licenciados. Neste cenário, o atleta de futebol é o operário desta engrenagem, sem jogador profissional, não há futebol.

Deste modo, cada vez mais cedo, os aspirantes a profissionais da bola, são procurados e lapidados. Expostos a um rito de passagem extremamente restrito que separa a possibilidade de ascensão a profissão e o sentimento de fracasso numa linha a cada dia mais tênue e numa fase ainda de amadurecimento físico e psicológico.

O futebol é um sistema de crenças talhado na ideia do sucesso rápido: ascensão social e financeira de forma imediata, devido às cifras envolvidas no mercado da bola e ao tempo curto da carreira resultado do desgaste físico que o esporte impõe.

Quando quis jogar futebol eu sabia o que era e como era ser jogador. Isto por causa da experiência de meu irmão que jogou futebol profissional e mesmo assim soube lidar mais ou menos com a profissão e seus batentes. Tem moleque por aí, que não tem ideia do que se trata dentro mesmo do esquema. Eu com 19 anos já estava jogando, foi rápido e também fui curta minha vida de jogador. Quando eu olho pra trás, daqui de hoje se vê como é difícil. Mas todo mundo acha que tudo é maravilha. Mas nem sempre é.

Diz um ex-ponta direita, entrevistado, que enfatiza a necessidade de se inculcar, nos aspirantes a profissional da bola, a ideia da dificuldade de ser jogador e o prazo curto de validade dessa profissão.

Este processo de passagem da vida adulta é chocante tanto no sucesso quanto na decepção da não formação do ciclo. Estar exposto a fama instantaneamente e sua responsabilidade, transforma a vida dos garotos que ultrapassam o funil do amadorismo (categorias de base). Há nesta etapa, uma enorme expectativa. A ideia do sucesso absoluto dos atletas profissionais de futebol permeia o imaginário da sociedade brasileira e enche de esperança os postulantes a ídolo da bola.

Porém, a jornada profissional do futebolista é na realidade bastante dura. Segundo relatório publicado pela Confederação Brasileira de Futebol – CBF, referente a situação dos atletas profissionais de futebol no Brasil, no ano de 2015, temos que:

O Brasil possui 28.203 jogadores sob contrato profissional, destes atletas, 23.238 (82,4%) recebem mensalmente salários de até 1.000 reais. Enquanto, 3.859 atletas (13,68%) recebem remuneração mensal entre 1.000 e 5.000 mil reais.

Tendo por base o salário mínimo nacional, a atual situação dos atletas de futebol no Brasil, segundo a CBF, é que 96,08% dos atletas profissionais de futebol ganham até 5,7 salários mínimos. Dentre os 4,92% dos atletas restantes, o que podemos denominar “elite dos profissionais da bola” e que certamente representa o imaginário do senso comum, apenas um atleta recebe 500 mil reais de salário mensal; trinta e cinco atletas recebem entre 200 e 500 mil reais por mês (0,12%); Setenta e oito atletas recebem salários mensais entre 100 e 200 mil reais.

Diante destes dados é possível desmistificar a ideia de que jogar futebol profissionalmente é, dentre todas as profissões no Brasil, a que melhor remunera.

Em verdade, cruamente, os números indicam que: ante a quantidade de atletas profissionais registrados na Confederação Brasileira de Futebol e os contratos profissionais oferecidos, a profissão de jogador de futebol apresenta uma baixa valorização salarial.

Alem disso, atletas que circulam pela periferia do futebol brasileiro (times que jogam divisões inferiores a 1ª e 2ª divisão nacional) ficam meses sem atuar profissionalmente como jogadores de futebol, devido a falta de jogos oficiais e estruturas dos clubes. Estes atletas acabam apelando para “bicos” noutras profissões sem qualificação profissional.

Por muitos anos fiquei recebendo entre 4 e 5 meses ao ano como jogador. Dependia das competições, tinha campeonato eu jogava, se não... eu jogava um campeonato paraibano e depois não tinha mais o que fazer. Gastava o pouco dinheiro que tinha ou minha mulher me ajudava nos empregos dela, até que jogar profissionalmente estava ficando caro para mim. (ex-meia)

Essa é a realidade da maioria dos atletas profissionais de futebol no Brasil e um dos temas que levaram, no ano de 2013, a formação do Bom Senso F.C, organização política e social dos atletas profissionais de futebol.

A grande crítica que os atletas fazem aos dirigentes do futebol brasileiro incide sobre o calendário de competições. O número de datas em conjunto as configurações de estrutura econômica levam a defasagem do futebol profissional no Brasil e as desigualdades entre os profissionais da bola.

Desequilibrado, injusto e irracional: três características do atual calendário do futebol brasileiro. Desequilibrado porque permite muitos jogos para equipes de ponta e partidas de menos para centenas de equipes de pequeno e médio porte. Injusto porque desemprega por mais da metade do ano cerca de 20 mil profissionais do futebol e pune as equipes que chegam às finais de vários campeonatos, massacrando fisicamente os elencos e diminuindo a qualidade técnica das nossas equipes. Irracional porque não atende a lógica do calendário internacional, ao promover jogos nacionais nas datas FIFA e coloca a Seleção Brasileira como concorrente dos clubes e dos campeonatos nacionais. (Bom Senso F.C, 2015. Site <http://www.bomsensofc.org.br/calendrio/>)

Neste ponto da carreira, a profissão do jogador de futebol ainda consegue ser mais cruel aos olhos daqueles que só observam e admiram os grandes ídolos internacionais do esporte – ricos, famosos e acima das contradições e nuances sociais – pois a imagem do fracasso se coloca. Sendo um elemento de vergonha e culpa, na maioria das vezes, presente na vivência dos atletas.

Como apontamos em pesquisa anterior (GUIMARÃES, 2012) o fracasso permeia o dia-dia dos atletas de futebol desde o início da carreira direta e/ou indiretamente trazendo frustrações, às vezes, irreversíveis na sequência da biografia dos atletas.

O fracasso, neste caso, pode ocorrer de algumas maneiras:

Iniciar a carreira nas categorias de base de um grande clube e não conseguir alcançar a profissionalização, nesse clube, sendo emprestado a times menores ou mesmo dispensado; 2) começar em times pequenos e não conseguir galgar degraus maiores, permanecendo estagnado em sua carreira; ou 3) ter sua carreira iniciada em clube pequeno e progressivamente ascende na profissão,

porém, por motivos não esportivos regride na profissão (GUIMARÃES, 2012, p.88)

Problemas de cunho psicológico e contusões podem ser fatores que influenciem de forma determinante um momento de fracasso na profissão. Entretanto, muitas responsabilidades são assumidas por esses jovens profissionais (que alcançam o auge de sua carreira entre 24 e 28 anos) neste sentido, assim como as glórias, o fracasso também é tomado pelos jogadores individualmente.

Este processo pode ser entendido sob a luz da teoria de Zigmaunt Bauman (2008). É característica da contemporaneidade a individualização das ações. Cabe ao Homem dar sentido a sua vida e nesta filosófica corrida por uma direção culpa-se a si mesmo pelas fraquezas e falhas no caminho. O jogador que passa por um processo de fracasso, geralmente absorve essa culpa.

O futebol exige exercícios de ordem física, psicológica, e social de garotos de faixa etária muito baixa. A responsabilidade posta sob os ombros desses meninos entre 18 e 33 anos (período que pode se indicar como mais produtivo de suas trajetórias profissionais) acarreta uma complexidade de situações que podem levar ao esgotamento e conseqüentemente ao fracasso na profissão.

São horas e horas dedicadas exclusivamente ao futebol: treinos físicos, táticos, técnicos, palestras de treinadores, regime de concentração antes de partidas, controle de alimentação etc., que levam os jogadores de futebol profissional a viverem apenas o mundo da bola.

O atleta é levado à exaustão de seu corpo e seu tempo. Não há muito espaço dentro deste processo de produção em massa do futebolista para que o atleta tenha acesso a outros tipos de capitais, que não seja o corporal, é uma profissão extremamente de risco, onde uma contusão, uma discussão com um superior pode acabar com uma carreira.

Este fator é um sério componente da carreira de futebolista, como afirma Arlei Damo (2007), pois há muita especialidade e direcionamento na profissão, em detrimento as ações dos atletas além do campo de jogo. A vida de um atleta é desenhada desde a infância para atuação nas quatro linhas de um gramado. O que torna a reconversão profissional um grave problema da profissão.

As possibilidades de reconversão dos capitais futebolísticos são restritas, visto que os investimentos são demasiadamente especializados para servirem ao que quer que seja para além, do futebol. Não se trata de uma exclusividade da profissão, embora, tal particularidade, acrescida pela curta duração da carreira e pelo auge prematuro, seja temida e mesmo experimentada, cedo ou tarde, por quase todos os profissionais. Apesar de arriscada, a carreira é intensa, dentro e fora do espaço de trabalho. Isto fascina os jovens, fazendo-os ignorar boa parte dos riscos. Investidos com a energia que é própria da idade, elevada a enésima potência pelo fato de se notarem como pop stars em potencial, raros são os que ‘tem cabeça no lugar’ – esse termo êmico – para não se deixarem levar pelas promessas fugazes que raramente se confirmam (DAMO, 2007, p.99).

Com o corpo totalmente disciplinado e adestrado a cumprir unicamente a função mecânica de atleta de futebol, o jogador profissional sofre o que Foucault (2004) chama de “coerção sem folga”. É direcionado veementemente a exercer as exigências que o futebol contemporâneo coloca como prioridade: corpo ágil e modelado e espírito dócil e obediente. Não há muita margem para flexibilidade de conduta ou opiniões. São engessados pelo treino e hierarquia.

Como as máquinas, jogadores de futebol são programados por seus treinadores para desempenhar somente movimentos predeterminados muito mais do que para jogar criativamente sem ensaio. (GIULIANOTTI, 2010, p.143)

Neste sentido, há em geral, na carreira profissional de futebol uma impossibilidade de gerar identidades sociais equilibradas. Os atletas de futebol apresentam, devido ao contexto de sua formação/produção, poucas relações com outras áreas da vida que não seja o esporte.

Este entendimento é complexo, pois indica Giulionotti (2010) que as técnicas de treinos atuais acumulam problemas não só dentro de campo (físicos), mas fora dele, levando os jogadores profissionais a um alheamento político, social e psicológico que irá desembocar de forma traumática ao fim da carreira profissional destes atletas.

Este pouco estímulo às habilidades sociais dos atletas, promovido pelas características da profissão, remete ao processo de objetivação do trabalho debatido por Karl Marx. O jogador profissional é antes de tudo um operário da indústria do futebol. Deste modo, as relações de trabalho existentes entre atletas e clubes profissionais de futebol devem ser analisadas sob a ótica marxiana.

Pois, ao fim do espetáculo futebol, todo trabalho dedicado nas quatro linhas de campo (ápice do trabalho realizado na semana anterior ao jogo) não pertencem ao atleta. Todo seu esforço escapa ao seu controle. Todo o lucro produzido pelo business vai para “os donos da bola”.

Os futebolistas profissionais, inseridos na empreitada capitalista que é o futebol, são formados e controlados cada vez mais cedo sendo logo copitados por agentes e empresas/clubes para gerar lucro a esse negocio. Assim, o atleta de futebol encontra-se no mercado da bola enquanto, mercadoria. (GUIMARÃES, 2012, p.104).

O jogador profissional, alienado da produção de seu trabalho e despossuído dos meios de produção do próprio mercado/esporte subexiste apenas por sua disposição e talento. É apenas sujeito físico que produz através do malabarismo de seus pés um mercado bilionário em todo globo.

Eu não sabia fazer nada além de jogar futebol. Quando perceberam que eu tinha certo talento já me meteram nesse mundo. Estudei pouco porque não tinha tempo, nem muita coragem para estudar. A noite o jogador está muito cansado. Desse jeito eu só vivia para o futebol. (ex-meia).

O ápice da carreira de um atleta profissional, como já foi dito, é em torno dos 24 – 28 anos. Neste momento, o corpo treinado chega ao apogeu. A formação/produção bem

executada faz com que em media 8-10 anos de trabalho intenso a “máquina” esteja a plenos vapores para o espetáculo. Contudo, o que isso implica na carreira do jogador?

Tendo o corpo seu único meio de produção. O jogador de futebol investe tudo neste instrumento. Entretanto, um aparelho de trabalho falível que traz consigo alguns percalços.

Analizando a utilidade do corpo para um atleta profissional de futebol trazemos ao debate a teoria de capital de Bourdieu (2004). O atleta de futebol tem em seu corpo um instrumento que é além de articulações e músculos, um símbolo de seu “dom”,

Meu corpo era tudo. Sem meu preparo físico eu era nada. Corria mais. Eu valia mais. Eu era um ponta muito rápido. Eu so era 100% quando eu estava no melhor de meu papel. Quando eu era o melhor e isso significava estar com o corpo sem problemas. (ex-ponta esquerda)

É investido todo o esforço neste capital. Infere-se no caso do atleta de futebol a ideia de corpo-sujeito. Um dado concreto neste mundo da bola, onde só existe função, em torno da ação corporal do atleta, está absorvida do *habitus* adquirido no processo de formação. Logo, num processo doloroso fisicamente, o atleta a cada ano de profissão vai aprimorando o corpo, que em estado flexível tona-se, adestradamente, num capital futebol.

Este processo é duro. Uma contusão retira o atleta profissional da rota. Um ano a menos diminui sua fortuna e seu status. O jogador de futebol observa a cada dia seu corpo envelhecendo quando suas forças mentais estão mais apuradas. Não é raro se ouvir de ex-atletas: “a cabeça pensa bem melhor, mas o corpo não acompanha, deve-se saber os atalhos”

O corpo é para Bourdieu (1980) um território onde há uma expressão do social. Ali são depositadas toda a formação e associação de cargas e estágios sociais. Para o atleta de futebol, isto é, ainda mais caro. Soma-se a este corpo- sujeito a sua identidade a flor da pele. Não só o que ele apreende como saber ou sistema de investimentos sociais incorporado..

Para o atleta de futebol a imagem de seu corpo é seu fim. É o corpo que o define como pessoa. Sua construção identitária constrói-se pelo corpo. Um jogador de futebol profissional

tem em seu corpo o centro de seu próprio ser. Quando, como em citação anterior de um ex-atleta, se constata a expressão “meu corpo era tudo” percebemos de onde parte a ideia do “eu” para um jogador de futebol.

Porém, aqui incide um grande problema: o corpo é, como enfatizamos, uma máquina e como qualquer máquina ela torna-se falha. Ao final da carreira o corpo do atleta de futebol perde sua “função” definida e o jogador fica diante do silêncio das arquibancadas. O centro de sua identidade perde o sentido. Sua identidade é revista.

3.3 Futebol: profissão e identidade

Neste instante do trabalho é importante a discussão sobre a formação de identidade, para o entendimento de quem são os agentes desta pesquisa, o atleta profissional de futebol.

A concepção de “pessoa” para Erving Goffman (2009) é construída a partir da impressão que o indivíduo tenta, cotidianamente, passar de si para aqueles que em convivência o rodeia. Todos os indivíduos, sob essa ótica, representaria em seu dia-dia, um papel. Este papel representado por cada um seria mediado por regras comportamentais coletivas constituindo, deste modo, cada personalidade.

O desempenho profissional é um bom exemplo dessa construção do “eu” de cada indivíduo. Para Goffman, quando assumimos um papel, já absorvemos uma predisposição anteriormente construída para cada ação, desse modo, as vestes, as falas, todos os atos, em geral, instrumentos orgânicos de uma personalidade. Goffman chama de fachada (2009).

O atleta profissional de futebol e os torcedores deste esporte assumem uma relação que constitui tanto um quanto o outro, numa interação que Goffman trata como representação de equipe (2009) e numa dinâmica que envolve desempenho e plateia se constrói as formas de ação:

Uma equipe, por conseguinte, pode ser definida como um conjunto de indivíduos cuja íntima cooperação é necessária, para ser mantida uma determinada definição projetada da situação. Uma equipe é um grupo, mas não um grupo em relação a uma estrutura ou organização social, e sim em relação a uma interação, ou série de interações, na qual é mantida a definição apropriada da situação. (GOFFMAN, 2009, p. 99).

Deste modo, sob os termos do interacionismo de Erwing Goffman, os indivíduos são divididos a cada ação como ator, aquele que veste a máscara e assume todos os hábitos que sua ação e posição no grupo cobra e o personagem, também dotado de códigos de ação. “ambos os conjuntos tem seu significado em termos do espetáculo que deve prosseguir” (GOFFMAN, 2009, p. 231).

Neste processo, o atleta de futebol profissional se constrói desde a adolescência, com os códigos que a profissão coloca que, pra ele, inicia-se mais cedo que as atividades laborais ditas normais. O jogador de futebol surge como profissional já dotado de uma áurea de assinalado, aquele que possui atributos que o diferencia de todos os outros que não possuem os predicados pra serem protagonistas no espaço do campo de futebol.

Em “sociedade dos indivíduos” (2004) Nobert Elias, coloca que é preciso se compreender as relações nas quais estão os indivíduos inseridos para poder compreender sua personalidade, seu “eu”. No caso dos atletas de futebol, sua personalidade é formada concomitante a sua formação profissional, já que jogadores de futebol são muito cedo, por volta dos treze anos de idade, preparados a profissão. Sua identidade, logo, é muito imbricada com o *habitus* que a profissão coloca. Assim, é na relação com o “eles”: o mercado da bola, os torcedores, os clubes, e as próprias regras do esporte, que se constitui o “eu” dos profissionais da bola.

Este friso, referente a como se forma a identidade do atleta profissional de futebol é importante pra se compreender as complexidades de sua profissão e os processos de transição da carreira desses atletas

3.4 O herói das grandes massas

O bairro tem inveja dele: o jogador profissional salvou-se da fábrica ou do escritório, tem quem pague para que ele se divirta, ganhou na loteria. Embora tenha que suar como um regador, sem direito a se cansar e se enganar, aparece nos jornais e na televisão, as rádios falam seu nome, as mulheres suspiram por ele e os meninos querem imitá-lo. Mas ele, que tinha começado jogando pelo prazer de jogar, nas ruas de terra dos subúrbios, agora joga nos estádios pelo dever de trabalhar e tem a obrigação de ganhar ou ganhar [...] os empresários podem comprá-lo, vendê-lo, emprestá-lo; e ele se deixa levar pela promessa de mais fama e mais dinheiro. Quanto mais sucesso faz, e mais dinheiro ganha, mais está preso. Submetido a uma disciplina militar, sofre todo dia o castigo dos treinamentos ferozes e se submete aos bombardeios de analgésicos e às infiltrações de cortisona que esquecem a dor e enganam a saúde. Na véspera das partidas importantes, fica preso num campo de concentração onde faz trabalhos forçados, come comidas sem graça, se embেbeda com água e dorme sozinho. Nas outras profissões humanas, o acaso chega com a velhice, mas o jogador de futebol pode ser velho com trinta anos. Os músculos se cansam cedo [...] A fama, senhora fugaz, não costuma deixar nem uma cartinha de consolo. (Eduardo Galeano)

A figura do atleta profissional de futebol é marcada por um carisma que vai além das quatro linhas de campo. Esta magia que o jogador de futebol carrega é facilmente análoga às histórias mitológicas e heroicas que permeiam as memórias individuais e mundo social. Neste sentido, cabe entrarmos num debate sobre o porquê desta afirmativa.

Joseph Campbell filósofo norte-americano, diz que o mito é o inverso das ações e pensamentos individuais, pois o mito é o sonho geral, é algo social, é a quimera de um grupo fechado por uma expectativa que os une.

Há duas espécies totalmente diferente de mitologias: há a mitologia que relaciona você a sua própria natureza e com o mundo que você é parte e há a mitologia estritamente sociológica, que liga você a uma sociedade particular. Você não é apenas um homem natural, é membro de um grupo particular (MOYERS, CAMPBELL, 1990. p.37).

O futebol como atividade cultural é um espaço que se constrói nesse plano de grupo. Os clubes e suas respectivas torcidas são grupos particulares que reúnem membros ligados por essa estrutura social.

O protagonista desse enlace é o jogador de futebol. Ele é o centro das atenções dos grupos envolvidos com este esporte. São os modelos para a sociedade de quem torcem pra os clubes. Campbell afirma que disto permite surgir um herói, pois para ele, quando uma pessoa torna-se um modelo pra vida de outrem, a pessoa se transforma pra outra camada de indivíduos que podem ser passível de uma mitologização (CAMPBELL, 1990).

O herói nesta perspectiva abordada por Joseph Campbell é aquele que salva um povo, aquele que traz a redenção a uma comunidade a qual ele representa e luta.

No caso do jogador de futebol isto acontece a cada partida. É uma situação marcada quando ele veste a camisa de um clube. É ali, na hora de um gol ou de uma defesa realizada pelo goleiro numa partida decisiva que se cria um herói. Assim, a redenção é a proposta moral de um herói. A salvação de uma comunidade por uma ação de sacrifício físico individual maior que ele próprio transforma um homem normal em um ser heroico. (CAMPBELL, 1990).

Para Campbell, na cultura contemporânea os heróis ganham outra face. Continuam realizando ações diferenciadas, redentoras. Mas por todas as atribuições que o homem moderno é posto cotidianamente não permite que todos possam construir-se como heróis, assim, facilmente ele se envolve com façanhas alheias que são absorvidas como sendo de todos.

Neste sentido, o jogador de futebol, pela importância que este esporte representa pra sociedade moderna, é para uma grande massa de pessoas uma das principais válvulas de realização e escape das agruras cotidianas. Um gol da vitória transporta os aficionados pra dentro do campo de jogo, como se aquele centroavante artilheiro fosse o próprio torcedor que naquele momento se regozija.

De acordo com Bill Moyers:

A história de heróis se torna uma espécie de tranquilizador, invocando em nós a possibilidade benigna de contemplar em vez de agir... As pessoas se sentem

impotentes. Esse é o curso da sociedade moderna, a impotência, o tédio, a alienação das pessoas em relação a ordem do mundo ao seu redor. Talvez necessitassem de algum herói que dê voz a nossa aspiração (MOYERS, CAMPBELL, 1990, p. 145).

Deste modo, toda sociedade acaba criando seus heróis, seus ídolos. Na necessidade de símbolos e imagens que unifique os grupos. Segundo Ronaldo Helal (2003) o herói tupiniquim é regado por uma característica singular. Ele é mais que força e determinação (característica já descrita de um herói) ele é ungido de um mito de construção brasileiro, marcante na obra “Macunaíma” de Mario de Andrade.

Prossegue Helal (2003) analisando que o jogador de futebol brasileiro é criado à imagem dessa esperteza, “malandragem”, que a ele pesa como alegria e dor, já que o eleva a herói por sua genialidade, marcada por sua capacidade física e técnica, entretanto, o leva ao estereotipo negativo de diminuta capacidade intelectual. O que vem a ser no futuro de alguns desses atletas fator de dificuldade na reconversão profissional.

No Brasil, geralmente, os futebolistas são oriundos de camadas populares que desafiam as contingências de sua própria existência a subvertendo com sua força física e talento. Isso leva a uma relação direta com seus pares que o vê como aquele que representa a comunidade. É a figura que traduz de forma mítica a positividade das comunidades menos abastardas de nosso país.

Porém, isto tudo é uma criação midiática que transforma o jogador profissional de futebol num símbolo de protagonismo de jovens negros das periferias do Brasil (HELAL, 2003) Sendo uma das saídas possíveis da situação de miséria que muitos se encontram.

Deste modo, em resumo, o atleta profissional de futebol é um herói. Os jogadores de futebol profissional apresentam características que assim os fazem. Este processo consiste pela relação que o próprio esporte constrói, o futebol é feito de vencedores e derrotados. O atleta dentro do campo de jogo está exposto a incessante luta e batalhas que são resolvidas por

uma ação individual, apesar da coletividade que este esporte envolve, é um agente que redime toda uma comunidade, neste caso, os clubes e seus torcedores (HELAL, 2003).

Porém, como nos mitos, há muitos heróis que padecem de um fim as vezes trágico. Como diz Campbell, o fim da jornada de um herói não é seu engrandecimento. Esta característica é marcante na vida do jogador – herói em seu momento de aposentadoria.

CAPITULO 4 - APAGAM-SE OS REFLETORES

4.1 Estratégias e possibilidades ao fim da carreira profissional de futebol

O trabalho sempre foi central na história do homem. Como analisa Karl Marx (2004) o homem se forja no trabalho. Está na produção a essência do ser. Neste sentido, o trabalho ideologicamente se constrói como parte da existência humana. Envolve-se neste plano significantes diversos. Desde a potência da saúde até a discussão moral de não dependência à sobrevivência.

Porém, esta relação homem/trabalho ganha diversas configurações ao longo dos séculos. Modificando-se estruturalmente na modernidade. Max Weber (2000) fortalece o debate sobre trabalho, em sua análise sobre a ética protestante no capitalismo, identificando a relação direta do trabalho com algo transcendental ao próprio homem.

O trabalho como vocação, discutido por Weber, é um dos pilares da concepção da própria modernidade fortalecendo o ethos do trabalho. Apesar da reação dos trabalhadores, a ideia de “vocação” ganha força e constrói um forte laço entre tempo e trabalho.

Não apenas as leis e o discurso, mas também a escola, contribuíram muito para essa mudança de hábitos e a construção de novas representações sociais em relação ao ser humano, ao tempo e ao trabalho. Seu papel foi de ensinar as crianças sobre o trabalho, a ordem, a regularidade e a disciplina. Pois, logo cedo estas deveriam desenvolver esses novos hábitos, onde o trabalho passaria a ocupar um tempo e um espaço cada vez maior (CARDOSO, 2009, p. 34-35)

Esta dedicação existencial ao trabalho e o quanto implica na relação ideológica do indivíduo e a atividade laboral se aviva ainda mais, segundo GRANINI (2013) e CARDOSO (2009), com a intensificação do consumo no fim do século XIX.

Ante este quadro ideológico, o trabalho na modernidade transforma, pelo menos no campo do discurso, o homem em um ser autônomo. Este discurso é absorvido pelas sociedades industriais tornando as atividades laborais como centrais as ações humanas:

De forma que, se num primeiro momento, a construção social do valor trabalho fora imposta pelos detentores de capital, pela religião ou pelo estado, aos poucos se transformou em algo compartilhado por quase toda sociedade (CARDOSO, 2009, p.39).

Apesar da reação dos trabalhadores e suas organizações em relação as formas de trabalho e suas condições, o valor trabalho é, de certo modo, absorvido pela grande parcela da sociedade (CARDOSO, 2009). Essa internalização do valor do trabalho promovida pela sociedade industrial e esticada ao máximo pelo consumismo legou a profissão, um dos pilares da identidade individual.

Por consequência, o sujeito acaba direcionando sua existência em torno do tempo de seu trabalho e por meio dele organizando seus planos, laços sociais e afetivos e até mesmo sua criatividade. Ao ponto do trabalho ser elemento construtor da identidade individual se fazendo o homem por e pelo trabalho. O trabalho é assim é um dos pilares da identidade individual. A profissão exercida por um indivíduo constitui tanto pelo senso de ocupação do tempo quanto por reconhecimento social (FOLHA & NOVO, 2011).

O homem se reconhece e é reconhecido por sua profissão numa relação dialética, onde dar-se individualmente sentido ao trabalho, num processo que podemos chamar de autobiográfico, e constitui-se coletivamente através do papel desempenhado socialmente pelo trabalho.

À identidade profissional estão atrelados o auto reconhecimento e auter reconhecimento, representando, respectivamente, o modo como o próprio sujeito se reconhece e o modo como é reconhecido pelo outro. Portanto, a identidade profissional está envolta por valores subjetivos e valores socialmente compartilhados, sendo que esta ligação entre trabalho e meio social se revela em uma dialética. Ao mesmo tempo em que trabalho contribui para a formação do ser social, o social contribui para a formação do ser profissional. (ALVARENGA, BITTENCOURT, WANDERLEY, 2009, p. 797).

Mas, o quanto isto afeta os indivíduos quando o fim desta experiência profissional aproxima-se? Pode-se entender que este fator é variável, pois não é possível se universalizar as percepções deste momento, entretanto, para (FOLHA & NOVO, 2011) velhice e morte são adjetivos comuns a esta ideia de finitude profissional, o que intensifica o sentido do atrelamento do trabalho e a biografia dos indivíduos.

4.1.1 Aposentadoria

Bônus por uma vida de dedicação. Esta pode ser uma visão da aposentadoria. Mas este sentimento é pendular (FOLHA & NOVO, 2011). Ao mesmo tempo em que a bonança de tempo de descanso seja real a desesperança num futuro apresenta-se negativamente aos olhos dos profissionais aposentados.

Neste sentido, Lucia Helena França, entende que é um momento de crise psicológica, sendo um estágio de perda profunda a identidade, quem sabe, o mais importante na história de um sujeito (FRANÇA 2002).

É relevante ao entendimento deste fato, pois cabe perguntar o porquê deste impacto. Uma das hipóteses viáveis, segundo Folha e Novo (2011), incide na relação velhice e aposentadoria. Pois a perda do valor produtivo e a importância dada ao mundo capitalista e de bens de produção estar-se aliado nesse processo e “diminui” sua importância ao ambiente em que está inserido.

A ideia de ser velho ou não é algo fluido (DEBERT 2012) Existindo varias faixas etárias de aposentados, isto incorre na profissão, exemplo de nossa pesquisa. Entretanto, a imposição imperativa do ser inativo e “velho” é absorvida independente desta visão que há varias profissões e formas de se terminar uma carreira profissional, todos ligados a ideia da produção-função-organização social, tríade construída em base as ideais dos meios de produção da sociedade contemporânea, o capitalismo.

Por este aspecto, negativa-se a aposentadoria e o indivíduo envolvido neste processo recebe o estigma de inativo. No caso do jogador de futebol, perde-se, além do aporte financeiro, o estado simbólico que a profissão carrega. É diversa, para o indivíduo, esta relação com o fim da carreira, como o papel social, e sua identidade é muito marcada por esta posição no mundo do trabalho, dependendo, segundo Bertoncini (2002), da forma como foram erigidas as relações com a profissão e suas variantes, como as encarou feito projeto de vida, prazeres envolvidos na trajetória profissional e os resultados alcançados.

No caso do atleta profissional de futebol é complexo este processo, pois é curta para alguns ex-atletas, chegando a ser precoce a carreira profissional. Mas esta precocidade ao fim do ciclo profissional do jogador de futebol, não está relacionada, em sua generalidade, por questões psicopatológicas. Para Bertoncini a aposentadoria, das profissões ditas normais, são relacionadas a decisão de “se recriar”, busca por novos valores, uma “desidentificação” como trabalho que se exerce por outro modo de vida.

Como afirma Bertoncini:

Nessa hipótese se insere a ideia de que a aposentadoria poderia ser uma tentativa de resgate de identidade, suspensa durante o período de trabalho em função do mundo limitante das organizações, onde regras e o sistema de produção fecharam as possibilidades de busca de identificação do indivíduo com sua atividade (BERTONCINI, 2002, p.48)

Porém, estes fatores não alcançam os atletas de futebol entrevistados na pesquisa, pelo contrário, a angústia desses ex-profissionais do futebol consiste justamente na separação de sua vida atual com a vida do trabalho.

Os atletas de futebol apresentam sua identidade forjada no esporte, na prática profissional do futebol, desde a infância até a vida adulta tudo em relação a expectativa profissional desses jogadores passa pela profissão de futebolista. Como disse um ex-ponta direita: “o futebol foi minha vida desde sempre. Nas ruas, nos campos, até virar profissional. Eu sou jogador, me formei nisso e de repente se perde, é difícil”.

Os jogadores de futebol tem sua aposentadoria posta de forma precoce, pelo mercado e suas organizações de trabalho. A subjetividade aperfeiçoada e executada durante o período de atividade é ceifada abruptamente no auge de sua plenitude, trazendo consequências concretas as biografias destes ex-jogadores.

Como já posto, as relações de idades são subjetivas e Guita Debert (2012) concretiza esse debate ao falar de aposentadoria. Para ela, um novo desenho dos aposentados se coloca e um número maior de jovens aumentam as estatísticas de ex-profissionais. Isto gera uma nova configuração das vivencia da vida adulta. “Meia-idade, terceira-idade, aposentadoria ativa não são interlúdios maduros entre a idade adulta e a velhice, mas estágios apropriados para a concretização de sonhos adiados em outras etapas da vida”. (DEBERT, 2012, p, 19).

Deste modo, os atletas de futebol também se diferenciam em relação a idade cronológica e social. Pois é distinta a ideia de envelhecimento e aposentadoria vividos por esses atletas em relação a outros grupos sociais. Porém, a forma como se constrói todo esse processo é relativa e envolve complexas variantes.

4.1.2 Carreira, planejamento e transições no ciclo profissional do futebol

A trajetória profissional é marcada por sequências de ações e posições ocupadas por indivíduos. Essas sequências são fronteiriças e transitórias de acordo com a idade, formação, tempo de serviço e interesses individuais. Segundo Luiz Henrique Rezende Marciel (2015), essas perspectivas são identificadas como carreira profissional e são construídas em contextos de ajustamento, desenvolvimento e mudanças:

O termo pode ser aplicado ao se referir tanto a mobilidade ocupacional quanto para se designar uma profissão, assim sendo, pode se entender que o caminho trilhado por um executivo de uma multinacional referir-se-ia a mobilidade ocupacional, e a carreira médica ou esportiva a uma profissão. Nos dois casos, o termo carreira transmite a ideia de um caminho estruturado e organizado no tempo e no espaço (MARCIEL, 2015, p. 24).

Apesar de o conceito apresentado definir a sequência e possibilidade da carreira como um caminho concreto e trilhado, as formas como são administradas e os caminhos de condução das possibilidades são algo bastante fluído e marcadamente particular.

A carreira de um atleta profissional de futebol, por exemplo, é extremamente marcada por questões externas como: família, contratos, idolatria por parte da torcida, contusões, fatores que norteiam as decisões e escolhas que acompanham os profissionais antes, durante e ao final da carreira.

Há uma inconstância em qualquer caminho trilhado profissionalmente. Na carreira profissional de atletas de futebol não seria diferente, porém, tratando-se de atletas profissionais inseridos no contexto do futebol periférico este aspecto ainda é mais acentuado. Segundo confirma um entrevistado: “Já cheguei a jogar em três cidades diferentes em um mesmo ano. Joguei três campeonatos diferentes e o pior que só recebi em um desses clubes”.

Depoimentos como desse ex-atleta é exemplo recorrente no campo do futebol profissional periférico. Salários atrasados, mudanças constantes de clubes e cidades, contratos de baixos valores etc, são empecilhos que não facilitam as transições na carreira de um jogador profissional de futebol, que muitas vezes, se veem levados a tomar decisões que não condizem com suas expectativas e projeções.

Deste modo, a carreira é gerida e encarada de acordo com os padrões colocados diante dos profissionais da bola que mesmo sabendo de todas as etapas a se cumprir durante a sua vida profissional, às vezes, não tem controle sobre elas.

No âmbito geral, as etapas em cada carreira são bem delineadas com as possibilidades e experiência vividas a cada fase. No caso do futebol profissional estas etapas começam em muito baixa idade e dependendo da estrutura individual e os fatores externos que envolvem determinada trajetória não há uma sequência proveitosa e linear destas etapas. Esta característica é bem presente na vida dos atletas que constroem suas carreiras no futebol

periférico. É o caso do ex-atleta que não vivenciou o que pode ser chamado de ápice da carreira profissional do jogador de futebol (entre 24 e 28 anos) por ter se afastado dos gramados aos 25 anos.

Sua aposentadoria foi resultado da própria estrutura do futebol em que atuava. Baixos salários (quando este era pago) e sem condições de sustento familiar através do futebol profissional, foi obrigado a abandonar a carreira desfazendo todo um processo de construção identitária e sonhos para com o futebol desenhado ainda na adolescência: “Queria continuar jogando. Era o que eu sabia fazer e pensei em fazer. Me preparei prá isso. Me dedicava a isso. Mas a vida não quis. Era difícil. Não teve como eu continuar”.

Neste caso, fica clara a ruptura sem planejamento. Este ex-atleta que já terminou a carreira há mais de uma década, não passou por todas as etapas possíveis nem durante nem na transição para o fim da carreira. Deste modo, a transição das etapas são construções particulares experimentadas a cada modo e estrutura possível de cada atleta. Sendo como dito alhures, vividas de modo particular e diferente. Este ponto é importante para entendermos a particularidade dos ex-atletas ao encarar a aposentadoria.

O fim da carreira profissional de futebol chega de forma distinta para cada atleta, o planejamento ou a falta dele é um dos fatores mais preponderantes como dado para a pesquisa. Já que fatores como: curto prazo no desenvolvimento da profissão e as nuances sociais e econômicas não possibilitam a melhor transição para o termino da trajetória profissional.

4.1.3 Planejamento

Há um mito, dentre tantos que envolvem a carreira de atletas profissionais de futebol, que os boleiros não planejam ou pensam suas carreiras e o fim de suas trajetórias profissionais. Contudo, há uma enorme diferença entre se preocupar com futuro sem o

futebol e conseguir, devido às estruturas econômicas e sociais que a maioria dos atletas de futebol profissional estão inseridos, alcançar as metas.

Perguntado sobre as expectativas antes, durante e depois da carreira de futebolista profissional, um famoso lateral do futebol nordestino descreveu:

Pensando no início de minha carreira até o final dela eu acho que consegui o mínimo para sobrevivência. Mas não foi como eu projetava. Queria jogar em clube grande. A cada ano achava que aquele ia dar pra chegar. Ter grandes contratos. Fiquei frustrado em alguns momentos, passei dificuldades noutro, mas hoje eu me vejo com o que pude ter. Mas aqui no nordeste é difícil. Os bons momentos eram quando se tinham os títulos. Mas nem sempre é assim.

A narrativa anterior criva a tese do mercado como fator preponderante neste processo de entendimento do atleta sobre as perspectivas da carreira, no futebol periférico. Pois o atleta citado foi um dos grandes nomes da década de 1990 e início dos anos 2000. Jogou em alto nível em vários clubes tradicionais do nordeste. Porém, a estrutura do futebol em que estava encravado não permitiu que houvesse um avanço maior do que o alcançado por ele.

A gestão da trajetória profissional e o planejamento para o fim da carreira, na maioria das vezes, não é somente uma questão de cunho individual ou um simples desejo de parar. Não raro, a grande mídia e os torcedores em geral, criam discursos e estereótipos que culpabilizam o próprio atleta por um possível fracasso econômico tratando de forma pejorativa o profissional e o indivíduo.

Quando, em verdade, geralmente, a gestão da carreira e planejamento para o futuro de um atleta inserido no campo do futebol periférico, passa mais pelas condições estruturais que lhes são expostas do que por desejos individuais.

É fato, que casos como do famoso ex- ponta esquerda que hoje trabalha no beco dos pneus em Campina Grande, é real e representam um exemplo de não direcionamento de uma carreira marcada por alguns bons contratos, como ele mesmo descreve em sua narrativa.

Contudo, trata-se de poucas exceções o que não representa a regra dos atletas entrevistados e que atuaram no futebol periférico. As ocupações e remunerações que

apresentam hoje, após a transição do futebol profissional para o mercado tido como normal, é resultado de uma carreira construída num campo social e econômico desfavorável em relação aos grandes centros do futebol. Clubes, contratos, locais em que se desenvolvem as carreiras são preponderantes a forma como os ciclos profissionais são geridos.

As principais teorias de gestão e planejamento de carreiras falam em “estabelecimentos de metas” como sendo o caminho correto e seguro de vivenciar uma trajetória profissional. Sendo a meta estabelecida a baliza para a construção de uma carreira exitosa.

As metas podem ser a curto e longo prazo. No caso de atletas profissionais de futebol podem representar uma ideia simples em curto prazo como ganhar um torneio ou o número de gols marcados numa temporada ou algo mais complexo como os tipos de contratos a serem assinados ou até mesmo quando e onde por fim a carreira.

Entretanto, é muito mais complexa a possibilidade de se contar com linearidade de uma caminhada profissional estabelecendo essas metas no campo do futebol periférico, que como já foi dito, é bem árido do ponto de vista social, econômico e político, o que dificulta imensamente a transição ao fim da carreira destes atletas profissionais.

4.1.4 A transição para o fim da carreira profissional de atletas de futebol

A recolocação, no mundo profissional, quase que imposta aos ex-atletas de futebol, é, geralmente, mais dura por envolver a sobrevivência daqueles homens que ainda jovens se veem sem fonte de renda e apartados da profissão que lhes deram sustento financeiro por toda a vida, até então.

A preparação para as transições de etapas são muito discutidas e orientadas tanto por teóricos, como por psicólogos, quanto por dirigentes e ex-atletas que passaram por esse

processo. Entretanto, a recolocação noutra espaço social e profissional demanda acúmulo psicológico e social que nem sempre a prática do esporte provém.

Apesar de relativa, as formas de concluir uma carreira profissional apresentam graus distintos de dificuldades. O término de uma trajetória profissional e a impossibilidade de exercer outra ocupação por causa do envelhecimento e suas consequências sobre as ações e autonomia no trabalho traz desconforto menos traumáticos do que a transição/ruptura/recolocação noutra espaço de trabalho tendo em vista o acúmulo de *habitus* provenientes doutra atividade.

De acordo com Marciel:

Ao se relacionar a aposentadoria com o avançar da idade, fatores como o envelhecimento e suas consequências na aparência e condições físicas [...] são destacadas. Contudo, pensando na aposentadoria como uma transição, o que mais se destaca é a insegurança na construção de uma nova carreira ou possibilidade de inserção em um novo mercado de trabalho, tendo em vista todos os anos de investimento e dedicação a uma atividade anterior. (MARCIEL, 2015, p. 67)

É unânime entre os atletas entrevistados a não construção e desenvolvimento de outra atividade alheia ao futebol profissional a época em que atuavam. Por mais que alguns pensassem que seria importante a formação em alguma outra atividade para continuação de sua vida ativa no trabalho após o futebol, os atletas afirmam que não é simples esta condição. Muito menos partindo de uma iniciativa do próprio atleta.

Os valores absorvidos na carreira profissional de atleta de futebol são constituídos por imediatismo. O próximo jogo é sempre o mais importante e o atleta (produto maior do mercado futebol) é lapidado para execução dessa meta: vencer sempre na próxima rodada.

Há muito discurso por parte da imprensa especializada, dos acadêmicos ou até mesmo dos torcedores em geral, da necessidade do jogador profissional preocupar-se com sua formação intelectual e profissional além do esporte pensando numa futura recolocação no mundo fora do futebol.

Porém, pouco é dado condições para isso. Como dito, são mais de cinco mil horas dedicadas aos treinamentos por cada atleta durante sua trajetória profissional para que eles possam exercer o máximo de rendimento em suas funções dentro do campo. Afora este fator físico existem as viagens, concentrações, e as varias cidades distintas onde os contratos profissionais são oferecidos durante a carreira. É possível, em condições normais, dedicar-se a outra atividade, seja ela acadêmica ou profissional?

Segundo um grande lateral do futebol paraibano, não:

A dedicação ao futebol é muito intensa. Todos os tempos estão ligados as partidas, aos treinos, as preleções. Não tem como se formar. Existem exemplos como o doutor Sócrates, mas ele é uma grande exceção. Eu queria ter feito educação física. Mas eu hoje tenho 42 anos se eu for estudar são mais cinco anos. Não é tão fácil. E durante a carreira é que é complicado mesmo.

Desde modo, as ações que levam a tomada de decisão de parar são bastante complexas.

4.1.5 Decisão: a hora de pendurar as chuteiras

Pode ser que exista algum jogador que jogou em alto nível, mas eu não conheço. Não conheço ninguém que desde que começou a carreira se planeja para pendurar as chuteiras. O cara ta jogando, a grana entrando, as vezes nem muito, mas o cara insiste. É vida dele né? Não é fácil deixar de jogar bola. (Ex atleta)

Pendurar as chuteiras. Esse é o termo usado pelos jogadores profissionais de futebol para se referir ao final de suas carreiras. São variáveis as possibilidades e situações que levam a esta etapa do ciclo profissional de um atleta de futebol. Mas um fato é certo: não há momento exato para parar.

Segundo a maioria dos ex-atletas entrevistados, vários elementos são levados em consideração quando se trata da aposentadoria: fatores econômicos, físicos, psicológicos e sociais, são preponderantes nesta decisão.

A carreira de um atleta profissional de futebol, como dito é marcada por etapas. A última etapa, “pendurar as chuteiras”, é distinta, na maioria dos casos, por um fator externo, ou seja, não é uma decisão tomada com a firmeza do planejamento.

São raros os casos em que o atleta se programa para acabar a carreira em determinada idade ou situação financeira, principalmente, entre os atletas que atuam no futebol periférico, onde os rendimentos não são muito elevados. Neste contexto nenhum ex-atleta assume algum tipo de facilidade ao término da carreira. Mesmo sabendo que “pendurar as chuteiras” é algo natural na trajetória de qualquer atleta de futebol a decisão de que não há mais condições para enfrentar a maratona de jogos e competições é fruto de muita resistência.

Mas por que é tão difícil parar? Muitos ex-atletas afirmam que a paixão pela bola é o principal fator que leva ao adiamento da decisão. Contudo, um fator que percebemos constante em todos os depoimentos é o medo.

Subjetivo, o medo envolve varias perspectivas tratando-se a transição que estamos discutindo. Medo de não ser aceito como diferenciado, lembremos que o atleta de futebol carrega consigo o status da vocação, além disso, o medo do desemprego é constante. Como disse um ex-meia:

Quando as coisas estavam difíceis, salários baixos ou contratos não cumpridos eu pensava em parar. Mas ao mesmo tempo pensava que se eu não estava conseguindo jogando futebol quanto mais se fosse num outro serviço fora o futebol? O que muita coisa eu poderia fazer? Sem estudo sem nada.

Autores como Samulski (2009) indicam que o melhor momento para a decisão de parar é quando os objetivos e metas sejam minimamente alcançadas. Entretanto, este é o mundo ideal. Atletas profissionais que atuam no campo do futebol periférico são geralmente, postos de lado no mercado.

O corpo, geralmente, é o termômetro desta decisão. O declínio físico leva ao não acompanhamento dos treinos e jogos de alto rendimento e em consequência vem a

desvalorização no mercado da bola. Menores contratos e salários inviabilizam a continuação da carreira.

Conforme relata um ex jogador de futebol:

O corpo pesa. Aconteceu comigo. Ai os contratos são cada vez piores. Eu ainda acho que eu tinha condições de jogar uns dois anos. Mas ai eu estava gastando pra jogar. Não estava valendo a pena. Tu sabe o que é passar seis meses sem salário? Esse tipo de contrato não dá. Mas depois dos trinta é que vai mais aparecendo

A idade é a vilã deste processo. Seja porque fisicamente o corpo exausto não rende aos padrões impostos pela dinâmica do jogo, cada vez mais rápido e físico, ou seja, pelo que foi dito em algumas entrevistas, por um fator social, o que eles chamam de preconceito com os atletas mais maduros. Um sentimento de ingratidão e desapego é exposto quando se trata desse tema:

É o que afirma um ex-atleta:

Você pode ver nos comentários dos torcedores ou mesmo dos próprios jornalistas esportivos “apesar da idade” ou “o cara ta ficando cego” “até quando vai se arrastar pelos campos” e muitas vezes é um comentário injusto. Se o jogador erra uma bola que erraria aos 25 anos dizem que é porque está velho. Romário passou por isso, Rivaldo passou por isso, jogadores campeões do mundo, melhores atletas do mundo, quanto mais um jogador normal... é difícil. Pois não aceitamos e acabamos sendo expulsos de vez dos gramados.

A dificuldade na gerência da carreira de atletas é um elemento dos mais duros sobre a trajetória profissional de futebol. Porém, um processo complexo que implica responsabilidades não somente dos atletas, mas dos clubes, federações e até poder publico (considerando o futebol como um expoente cultural do país) que no estagio atual do esporte brasileiro é a maior referência neste sentido, como afirmam Maria Regina Ferreira Brandão e Lenamar Fiorese Vieira (2013).

No Brasil, a assistência de carreira para atletas depende totalmente do sistema público, nas esferas federal, estadual ou municipal e a maioria dos programas se concentra na detecção de talentos. Em 2008, o governo federal estabeleceu um plano de aposentadoria especial para

os ex-jogadores de futebol que haviam conquistado a Copa do Mundo e estavam enfrentando problemas financeiros. No entanto, este programa excluía os atletas de outros esportes, e estava exclusivamente focado na situação financeira dos ex-atletas. Em 2010, o Ministério do Esporte lançou dois programas: "Descoberta de talentos do esporte" e "Bolsa Atleta". O primeiro programa visa detectar jovens matriculados na escola que apresentam níveis de desempenho motor compatíveis com esporte competitivo e de alta performance. Uma vez localizado, os nomes desses jovens são inseridos em um banco de dados nacional, que está disponível para clubes, associações esportivas, federações e confederações nacionais. O último projeto fornece suporte e melhora as condições de vida para os atletas de alto rendimento que estão totalmente envolvidos em esporte, mas sem patrocinadores. No último programa, o governo paga uma bolsa mensal com base nos resultados que o atleta atingir (BRANDÃO E VIEIRA, 2013).

Assim, a decisão em sua maioria das vezes é influenciada por fatores externos, ou seja, quando os contratos não são mais oferecidos, as contusões se repetem ou a pressão de familiares que não conseguem equilibrar os problemas econômicos que baixos salários proporcionam: “Olhe eu parei por que me machuquei, senão estava jogando enquanto desse. Mas aí, me vi sem time para jogar com uma contusão no joelho e sem ter mais como continuar”. (Ex-atleta)

O fator econômico é o principal vetor de certos “prolongamentos” de carreiras. Mesmo em situações precárias os atletas precisam insistir em jogar para continuar tendo alguma fonte de renda. O fato do jogador profissional de futebol se aposentar por volta dos 35 anos não o permite, como em profissões ditas normais, receber o benefício da aposentadoria via INSS, isto, pois não há tempo de contribuição formal.

Uma forma de se aposentar via INSS é através de uma contusão ou sequela grave que o torne inapto à outra ocupação profissional. Essa angústia é vivida pela maioria dos ex-

atletas e aconteceu também com o ex-atacante que fez sucesso no Treze Futebol Clube e Campinense Clube nas décadas de 1960 e 1970:

Quando eu era atleta eu tinha condições de viver minimamente bem. Pagava-se pouco. Mas tinha os bichos (premiações) e o prestígio em alguns lugares como restaurantes por exemplo. Quando parei fiquei sem nada. Tentei me virar. Fiz de tudo. Só após muito tempo consegui uma aposentadoria, mas não foi como atleta de futebol foi por idade e essas coisas.

Deste modo, a decisão de parar, na maioria das vezes, no campo do futebol periférico, geralmente não está associada a algum tipo de planejamento de carreira que envolve metas e objetivos. Mas sim, a fatores externos, que na maioria das vezes são de cunho econômico que ou retarda a aposentadoria, no caso daqueles que não tem outra estratégia de sustento que não o futebol, ou antecipa a aposentadoria por falta de contratos que ofereçam o mínimo de condições de sobrevivência desses atletas e suas famílias.

4.1.6 O luto: mitos e verdades ao pendurar as chuteiras

Independente de quem continua no futebol, ligado de alguma forma, ou não consegue se reinserir no mercado do esporte, uma coisa é certa referente aos ex-atletas de futebol: todos passam por uma ressignificação identitária que pode ser chamada simbolicamente de morte do ídolo.

Um preceito criado no mundo do futebol é a famosa frase dita por Paulo Roberto Falcão, ex-atleta da seleção brasileira de futebol e um dos mais famosos jogadores de futebol do século XX “O jogador de futebol profissional morre duas vezes: uma quando acaba sua carreira de jogador de futebol e outro no fim de sua vida biológica”.

O protagonismo que futebol profissional proporciona aos atletas uma formação de uma identidade que contorna sua existência. A ausência da arquibancada repleta de aficionados gritando o seu nome e o assédio diário recebido por esses jogadores durante o

período de atleta, transforma, como foi discutido, o homem comum num mito. A perda disso, é o que mais marca a fala dos ex-atletas entrevistados.

Ex-zagueiro de Campinense Clube, Treze e Botafogo-pb, agora com quarenta e dois anos de idade, diz que por mais que ainda haja algumas lembranças por parte de algumas pessoas em relação a sua carreira, a afinidade não é a mesma coisa, há um vazio:

Aquela frase de Falcão é uma dura verdade que afeta a realidade de todo jogador de futebol. Eu, aliás, todos aqueles que jogam ou jogaram futebol profissionalmente construímos, desde criança, nossa vida ligada ao futebol. Sempre dedicados a este esporte. E quando chega a hora final você se separa de uma coisa que na verdade é você, que desde criança você convive como sendo sua única realidade e chega ao fim... é difícil chegar domingo e não ouvir a massa te gritando o nome. A falta da adrenalina, da responsabilidade, do torcedor. O nome disso é angustia e saudade. Isso é o que mais faz falta e que nunca se recupera.

Por mais preparado que o atleta esteja para o fim da carreira a experiência real de aposentadoria, independente do fator que o levou ao jubilo, o leva invariavelmente a um processo de ansiedade e angustia comparada ao luto.

Compreende Giulianotti que:

Pendurar as chuteiras pode garantir a privacidade e o relaxamento mental que o jogador almejava antes. Mas comumente anuncia o fim de uma camaradagem institucionalizada com os membros de seu time e a quebra de um espelho público em que se tornou tão familiar [...] para a maioria, a opção dourada de ser manager, técnico ou a trabalhar na mídia não é disponível. Mesmo se fosse às sensações existenciais de jogar não durariam (GIULIANOTTI, 2010. p.162).

O luto, resultado da “morte” do ídolo, citada por ex-atletas e torcedores pode ser vista como uma “humanização” daquele que parece invencível. Ninguém imagina um ídolo como Pelé sofrendo por problemas de ordem pessoal. Problemas de saúde, econômicos psicológicos seriam, nessa perspectiva, características de “nós” que ficamos fora do campo de jogo. Quando um jogador encontra-se afastado, em definitivo, dos gramados ele perde a áurea de assinalado que as camisas dos clubes garantem. um ex-jogador do campinense clube, em

conversa informal disse-me, frustrado, que as pessoas às vezes os olham e não acreditam que foram jogadores profissionais de futebol e que levam uma vida normal como todo mundo

Esta relação da morte pública, muito resultado da deificação que se constrói durante os anos em campo de jogo, aparece como perda das forças de um herói que não apresenta mais a possibilidade de redimir aquela comunidade que sempre o adorou.

O fim da carreira de jogador de futebol é um processo de desencantamento que leva o jogador aposentado a perder sua máscara de herói. Ocorre uma desconstrução, às vezes, inconsciente, da figura encantada do herói.

Os torcedores que criam os deuses acabam sendo os mesmos que os desmistificam. Para Franco Junior (2000) a resposta para isso pode está na paixão pelo clube, ou seja, há, prossegue o autor de “os deuses da bola”, um engano por parte dos torcedores em relação a sua adoração. Prossegue Franco Junior analisando que o fato do ex-atleta, por mais genial e midiática que tenha sido durante sua carreira, perder parte de seu encantamento diante dos torcedores ao fim da carreira é uma prova que o fato de se utilizar a camisa de meu clube (minha religião) que os fazem “santos”.

Os torcedores avaliam mal a condição religiosa do craque que admirava. Depois que ele se aposentou, os torcedores continuaram e continuarão a ir ao mesmo estádio para assistir as partidas do mesmo clube. Afinal, é a este que os torcedores cultuam (FRANCO JUNIOR, 2000, p. 260).

Deste modo, recolocando a sociologia configuracional de Norbert Elias, ao nosso debate, morte do ídolo é resultado da destruição da parte mais forte integrante do “eu” na imagem do jogador de futebol este que é criada na relação com o “nós” constituído por todos os elementos deste esporte. O elo jogador-ídolo com o torcedor se estreita vitalmente a figura do jogador. Ao fim da carreira há um rompimento e o atleta sente-se perdido sem aquilo que o sustentava.

De acordo com Souto (2000) a maior complexidade neste momento de reconstrução da vida, após o fim de uma trajetória dentro do futebol profissional, é completar um processo que

é contínuo, no caso, deixar pra traz uma identidade construída dentro do futebol, no qual tinha status de herói, para incorporar um novo papel no mundo social, entretanto, sem deixar de preservar a imagem de ídolo que já foi, para que não perca parte de si.

Porém, este processo apesar de real e absorver uma grande parte dos ex-atletas de futebol é carregado de simbolismos que ganham de certo modo aspectos de generalidade, o que para uma análise sociológica é um erro crasso não se levar em consideração outras possibilidades e leituras deste momento na carreira dos atletas de futebol profissional.

Assim, levando em consideração todos esses aspectos, inclusive os folclóricos, e as diversidades de possibilidades ao ajustamento de fatores que desencadeiam na aposentadoria dos atletas profissionais de futebol, apresentaremos a seguir as nuances deste processo nas biografias dos jogadores aposentados. Quais as estratégias de ocupação neste pós-futebol? Houve a possibilidade de reconversão profissional? Como os projetos individuais são (re)construídos.?

4.1.7 As adaptações ao fim da carreira de atleta profissional de futebol

A adaptação à vida após a carreira profissional é muito particular. A transição já tanto discutida não pode ser engessada como um conceito quando tratamos de biografias distintas e estilos de vida complexos.

Neste sentido, estratégias são desenvolvidas para as adaptações pessoais, familiares, financeiras e sociais no momento pós futebol. Muitas são as sensações e formas de encarar as rupturas causadas pelo fim da carreira profissional de futebol. Alguns estereótipos são criados e outras referências são quebradas.

Adiante apresentaremos exemplos que norteiam as percepções e vivências ligadas ao ato de pendurar as chuteiras e representam as formas de se encarar este momento de jubilo no campo do futebol periférico.

4.1.8 Os rostos sem mascaras: os casos daqueles que não superaram o luto

Como anteriormente foi abordado, o jogador de futebol profissional tem toda sua carreira e identidade profissionais construídas a partir de sua relação com o corpo (corpo/máquina) vários fatores são envolvidos nesse processo, desde sua saúde até masculinidade/potência.

Concomitante a este processo a condição quase sagrada que o atleta de futebol encara durante a carreira cria uma forma de entender e encarar as relações sociais de maneira específica aquele meio que ele é posto. Até que em um momento, às vezes de repente, a máquina falha e as quatro linhas do gramado se apresentam com dimensões “maiores” de que as de dez ou quinze anos antes.

Giullionotti considera que:

Ao passar pelas ultimas etapas de uma partida ou de uma carreira profissional, o corpo é considerado como uma maquina um instrumento de “trabalho morto” com uma existência finita os jogadores com “grande mecânica” continuam correndo até o apito final; aqueles que visivelmente são mais vagarosos “nenhum combustível” (GIULLIONOTTI, 2010, p. 144-145).

O atleta de futebol que dedicou toda a sua vida, até então, ao futebol se vê divorciado, por contra sua vontade na maioria das vezes, com a bola. Como afirma, ex- zagueiro do futebol nordestino: “As pernas literalmente pesam, todo o seu corpo doe e você não consegue acompanhar os adversários, nem seus parceiros. A cabeça pensa, mas o corpo não obedece como antes”.

Independente do dinheiro acumulado durante toda a carreira e até mesmo o nível de estrelato alcançado na profissão, o ato de “pendurar as chuteiras” é algo muito impactante na biografia de todo jogador de futebol profissional. Arthur Antunes Coimbra, o Zico, jogador de renome internacional e maior ídolo da maior torcida do futebol brasileiro, o Clube de Regatas Flamengo, diz em tom angustiado, em sua biografia autorizada “Zico conta a sua historia”

(1996), que seja qual for o atleta, se ele não entender que o fim faz parte do jogo, ele não vai ter boa relação com o momento de júbilo.

Para o profissional de futebol o fim da carreira acaba sendo um momento extremamente delicado, pois a readaptação a um novo estilo de vida é cobrada muito rapidamente, pois novos vínculos têm que ser criados rapidamente e sua identidade revista. A cada momento de transição há um processo de mudança intensa e reavaliação e percepção do atleta sobre si e sobre o mundo (SAMULSKI, 2009).

É complexa esta readaptação dos ex-atletas de futebol a realidade pós futebol, pois segundo Pires (2004) os profissionais deste esporte veem completado seu ciclo profissional no auge de sua fase produtiva, geralmente, entre trinta e três e três seis anos. Além disso, a queda nos padrões de vida é fator decisivo na escolha de uma nova profissão (BRANDÃO E VIEIRA, 2013).

É o que se pode destacar na trajetória de um ex-jogador do futebol paraibano. Hoje, aos quarenta e nove anos de idade, reconhece que obteve sucesso em sua carreira como futebolista, atuando, inclusive, em clubes da Grécia e Bélgica. Após diversas contusões, já resquícios de sua idade, aos trinta e cinco anos, abandonou o futebol. Segundo descreve, o pior momento de sua biografia, pois de repente, como diz, com saúde física e intelectual em boas condições, viu-se sem profissão:

É muito rápido. Como ser humano foi a coisa mais difícil. Eu tinha relativa fama, padrão de vida de médio pra alto, conhecia e vivia as melhores coisas. Eu tive acesso ao que você possa imaginar de melhor... e do nada fiquei retirado de tudo isso e eu senti muito. Foi uma queda muito grande e só me restou o recolhimento e aceitar e tentar a cada dia me convencer que tudo passa e nada é pra sempre. Foi difícil demais, hoje eu imagino que me recuperei, mas eu sei o que passei até aqui.

Uma das principais características da profissão de futebolista é a difícil reconversão profissional. Além de todo este tempo de dedicação exclusiva ao futebol, os saberes e aprendizados absorvidos numa carreira de atleta de futebol pouco oferecem de possibilidades.

Como análise Mandelsohn:

La frase "lo único que supe en mi vida es patear una pelota" se agudiza en una realidad socioeconómica de crisis. Sólo un pequeño porcentaje sigue ligado íntimamente a este deporte "apasionante", ya como entrenadores, periodistas deportivos, empresarios de jugadores, docentes, etc. Los que quedan fuera de "este grupo de elite" (que sigue disfrutando de la popularidad y del buen dinero), es decir, el resto, tiene enormes dificultades para reinsertarse en el tejido social. Llevan ventaja los que ya desarrollaban alguna actividad comercial o de capacitación durante la carrera de futbolista. Los demás se confrontan con un "vacío" (MENDELSON, 2004. p. 01).

Os jogadores de futebol confinados a execução de jogadas e táticas mecânicas não têm muitas possibilidades de apreender outros conhecimentos, isto, pois, as viagens, treinamentos e concentrações, em espaços de disciplina do corpo e mente, antes dos jogos não permite tempo a dedicação a outras atividades.

Assim, quando o profissional da bola pendura as chuteiras encontra-se “perdido”. Não ocorre um processo de fácil adaptação a nova realidade. Alguns dos atletas com quem conversei tiveram suas vidas “congeladas” por alguns anos, ou seja, como zumbis sociais (SOUTO: 2000) não se firmaram em outras possibilidades além do futebol ficando presos a um espelho quebrado e fosco.

Como depõe ex-atleta que hoje mora em Campina Grande, e passou uma década após o fim da carreira, para se engajar num outro ramo de trabalho e assim conseguir garantir uma renda fixa:

Hoje eu tenho que agradecer a oportunidade que tive de entrar nesse ramo de comercio. Pois ele que garante hoje, o sustento de minha família. Antes disso eu vivia de uma coisa que não existia mais. Passei dez anos parado. Sem estímulo nem trabalho.

A readaptação econômica é um dos maiores diferenciais vividos por esses profissionais, quando chega o momento de fim de carreira. Segundo o depoimento de todos os atletas que conversei não há possibilidade de se acompanhar a media salarial antes e depois da carreira. Isso é apontado pelos jogadores como um fator intrínseco a profissão. Os níveis de vida são desastrosamente modificados após o último contrato como profissional de futebol.

Como reconhece um ex atleta:

Essa é a grande dificuldade. Hoje se eu pudesse deixar um conselho aos atletas que ainda atuam é que façam o máximo pra investir o seu dinheiro. Sei que a maioria não ganha fortunas, isso ainda complica mais, mas pense no futuro. O Problema está no futuro. Veja meu caso, depois que parei fiquei sem nada, em relação a minha vida de salários do futebol. Cheguei a ter oito casas próprias, mas gastei tudo com coisas rápidas, da hora, com namoradas, bebidas alcoólicas, não tive orientação, nunca tive nada disso, o jogador acha que aquilo é pra sempre.

Segundo Richard Giulianotti (2010) há, em geral, na carreira profissional de futebol uma impossibilidade de gerar identidades sociais equilibradas. Ele afirma isso a partir de análise da “cristalização de status” de atletas profissionais, percebe-se que os atletas apresentam pouca “cristalização de status” em outras áreas que não o futebol.

Isto é complexo, prossegue Giulianotti (2010), pois, indica que as técnicas de treinos atuais acumulam problemas não só dentro como fora de campo. Levando os jogadores profissionais a encararem, durante a carreira, problemas psicossociais sérios quando, principalmente, chegarem ao crepúsculo de sua profissão de atleta de futebol. Isto, pois, o futebol e sua prática profissional pouco ou quase nada estimulam as habilidades sociais dos atletas.

Um ex-atacante, por exemplo, dedicou toda a sua vida tentando se reencaixar no futebol, por não saber, segundo ele mesmo, fazer outra coisa. Acabou trabalhando como arbitro amador ou fazendo bicos de treinador de equipes de bairro.

Este modelo é recorrente na grande maioria dos casos de ex-atletas de futebol profissional, que por não conseguir se inserirem no mercado de trabalho, seja por falta de

oportunidade ou por não adaptação aos *habitus* de uma nova profissão ficando por muito tempo desempregados ou em empregos sem carteira assinada.

Além disso, muitos são os casos de ex-jogadores que acabam se envolvendo em atividades ilegais ou se “perdem”, termo usado pelos próprios atletas, em uso constante com entorpecentes como cocaína e álcool. Estes “envolvimentos”, citados pelos agentes desta pesquisa, apresentam um valor moral muito significativo. Além de ser um tabu entre eles. “ninguém que ser dedo duro” disse-me um dos entrevistados quando perguntei sobre o assunto. Mas que, porém, com gravadores desligados alguns exemplos, foram citados de jogadores que ganharam muito dinheiro e contratos, inclusive internacionais, que hoje se encontram sem família ou moradia. Perambulando pelas ruas da cidade quase pedindo esmolas pra conseguir qualquer tipo de droga.

A aposentadoria pra atletas de futebol só ocorre através da previdência privada ou caso haja uma contusão que impossibilite a permanência do atleta nos gramados profissionais. Este fator força muito atletas a antecipar a aposentadoria.

Nesta conjuntura, existem dois tipos de ex- jogadores de futebol: os que se mantêm ligados ao futebol e os que se afastam ou de certa forma são “afastados” do mundo futebolístico. A grande maioria dos ex-ídolos se encaixa na segunda opção, o que os levam a uma crise identitária sem precedentes (SOUTO: 2000). Os atletas aposentados, mesmo os que continuam inseridos no esporte após o término de sua carreira de jogador, acabam perdendo sua função simbólica de mito, de herói. (VERDU, apud SOUTO, 2000).

4.1.9 A superação da “morte”? Outras formas de recolocação no mundo após o fim da carreira profissional de futebol.

Todo o quadro pintado anteriormente é uma faceta real e concreta das biografias dos ex-atletas de futebol. Porém, a “morte” do ídolo, apesar de seu peso marcante, nas identidades de qualquer jogador profissional de futebol que se aposenta, não pode, mesmo sendo

colocado, como fator primordial, quando não, único fator presente do fim de carreira, ser visto como o fim da vida daqueles homens que se veem divorciados das quatro linhas de campo.

Durante a pesquisa, fui envolvido por esse discurso sobre o fim da carreira profissional vinculada imediatamente a desgraça pessoal dos ex-atletas de futebol. Todavia, apesar de marcadamente a já citada expressão do ex-atleta Paulo Roberto Falcão, estar intrínseca nos discursos e vivências daqueles que terminam suas carreiras e ou falam sobre aposentadoria no futebol, não se pode deixar de considerar outras possibilidades de reinserção e percepções sobre este momento de transição na carreira.

Evidentemente, cada biografia analisada tem suas características próprias, porém, são universais as estratégias de recolocação social e profissional destes indivíduos no mundo pós-futebol.

Participar de comissões técnicas dos clubes, por exemplo, é em sua grande maioria o cargo mais desejado por aqueles que atuaram no futebol periférico, sendo uma forma de continuar tendo uma renda e de manter-se, mesmo do lado de fora, ligado ao jogo.

É caso de um famoso ex-atleta que jogou por grandes clubes do nordeste, sendo campeão por todos os clubes que passou, mas que aos trinta e sete anos de idade foi impedido de continuar a carreira devido a seguidas contusões que não eram curadas.

Este personagem do futebol paraibano vivenciou no primeiro momento um sentimento de luto, como dito por ele mesmo, porém, que durou pouco tempo:

No começo, realmente, se fica em casa naquela sensação estranha de não ter pra onde ir. Sem ter que ir treinar ou concentrar é muito complicado. Mas logo percebi que a vida continua e deveria correr atrás. Tive a sorte de conhecer muitas pessoas e ter amigos trabalhando como treinadores. Não demorou a me arrumar como auxiliar técnico.

Hoje, aos quarenta e dois anos, este ex-atleta trabalhou em vários clubes do futebol paraibano em cargos de comissão técnica e assessoria de futebol em busca de novos talentos. Muito bem articulado nos bastidores do futebol nordestino, devido o período como atleta

profissional, afirma que essa é uma das saídas para recolocar os ex-atletas do mercado de trabalho, porém, tece varias criticas a estrutura do nosso futebol:

O problema é a tal da chance. Os próprios clubes não tem estrutura para dar oportunidades. Junta-se a isso a falta de qualificação teórica e técnica para nós jogadores de futebol logo que se acaba a carreira. Sabemos de todos os segredos do futebol, mas ser profissional fora de campo requer mais do que isso. Porém, como todo mundo sabe não é tão fácil se preparar. É difícil quando se termina uma carreira e começar outra praticamente do zero e sem bagagem nenhuma e como fosse um jovem de 20 anos. No meu caso, aos 20 anos eu me concentrava duas vezes na semana e jogava quarta e domingo, além disso treinava sempre mais que os outros. Agora isso tudo num clube sem muito dinheiro como eu poderia estudar?

Este exemplo é semelhante ao do zagueiro que mora em Campina Grande e, atualmente, exerce a função de árbitro de futebol da Federação Paraibana de Futebol.

Diante do fim da carreira, o ex-atleta também passou momentos de ansiedade e insegurança em que conta a sua vida econômica. Quando atleta profissional atuou em clubes tradicionais do futebol nordestino, porém, como grande parcela daqueles que jogam apenas nesse circuito, não obteve condições de independência financeira, apesar de atuar em bom nível por toda sua carreira.

Ao pendurar as chuteiras decidiu enveredar por outra faceta do futebol: a arbitragem. Após passar por todas as etapas dos cursos para tornar-se apto a arbitrar profissionalmente e ultrapassar as barreiras do novo entendimento profissional o ex-zagueiro se diz satisfeito com a nova forma de ocupação:

Eu sou muito grato a arbitragem, pois depois que eu parei ainda continuei no meio do futebol mesmo que de uma forma diferente, mas continuei e a arbitragem foi algo que escolhi. Assim que terminei minha carreira e não vi outro meio para me dar suporte, eu corri atrás de fazer os cursos e assim fiz o curso amador para árbitros e depois os cursos para árbitros profissionais e fui me adaptando e aprendendo a gostar dessa nova ocupação. Pois isso, posso te afirmar que estou muito satisfeito, pois foi o meio que inventei para ter um bom suporte (econômico) e estou cada vez mais envolvido e consegui superar minhas expectativas, por exemplo, tem dias em determinados eventos que se chega, com muito esforço e trabalho, até mesmo ganhar seiscentos reais em dois dias, nenhuma empresa paga isso em dois dias.

O futebol é o catalizador das vontades e realizações destes atletas, assim como de milhares de outros jogadores profissionais que acabam suas carreiras, isso por diversos fatores. *Habitus* acumulado por toda uma vida dedicada ao esporte seria um dos mais marcantes, porém, questões subjetivas como paixão pelo jogo ou identificação a um clube defendido é levado em consideração na tentativa de recolocação profissional destes atletas no mercado de trabalho após seus ciclos profissionais:

Quando eu passei a minha fase de tristeza e tive que arrumar outra coisa pra fazer, para ocupar meu tempo eu tentei logo o futebol e tinha em mente voltar pra o Botafogo-pb. Por tudo que eu construí lá. Meus títulos, meus amigos, admiradores por tudo que tenho com o clube que é minha casa e hoje estou muito satisfeito por ter alcançado esse estagio e estar sempre trabalhando para o clube. Ajudando de alguma forma.

O mesmo aconteceu com um ex-atacante que fez muito sucesso no futebol paraibano e que jogou em clubes de outros estados do Brasil e até mesmo no exterior. Contudo, com uma biografia um pouco diferente da maioria dos atletas que entrevistamos. Este ex-artilheiro do futebol paraibano conseguiu superar suas expectativas ao fim da carreira e ter razoável condições econômica.

No entanto, apesar de ter boas condições de sobrevivência longe do futebol, ele decidiu retornar ao mundo da sua antiga profissão, como uma forma de ocupar seu tempo e manter-se ligado a sua paixão. Tornou-se dirigente do Auto Esporte, clube que o formou e que fez bastante sucesso nas décadas de 1990. Foi diretor do Clube até se desligar e assumir outro projeto dentro do futebol, o de auxiliar técnico de um clube da capital paraibana.

A estratégia de reestruturação cotidiana adotada por este ex-atacante é muito particular diante do futebol periférico que nos propomos analisar. Pois, continuar dentro do futebol é para maioria dos ex-atletas inseridos nestas condições, uma tabua de salvação, significa uma saída menos traumática ao fim da carreira que escolheram e se dedicaram desde a infância.

Não ter sequência dentro do futebol pode representar, por não se ter acumulado bens devido os valores que marcaram seus contratos, uma ruptura ainda mais traumática em suas biografias. Como diz ex-atleta, hoje trabalhando em categorias de base: “se eu não tivesse continuado no futebol? Rapaz, eu teria que procurar outra saída, pois eu não poderia e não conseguiria ficar parado. Mas confesso que realmente, não sei bem o que eu faria”.

Entretanto, não há espaço para todo ex-atleta nos clubes ou federações e outras estratégias são construídos para ocupação de tempo. Mesmo que o fim da carreira de jogador profissional de futebol seja um processo em sua maioria traumática, principalmente àqueles que não acumularam riquezas materiais, a idade transforma-se num fator motriz para procura de outra função no espaço social.

A falta de preparação para outras atividades, um fator quase que intrínseco a condição de um atleta profissional, torna este processo pós-futebol como algo difícil de estabelecimento em que alguns nem conseguem superar, como os exemplos dos que ficaram presos ao passado. Porém, mesmo sendo uma ação determinada individualmente quando superada pode tornar o futebol como uma simples e boa lembrança.

É o caso de um ex-atleta que jogou por alguns times do nordeste, tendo destaque no Ceará Futebol Clube. Natural de Campina Grande, fez carreira no futebol cearense e como a grande maioria dos atletas que atuam no futebol periférico, assinam contratos pequenos, em torno de dois salários mínimos. Deste modo, aproveitou enquanto pode a carreira de atleta sem planejar a vida pós – futebol: “Não tive como planejar muita coisa. O que se ganha é geralmente pouco. É o razoável para viver naquele momento, naquelas cidades. Não dava para juntar. Nem para enriquecer não”.

Ao fim da carreira voltou para Campina Grande e se estabeleceu no comércio. Sem magoas ou angustias daquilo que viveu no mundo do futebol, afirma: “O futebol é uma boa

lembrança. de varias historias de alegrias e agonias também. Mas um momento que tive e que não é mais presente. Vivo o meu trabalho hoje e minha família e nada melhor que isso”.

O exemplo deste ex-jogador é representativo, tanto no que concerne a vida levada durante a carreira profissional no eixo periférico, onde salários são baixíssimos comparados a outros centros do futebol profissional no Brasil e que proporciona condições de viver momentos presente sem muitas perspectivas de investimentos futuros. Assim como também sustenta a possibilidade de transitar tranquilamente pelo angustiante limiar entre a vida de atleta e aposentadoria.

Todo jogador profissional sente o fim da carreira, mas é subjetivo o impacto que se tem sobre o individuo que se põe diante do fim de uma parte de sua formação e juventude.

Reagir e reorganizar seu cotidiano além do futebol fugindo dos estereótipos do “zumbi social” criado a partir de figuras emblemáticas como Garrincha e filmes como “Boleiros: Era uma vez o futebol”², do cineasta Ugo Giorgetti, é uma forma de demonstrar que nem toda administração de carreira é algo objetivo e controlável.

O ex-atleta em sua descrição, fala do quanto aproveitou a segunda década de sua vida atuando como jogador profissional: “Para mim, foi, apesar de alguns perrengues, muito bom. Eu era jovem e ser jogador de futebol tem suas vantagens. Você é diferente entre os outros e isso era muito bom. Sem contar que era um ótimo emprego”.

Aqui ele fala do futebol como algo além da “mina de ouro” em que se pensa na profissão como uma possibilidade de enriquecimento em poucos anos de atuação profissional.

Neste caso, um jovem aproveitou seu momento como profissional para sobreviver e aproveitar-se das regalias que o status de jogador proporcionava a ele. Ao fim deste momento de sua biografia teve que se readaptar e organizar seu tempo e sobrevivência deste modo.

² Filme brasileiro de 1998. É um drama que retrata histórias passadas no futebol brasileiro, contadas por personagens que representam ex-atletas de futebol de varias gerações.

Outras estratégias também são construídas na negação da continuidade dentro do mundo do esporte. Apesar de ser, como dito anteriormente, uma vontade concreta da grande maioria dos atletas de futebol após o término de sua carreira profissional dedicar parte de seu tempo a alguma ocupação inserida no mundo do futebol.

Deste modo, existem exemplos de ex-jogadores profissionais que não tiveram nenhuma pretensão de continuar atuando profissionalmente com futebol. É o caso de um ex-zagueiro muito conhecido no futebol nordestino. Com sua própria afirmação, o futebol foi um momento em sua vida. Apenas isso. Um momento interessante do ponto de vista social e financeiro, mas que não trazia para ele e sua família uma estabilidade. Pois, as mudanças constantes não era algo que agradava: “Um dos fatos da profissão que faz cansar são as mudanças. Atrapalha um pouco. Quando a minha vida no futebol acabou decidi parar num local. Estabelecer-me e ter tranquilidade. Campina Grande foi um bom lugar”.

No caso desta personagem, não houve, devido aos motivos já destacados que envolvem os profissionais inseridos no mundo do futebol periférico, condições de grande investimento e assim como alguns craques do futebol viver do acúmulo econômico conquistado da época de jogador.

Mesmo assim, não era no futebol a ideia de saída para outra ocupação. Nem foi o discurso do obstáculo que o impediu de investir noutra possibilidade.

Procurei o comercio e não vejo problema nisso. Foi uma oportunidade que tive e vi com bons olhos. As pessoas, as vezes, não entendem que toda profissão tem seu valor e você que faz valer. Hoje sou muito satisfeito com o que escolhi. Ocupo meu tempo, sustento minha família e estou em paz. Certeza que melhor se do que se eu estivesse envolvido com a bola ainda.

A narrativa acima é o contra ponto ao discurso que coloca o fim da carreira como algo definitivo a vida do atleta profissional de futebol ou que este vive em desgraça por encontrar-se numa atividade ocupacional distante daquilo que foi sua vida de atleta.

Esta situação econômica e social distinta da anterior (carreira de atleta) soa ainda, para o senso comum, como um símbolo de derrota; a solidão de um fracasso. A biografia deste ex-zagueiro remete justamente a negação disto. Pois, como dito pelo mesmo, o futebol não é a única coisa possível e real na vida de ninguém, nem mesmo de quem dedicou boa parte de sua juventude a isso.

Ele soube equilibrar bem seus momentos de transições e a decisão do que fazer após o término da carreira:

Tem jogador que sofre, pois continua vivendo um sonho que não pode ser mais real. Pois o corpo não permite. Não tem mais chance de se encarar uma partida. Ai eu pergunto? Vai entrar em depressão? Vai se entregar? Não posso. Tem gente que até hoje não conseguiu mais sair.

Hoje em sua vida de pequeno comerciante, o ex-zagueiro diz estar em paz, vivendo uma vida comum: Conforme reconhece: “uma pessoa que jogou futebol e não joga mais, só isso.” Definindo assim uma transição consciente das possibilidades e numa decisão sem grandes rupturas com o passado, muito menos em negação com o presente e suas possibilidades.

Análoga no tipo de relação com término da carreira, porém, um pouco mais complexo devido às condições ao fim do ciclo como atleta, é o caso do ex-lateral/ponta nascido em Goiana - PE, mas que fez carreira e fama no futebol paraibano.

Um craque precoce, aos dezessete anos já era lateral-direito titular do Botafogo-PB, tornando-se ídolo em pouco tempo, sucesso que o levou ao futebol do Rio Grande do Sul. Como a maioria dos garotos que passam por esta experiência, a adaptação pesou e retornou a Paraíba em pouco tempo até transferir-se para o futebol europeu, alcançando enfim, bons contratos e a possibilidade de investimentos financeiros.

Mas como todo atleta teve seu declínio e os contratos apesar de surgirem, devido o currículo construído na Europa, eram cada vez menores até que em 2007, aos trinta e três

anos, encerrou sua carreira. A decisão de pendurar as chuteiras foi carregada de medo, devido a incógnita, nesse caso específico, não financeira, pois o ex-lateral/ponta conseguiu investir em imóveis, mas de como ocupar seu tempo sem o futebol:

Eu tive um pouco de medo. Porque eu não sabia o que fazer sem ser jogar futebol. Mas ao mesmo tempo não queria continuar no futebol. o futebol foi meu sustento por muito tempo, alias não só um sustento foi minha vida minha paixão. Mas ao mesmo tempo ele é carregado de coisas ruins. Clubes que não pagam. Dirigentes desonestos. Eu poderia continuar. Se eu quisesse eu poderia muito bem ter estudado, porra! Eu morei na Europa. Poderia me formar em qualquer coisa pra viver no futebol. Mas eu não quis mesmo. Eu não quis continuar no futebol e quis fazer da minha vida outra coisa.

Com boas condições financeiras, raridade entre aqueles que circularam pelos campos do futebol periférico, o ex-lateral/ponta decidiu recomeçar a vida na Europa e recolocar-se no mercado em outro espaço social e econômico:

Minha decisão de ir a Europa foi imediata. Eu tinha como ir. Não queria ficar por aqui no Brasil. E decidi começar do zero. Como eu não tinha muita habilidade com outras coisas a primeira coisa que pensei foi: o que eu gosto? Ai deu muito certo o que me envolvi, que foi a área de alimentação, restaurante.

Esta estratégia foi baseada em dois fatores: condições econômicas construídas a época de atleta e um desejo particular de viver na Europa e trabalhar com restaurantes. O que diferencia da grande maioria dos atletas entrevistados.

Desta feita, este ex-lateral/ponta, viveu na Europa por alguns anos trabalhando como garçom e mestre de cerimônias em restaurantes e empresas. Modificando sua outra e nova trajetória profissional por questões familiares. O que o fez retornar a João Pessoa onde mora atualmente.

Esta nova ruptura em sua atividade profissional, segundo ele, foi mais marcante que o fim da carreira de atleta de futebol. Um sentimento impensável se levarmos em conta os discursos construídos em torno do pendurar as chuteiras:

Não que eu não amasse jogar bola ou preferisse ser garçom a jogar bola. Porra! Era minha vida. Minha infância, minha adolescência. Um prazer que tinha. Mas como garçom na Espanha eu estava realizado. Feliz. Morando onde eu queria. Vivendo como eu queria. Ganhando bem. Estava realmente satisfeito. Voltei por motivos familiares. Mas hoje ainda tenho vontade de voltar a vida e emprego que tinha na Espanha.

A reinvenção vivida por este ex-atleta, tanto social, indo morar noutro país e criando novos laços, como profissional, em busca de outro desejo de ocupação do tempo, desmistifica a ideia da satisfação ou fracasso ligado ao termino da carreira ao lado financeiro.

Pois, sendo um exemplo de contramão daqueles que terminam a carreira no futebol periférico, já que tinha condições de viver com o patrimônio construído na época de jogador, preferiu recolocar-se de outra forma no mundo.

De volta a João Pessoa, decidiu ficar um tempo descansando e aproveitando férias que nunca tinha tido completamente livre de algum compromisso profissional:

Eu quando voltei agora quis ficar tranquilo. Descansar um pouco. Eu não quis vim pra cá. Mas como tive que voltar eu decidi parar um pouco. Eu às vezes, ate me arrependi. Pois as vezes, as pessoas acham que ex-jogador é vagabundo. Fica na praia, sem trabalhar. Ninguém vê que posso fazer isso, pois trabalhei como jogador pra isso. Mas fiquei pouco tempo. Quis logo, fazer outra coisa.

Então, após esse período curto de férias, este ex-atleta reiventou-se , só que desta vez, sua decisão de retornar a trabalhar foi influenciada pela sensação de ociosidade e desejo de ocupar o tempo de forma autônoma:

Desta vez, eu procurei algo que me fosse confortável e ocupasse meu tempo tendo eu controle sobre ele. Esta atividade de “UBER” veio então a calhar muito bem. Eu já estava cansado de ficar em casa. Estou achando muito bom, faço meu turno. Construo meus horários. Conheço pessoas. E ainda provo que posso trabalhar. Que a vida segue.

A descrição deste ex-atleta e suas formas e estratégias de ocupar seu tempo após o fim da carreira, assemelha-se ao do ex-atacante que também conseguiu construir independência financeira e poderia viver de rendimentos, porém, cada um a seu modo, não optaram por isso.

O primeiro procurou qualidade de vida em cidades e empregos que proporcionassem conforto.

Já o segundo, continuou no sonho de estar-se ligado ao futebol com forma de ocupação.

Estas biografias destacadas representam as possibilidades de se encarar a aposentadoria no futebol periférico. Todos os ex-atletas aqui descritos passaram por processos de formação e atuação em espaços parecidos em suas carreiras investindo profundamente tudo pra construí-las.

Todavia, as formas de enfrentamento do crepúsculo profissional oscilam. Alguns conseguem sair do luto - momento que todos entrevistados vivenciaram - de forma menos traumática, enquanto outros sofrem na angústia provocada pela prisão ao espelho do passado, enquanto vivenciam uma difícil realidade social, psicológica e econômica.

São casos concretos e representativos de como o ato de pendurar as chuteiras ocorre a atletas que jogaram profissionalmente no futebol periférico, demonstrando que o sucesso nem sempre é resultado de campo. Nem sempre são títulos ou glórias. Saber seguir a vida equilibradamente fora das quatro linhas de campo pode ser visto em alguns casos, como o maior título conquistado no futebol.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o percurso que realizamos, podemos inferir algumas questões relevantes. Primeiro, reiteremos a inércia das ciências sociais em relação a pesquisas e trabalhos acadêmicos que tenham como objeto final o futebol e seus personagens. Apesar da crescente tentativa de inserção do esporte como tema relevante e o futebol, principalmente, como fato social a ser compreendido, ainda são poucos os trabalhos acadêmicos nesta área das ciências humanas.

Com esta constatação, reconhecemos a lacuna nas ciências sociais em não pensar a relevância deste esporte no cotidiano dos brasileiros e brasileiras e ainda mais quando tratamos dos personagens principais do futebol que são os atletas profissionais.

Figuras simbólicas aos imaginários da grande maioria das crianças que veem nesta profissão um “dom” do qual queriam partilhar. Este é o caminho sonhado por representar uma imagem mítica do herói que ascende dos percalços da vida, possibilitando superar a miséria, a favelização, racismo, enfim, o caminho para uma vida dourada.

Mas, com efeito, esta é imagem completamente irreal quando analisamos as nuances desta profissão de forma objetiva e percebemos que menos de dez por cento dos atletas profissionais de futebol no Brasil, recebem mais de quatro salários mínimos e, ainda mais, a posição do negro nestes dados, quebrando o ideário da ascensão de jovens negros no Brasil pelo futebol, já que eles, os negros e mestiços, são os atletas que apresentam as menores remunerações.

Desta forma, a profissão de futebol tão representativa como metáfora da ascensão social e democracia racial no Brasil, não passa de uma falácia, levando vários jovens pobres a embarcar num sonho de difícil realização.

Entendemos que o futebol é um espaço marcado por diversas variantes, inclusive política, social e econômica, neste sentido, aplicamos o conceito de campo de Pierre Bourdieu, para demarcar os conflitos e as divisões que existem na forma de exercer a profissão de atleta de futebol o Brasil.

Descrevemos que há tipos distintos de futebol profissional praticados no País. Mesmo que o discurso sobre o país do futebol e a magia que se é produzida pelos brasileiros dentro das quatro linhas, seja repetidamente vendido pelos meios de comunicação, mostramos que a realidade da profissão não corresponde ao imaginário popular; não se traduz no sucesso e glamour que embalam os sonhos dos jovens aspirantes a jogadores de futebol.

O Brasil tem um futebol para exportação. Isto pode ser reconhecido no futebol jogado nas primeira e segunda divisões dos campeonatos nacionais organizados pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), que concentram principalmente os clubes do eixo Rio-Sul-Minas-São Paulo e são sustentados pelas multinacionais no Brasil.

Em outra ponta existe o futebol que aqui conceituamos de periférico. Aquele jogado nos campos de menor relevância econômica e regionais do Brasil. É aquele que nesta pesquisa demarcamos como Norte e Nordeste do país.

No campo do futebol periférico encontram-se os “operários da bola”, personagens marginalizados do imaginário criado daquilo que seja a ostentação de ser atleta profissional de futebol. Estes desde muito jovens, são seduzidos pela alternativa de ascensão social via futebol profissional. Milhares de garotos embarcam na empreitada e esbarram numa peneira quase ‘milagrosa’ ao êxito da meta outrora estabelecida: ganhar fama e dinheiro por meio do futebol.

Se de um lado estão os craques que recebem os grandes contratos que todos os aspirantes a atleta profissional de futebol almejam, além da midiatização de suas vidas e as grandes oportunidades de ascensão social, no futebol periférico estão aqueles que insistem na

profissão seja pela crença individual na virada de jogo e ascensão a “elite” dos profissionais da bola, ou pela falta de opção e insistência numa profissão escolhida ainda adolescente e que todo investimento pessoal fora ali depositada e que não permite outra perspectiva.

Esta sim, uma grande questão definida: O futebol profissional é distinto de outras formas de profissão por suas características temporais. Inicia-se a formação para o exercício da profissão geralmente na adolescência, e sua trajetória é curtíssima, levando média de 16 a 20 anos de exercício da profissão, isto é uma particularidade que provoca um grande impacto na vida desses jovens homens que se veem aposentados, em média, aos trinta e cinco anos, sem direito aos benefícios formais do INSS e, geralmente, sem outras habilidades profissionais construídas, resultados de sua antiga ocupação.

Este momento de decisão é marcado por ansiedades e crises existenciais, onde a identidade que se constrói como aquele “que possui o dom” de ser atleta profissional é quebrada. Emerge assim a angústia no momento de transição para o fim do ciclo como profissional da bola, afetando todos os jogadores de futebol, independente do campo econômico e social que atuavam e os valores dos contratos que assinavam durante a carreira.

A diferença está como se pode lidar com o impacto econômico, social e psicológico que a aposentadoria traz consigo. Dentro deste contexto, construiu-se a ideia da morte social, dos “zumbis sociais”, como afirma Souto (2003), de homens que mesmo ao fim da carreira profissional de atleta de futebol não conseguiram se desvencilhar dela.

Uma interpretação real, porém, que não pode ser cristalizada como boa parte dos analistas sobre o tema e, principalmente o senso comum, que repetem como estereótipo do ex-jogador de futebol. Assim, duas facetas se constroem com esse discurso: a do “vagabundo”, que não se dedica a outra ocupação, fato muito vivenciado, ou a do fracassado digno de pena que não soube aproveitar a oportunidade que o mundo do futebol lhe proporcionou.

Ambas as formas, acima descritas, são percepções carregadas de preconceitos e estereótipos e que não representam a totalidade dos ex-atletas que abandonaram o futebol profissional.

Todos os ex-atletas com quem convivemos durante a pesquisa, admitem o sentimento de luto e ainda mais, existem casos concretos de ex-atletas que se envolveram em situações cotidianas que para o próprio grupo são consideradas negativas, tais como: dependência química, depressão, desemprego e abandono. Tudo isto é resultado da forma de se encarar o término da carreira profissional e a não possibilidade de recolocação noutro espaço social e ocupacional.

Reconhecemos que o tema está longe de ser esgotado. Várias questões devem ser colocadas em debate em busca de explicações sobre as crises que levam ao luto e a dificuldade de recolocação no mundo do trabalho. Da perspectiva psicológica não nos é permitido conclusões, uma vez que cada indivíduo, ao fim da carreira de atleta de futebol, reage para além de suas condições econômicas e sociais, com grande carga de subjetividade.

Contudo, no que concerne aos fatores sociais e econômicos, muito se tem a acrescentar sobre este momento às biografias destes atletas que atuaram no futebol periférico. É preciso desconstruir o discurso em torno de teorias de gerência de carreira que possam tentar ser aplicadas ao jogador profissional de futebol que atua no campo do futebol periférico. Pois, estes atletas são expostos a questões estruturais que impossibilitam uma construção planejada sobre sua carreira.

A origem dos atletas que se formam e principalmente atuam neste campo do futebol periférico é de extrema vulnerabilidade socioeconômica, sendo o futebol, na perspectiva de grande parte destes atletas, a oportunidade quase única de se alcançar maiores probabilidades de crescimento econômico e social. Deste modo, todo investimento possível e em alguns casos, até acima do limite físico, é depositado nesta profissão, alienando estes aspirantes a

profissionais da bola de outras vivências, principalmente, do ponto de vista da educação formal.

Esta vulnerabilidade socioeconômica que acompanha os atletas desde sua base e formação profissional, dificulta extremamente a percepção de um gerenciamento de carreira. Ademais, se junta a este processo o que entendemos ser um dos maiores fatores que influencia a carreira destes atletas que atuam no futebol: a estrutura. Não há como estipular metas e objetivos em longo prazo quando se vive a realidade de salários e contratos abaixo de duração de seis meses e remuneração abaixo de quatro salários mínimos em média.

O planejamento econômico para a vida pós-futebol profissional, construída pelos grandes astros do futebol brasileiro que atuam no futebol estabelecido, é concretizado devido seus grandes contratos e alta remuneração. Entretanto, este é um tipo ideal de carreira quase que inalcançável pela maioria dos atletas profissionais de futebol que atuam nas condições que descrevemos na pesquisa. No futebol periférico, os salários são para sobrevivência das famílias destes atletas, tantas vezes de forma modesta.

A grande maioria dos atletas consultada durante a pesquisa, não levava em consideração a possibilidade de um gerenciamento de carreira com projeções de investimento e pensamento para o futuro. Para estes, como pode ser construída base sólida para o porvir se o próprio presente é incerto?

As condições descritas influenciam diretamente a forma de se projetar uma carreira. Não é real para a maioria dos atletas que atua no futebol periférico, uma meta - por exemplo - onde e como parar de jogar profissionalmente. Neste universo, muitas carreiras ou são abortadas precocemente pela falta de oportunidade em se assinar bons contratos, tendo os jovens que buscar outras saídas para sobrevivência, ou as carreiras são prolongadas porque não há, mesmo em defasagem dos contratos devido à idade, outra fonte de renda.

Outro fator relevante é a cristalização de status, conceito apresentado por Artur Gianotti (2010) e que se aplica diretamente ao futebol periférico. Segundo este autor, a dedicação exclusiva ao futebol desde a infância e todo o estresse e disciplina dos treinamentos, concentrações e jogos, impossibilitam os atletas profissionais de futebol o desenvolvimento de outros *habitus*. Esta condição é traduzida pela falta de perspectivas que os atletas se deparam imediatamente ao encerrar seu ciclo no futebol profissional. A grande pergunta que se apresenta a eles é: o que fazer? Questão que na maioria dos casos por não ter resposta concreta e rápida, resultado justamente dessa cristalização de status, reflete-se na ansiedade, no medo e no luto.

A ideia de fracasso ou irresponsabilidade tanta vezes atribuídas aos ex-atletas que não se encontram em situações semelhantes a época de jogador, ou mais ainda, em relação aos grandes astros do futebol nacional, não pode ser corroborada, sem que haja uma análise de fatores externos aos desejos de cada atleta que atuou no futebol periférico.

Outra questão relevante e aludida como consideração final desta pesquisa é a contraposição em relação aos discursos da morte social, que toma os atletas após pendurar as chuteiras, como central e única no debate sobre aposentadoria de atletas profissionais de futebol. Analisamos e vimos que há saída além da carreira profissional e que estas são construídas pelos próprios atletas.

Percebemos que estratégias são criadas para ocupação do tempo e recolocação no mundo do trabalho. Enfatizamos que apesar das dificuldades de se reinventar profissionalmente e encarar outras probabilidades de relações sociais, saídas são procuradas e construídas para superar o fantasma da ex-profissão.

O futebol e as suas funções possíveis fora das quatro linhas de jogo são de imediato, para a maioria dos ex-atletas, a primeira opção para uma tentativa de nova reinserção no mundo do trabalho. Expectativas que geralmente esbarram novamente na falta de estrutura do

futebol periférico. Nesta esfera, os clubes são economicamente desfavorecidos e poucos são os espaços que possam ser preenchidos por ex-atletas de futebol. Soma-se a isso a falta de preparação acadêmica e técnica para assumir cargos - por exemplo - de treinador de futebol profissional que exige formação em nível superior em educação física.

Porém, nem sempre o futebol é a saída para a escolha por uma nova carreira, a maioria dos ex-atletas, outras perspectivas de ocupações são construídas como estratégias de sobrevivência. O comércio é um deles, mesmo em condições de pouco retorno financeiro, esta possibilidade de inserção no mercado é colocado como boa alternativa principalmente pela menor exigência de uma formação profissional.

Deste modo, percebemos que a adaptação à vida depois de se pendurar as chuteiras, vai muito adiante do estereótipo do fracassado; ultrapassa as percepções do ídolo derrotado que não consegue superar o momento de ansiedade e instabilidade na aposentadoria.

Afirmamos que, de fato, existem biografias marcadas por este luto. São reais os exemplos de ex-jogadores de futebol que não conseguiram retomar seu cotidiano de forma equilibrada e que se encaixariam no conceito de “zumbis sociais” (SOUTO, 2000). Contudo, por mais complicada que seja a transição para a aposentadoria, esta não sela o fim da existência destes indivíduos. Mesmo que economicamente e socialmente não alcancem semelhança em relação aos tempos de atletas profissionais, muitos deste ex-atletas criam de forma particular estratégias e modos de se adaptarem a outras ocupações e carreiras.

Procuramos demonstrar que a profissão de atleta de futebol apresenta muitas particularidades, principalmente no que se trata a seu tempo de exercício e consequências nas transições de suas etapas até a aposentadoria.

Enfatizamos, levando em consideração estas nuances, a necessidade de se analisar de forma particular as possibilidades de se exercer esta profissão, evitando generalizações que refletem estereótipos. Para isso, a partir das narrativas biográficas de ex-atletas de futebol

nordestino, apresentamos uma possibilidade de análise a esta carreira ao recortarmos seus exercícios inseridos na ideia de futebol periférico.

REFERÊNCIAS

ARON, Raymond. *As Etapas do Pensamento Sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

AGRESTA, Marisa Cury; BRANDAO, Maria Regina Ferreira; BARROS NETO, Turíbio Leite de. *Causas e conseqüências físicas e emocionais do término de carreira esportiva*. Rev Bras Med Esporte, Niterói, v. 14, n. 6, dez. 2008. Disponível:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-86922008000600006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 06 out. 2011.

BERTONCINI, Elisabeth M. O. Luti. Trabalho, identidade e aposentadoria precoce: notas teóricas sobre o sofrimento do tranalhador. *Revista de psicologia da UNESP*, 1(1), 2002.

BONETTI, Aline; Fleischer, Soraya (orgs.). *Entre Saias Justas e Jogos de Cintura*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 12ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BOURDIEU, Pierre *Coisas ditas*. Trad., Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Trad., Jeni Vaitsman.- Rio de Janeiro : Marco Zero, 1983.

BRANDÃO, Maria Regina Ferreira. *Transição de carreira esportiva em jogadores de futebol profissional*. São Paulo: I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE PSICOLOGIA DO ESPORTE, 2001.

BRANDÃO, Maria Regina Ferreira; VIEIRA, Lenomar Fiorese. *Carreiras dos atletas no Brasil*, 2013. Disponível em: <http://universidadedofutebol.com.br/carreiras-dos-atletas-no-brasil/>

CAMPBELL, Joseph. (org) Betty Sue Flowers. *O poder do mito*. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

COIMBRA, Arthur Antunes. *Zico Conta a sua Historia*. São Paulo: FTD, 1996.

DA MATTA, Roberto. "O ofício de etnólogo, ou como ter 'Anthropological Blues'". In: NUNES, E O (org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DAMO, Arlei . *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2007. v. 1.

DURKHEIM, Émile. *Formas elementares da vida religiosa- O sistema Totemico na Austrália*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins fontes, 2000

EWALD, Ariane P.; SOARES, Jorge Coelho; SEVERIANO Maria de Fátima V.; AQUINO, Cássio Braz (orgs.). *Tempo e Subjetividades: Perspectivas plurais*. Rio de Janeiro: 7 Letras: Pequeno Gesto, 2013.

ELIAS, Norbert e DUNNING, Erick. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, v I.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: Formação do Estado e Civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, v. II.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Trad., Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos: seguido de "Envelhecer e morrer"*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2001.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Trad., Vera Ribeiro. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2004.

E. E. Evans-Pritchard *Os nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. Trad. Ana M. Goldberger Coelho. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FRANCO JUNIOR, Hilário. *A dança dos Deuses – futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

FRANCH, Gutiérrez Mónica. *Tempos, contratempos e passatempos: um estudo sobre práticas e sentidos do tempo entre jovens de grupos populares do Grande Recife*. Rio de Janeiro: UFRJ, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Sociologia, 2008.

FRANCA, Lucia Helena. *Repensando a aposentadoria com qualidade: um manual para facilitadores de programas em educação para aposentadorias e comunidades*. Centro de referencias e documentação sobre envelhecimento. Universidade Aberta da Terceira Idade. Rio de Janeiro: UERJ, 2002.

FÔLHA, Fernando Antonio Silva; NOVO, Luciana Florentino. *Aposentadoria: significações e dificuldades no período de transição a essa nova etapa da vida*. In: XI Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul. Florianópolis: 2011.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Trad., Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. 3ª edição. Porto Alegre: L&PM.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Trad. Raul Fiker. - São. Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol - dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant e Marcelo de Oliveira Nunes. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

GOLDENBER, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Record. 2005.

GONÇALVES, Marco Antônio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia Z. (orgs.). *Etnobiografia: Subjetivação e etnografia*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

GUIMARÃES, Arthur Silveira. *Além das quatro linhas: estudo sobre a trajetória profissional de jovens atletas de futebol*. Programa de Pós-graduação em Sociologia. PPGS/UFPB. João Pessoa, (Dissertação de Mestrado).

GUTTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma historia da maior expressão popular do país*. São Paulo: contexto, 2009.

HELAL, Ronaldo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*.

HELAL, Antonio Jorge Soares, Hugo Lovisolo. – Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HELAL, Ronaldo. Idolatria e malandragem: a cultura brasileira na biografia de Romário. In: *Futbologias: fútbol, identid y violência em America latina / Sergio Viena... [ET AL]; compilado por Pablo Alabarces*. 1ª Ed. Buenos Aires: CLACSO, 2003.

HOBBSAWM, Eric. . *A Era dos Impérios*. São Paulo: Ed. Paz e Terra 2005.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Os argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural– Coleção “Os Pensadores”, 1978.

M487. *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional* / Francisco Carlos Teixeira da Silva, Ricardo Pinto dos Santos – Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006.

MARQUES, Maurício Pimenta; SAMULSKI, Dietmar Martin. *Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira*. In: *Rev. bras. Educ. Fís. Esporte*, São Paulo: v.23, n.2, p.103-19, abr./jun. 2009.

Disponível em: < www.usp.br/eef/rbefe/.../2_RBEFE_v23_n2_p103_19.pdf > Acesso: em 05 de outubro de 2011.

MENDELSON, D., *El retiro del futbolista. Revista Digital: Educación Física y Deportes*. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em: 10 set. 2011.

MURAD, M. *A violência e o futebol. Dos estudos clássicos aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

NANCY D. Munn The Cultural Anthropology of Time: A Critical Essay. *Annual Review of Anthropology*, Vol. 21. (1992), pp. 93-123.

PERRUSI, Artur. F. *A Tirania da Identidade: profissão e crise identitária entre psiquiatras* [tese de doutorado]. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2004.

PIRES, J. G. *O viver de ontem e de hoje do jogador de futebol profissional: o caso da cidade de Bauru*. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba: 1994

PRONI, Marcelo W. *Ética e futebol no Brasil: Argumentos para reflexão*. In: Esporte e Sociedade, ano 2, n.5, Mar.2007/Jun.2007. Disponível em:< <http://www.futebolesociedade.com.br/download/27e48f1a29aea926311c.pdf> > acesso em: 02 out. 2011.

REIS, Heloisa Helena Baldy e ESCHER, Thiago de Aragão. *Futebol e Sociedade*. Brasília: Líber livros, 2006.

VELHO, G. *Observando o Familiar*. In: NUNES, E.O. (org.) *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar

WACQUANT, Loïc. *Corpo e alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WEBER, Florence. *Trabalho fora do Trabalho: Uma etnografia das percepções*. Trad. Roberta Cerva - Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

WEBER, Max. *A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais/ Max weber*. Trad., Gabriel Cohn – São Paulo: Ática, 2006. (Ensaio comentado).

WHYTE, William Foote. *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

ANEXOS

Anexo 1



Fonte: historia do futebol.net



Botafogo –PB no ano de 1973. Fonte: <http://anotandofutebol.blogspot.com.br>



Fonte: <http://anotandofutbol.blogspot.com.br>



Botafogo –PB 2002. Fonte: <http://anotandofutbol.blogspot.com.br>



Fonte: <http://blogdocampinense.blogspot.com.br>

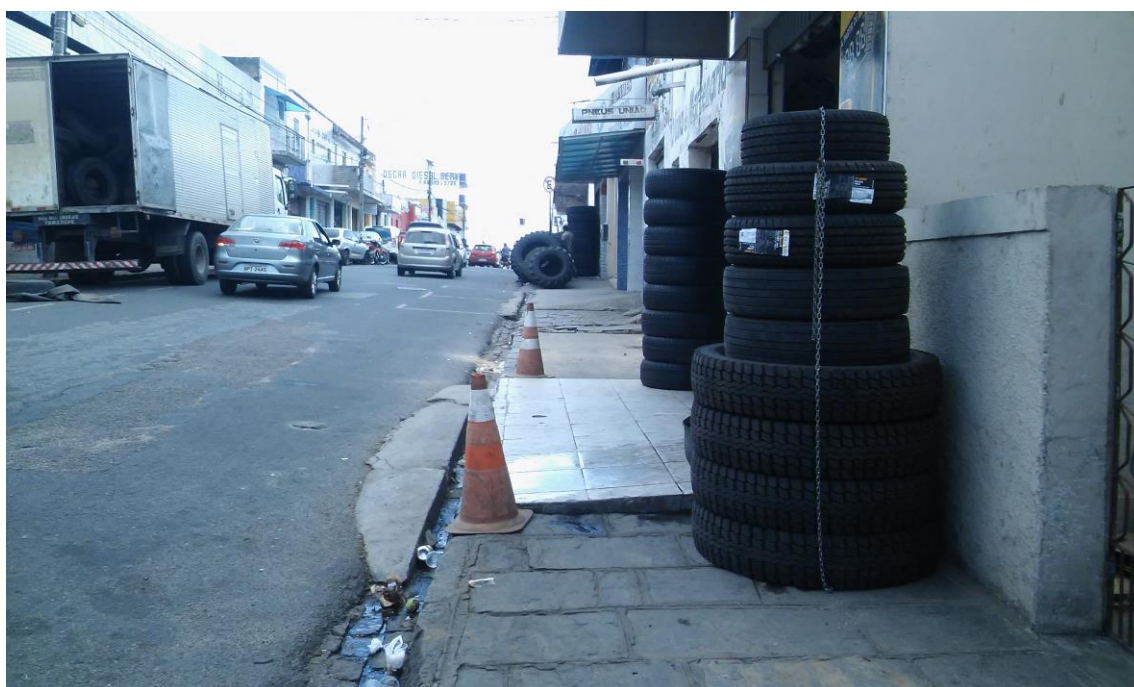


Treze futebol Clube – 2000. Fonte: soesporte.com.br

Anexo 2



Entrada do Beco dos Pneus. Foto acervo particular – Arthur Guimarães



Entrada do Beco dos Pneus . Foto acervo particular – Arthur Guimarães



Trabalhadores do Beco dos Pneus. Foto acervo particular – Arthur Guimarães



Entrada do Beco dos Pneus . Foto acervo particular – Arthur Guimarães



Beco dos Pneus . Foto acervo particular – Arthur Guimarães



Bar do paulista. Foto acervo particular – Arthur Guimarães



Bar do paulista. Foto acervo particular – Arthur Guimarães



Bar do paulista. Foto acervo particular – Arthur Guimarães



Bar do paulista. Foto acervo particular – Arthur Guimarães

Anexo 3



RNC - RANKING NACIONAL DOS CLUBES 2017

Pos.	Clube	Fed.	Pontos	Dif.	Pos.	Clube	Fed.	Pontos	Dif.
1	Grêmio	RS	15.038	-	46	Botafogo	PB	2.988	5
2	Palmeiras	SP	14.720	318	47	Tupi	MG	2.986	2
3	Santos	SP	14.574	146	48	Macaé	RJ	2.498	488
4	Corinthians	SP	14.328	246	49	Salgueiro	PE	2.461	37
5	Atlético	MG	14.312	16	50	Brasil	RS	2.386	75
6	Cruzeiro	MG	14.202	110	51	Guarani	SP	2.359	27
7	Internacional	RS	13.126	1.076	52	Cuiabá	MT	2.357	2
8	São Paulo	SP	12.430	696	53	Mogi Mirim	SP	2.218	139
9	Flamengo	RJ	11.952	478	54	ICASA	CE	2.171	47
10	Fluminense	RJ	11.668	284	55	Guaratinguetá	SP	2.076	95
11	Atlético	PR	11.012	656	56	Confiança	SE	1.681	395
12	Botafogo	RJ	10.936	76	57	Remo	PA	1.627	54
13	Vasco	RJ	10.040	896	58	Tombense	MG	1.622	5
14	Coritiba	PR	9.414	626	59	Madureira	RJ	1.605	17
15	Ponte Preta	SP	9.076	338	60	Caxias	RS	1.597	8
16	Figueirense	SC	9.002	74	61	Águia de Marabá	PA	1.479	118
17	Sport	PE	8.019	983	62	Ypiranga	RS	1.420	59
18	Goiás	GO	7.856	163	63	Nacional	AM	1.410	10
19	Chapecoense	SC	7.596	260	64	São Caetano	SP	1.384	26
20	Vitória	BA	7.547	49	65	River	PI	1.373	11
21	Bahia	BA	6.698	849	66	Ituano	SP	1.326	47
22	América	MG	6.042	656	67	Rio Branco	AC	1.291	35
23	Ceará	CE	5.904	138	68	Botafogo	SP	1.192	99
24	Avai	SC	5.894	10	69	Treze	PB	1.162	30
25	Criciúma	SC	5.788	106	70	CRAC	GO	1.094	68
26	Santa Cruz	PE	5.730	58	71	Campinense	PB	1.088	6
27	Atlético	GO	5.443	287	72	Santos	AP	990	98
28	Joinville	SC	5.409	34	73	Duque de Caxias	RJ	971	19
29	Náutico	PE	5.401	8	74	Aparecidense	GO	923	48
30	Paysandu	PA	5.340	61	75	Goianésia	GO	916	7
31	ABC	RN	5.044	296	76	Villa Nova	MG	889	27
32	Bragantino	SP	5.020	24	77	Globo	RN	879	10
33	Paraná	PR	4.446	574	78	Princesa Solimões	AM	855	24
34	América	RN	4.397	49	79	Betim	MG	837	18
35	Luverdense	MT	4.154	243	80	Metropolitano	SC	833	4
36	Sampaio Corrêa	MA	4.024	130	81	Caldense	MG	828	5
37	CRB	AL	3.952	72	82	Volta Redonda	RJ	817	11
38	Juventude	RS	3.910	42	83	Náutico	RR	812	5
39	Portuguesa	SP	3.887	23	84	Barueri	SP	789	23
40	Fortaleza	CE	3.644	243	85	Central	PE	789	0
41	Boa Esporte	MG	3.586	58	86	Gama	DF	770	19
42	Oeste	SP	3.468	118	87	Genus	RO	760	10
43	ASA	AL	3.245	223	88	Moto Club	MA	754	6
44	Vila Nova	GO	3.106	139	89	Vitória da Conquista	BA	710	44
45	Londrina	PR	2.993	113	90	CSA	AL	692	18

Revisado e atualizado em 13/12/2016

Pág: 1/3



RNC - RANKING NACIONAL DOS CLUBES 2017

Pos.	Clube	Fed.	Pontos	Dif.	Pos.	Clube	Fed.	Pontos	Dif.
91	Brasiliense	DF	688	4	136	Altos	PI	325	2
92	Lajeadense	RS	674	14	137	Trem	AP	305	20
93	Coruripe	AL	664	10	138	São Raimundo	RR	303	2
94	Juazeirense	BA	662	2	139	Anápolis	GO	298	5
95	Resende	RJ	636	26	140	Anápolis	GO	290	8
96	Boavista	RJ	633	3	141	CENE	MS	282	8
97	Internacional	SC	629	4	142	URT	MG	280	2
98	Operário	MT	618	11	143	São Raimundo	PA	270	10
99	Atlético	AC	614	4	144	Cabofriense	RJ	262	8
100	Parnahyba	PI	613	1	145	Penapolense	SP	261	1
101	Maringá	PR	608	5	146	Uniclinic	CE	260	1
102	Santa Rita	AL	600	8	147	Estrela do Norte	ES	256	4
103	Comercial	MS	584	16	148	América	PE	255	1
104	Luziânia	DF	573	11	148	Araguaia	MT	255	0
105	Operário	PR	564	9	148	Audax	SP	255	0
106	J. Malucelli	PR	557	7	148	Baré	RR	255	0
107	Novo Hamburgo	RS	555	2	148	Brusque	SC	255	0
108	Guarani de Juazeiro	CE	509	46	148	Espírito Santo	ES	255	0
109	Potiguar	RN	507	2	148	Galícia	BA	255	0
110	Guarany de Sobral	CE	502	5	148	Portuguesa	RJ	255	0
111	Palmas	TO	499	3	148	PSTC	PR	255	0
112	Maranhão	MA	482	17	148	Rondoniense	RO	255	0
113	Serra Talhada	PE	459	23	148	São Francisco	PA	255	0
114	Sergipe	SE	458	1	148	São José	RS	255	0
115	Baraúnas	RN	444	14	148	São Paulo	RS	255	0
116	Vilhena	RO	441	3	148	Sete de Setembro	MS	255	0
117	Itabaiana	SE	431	10	148	Sinop	MT	255	0
118	Ceilândia	DF	429	2	163	Águia Negra	MS	252	3
119	Santo André	SP	428	1	164	Dom Bosco	MT	250	2
120	Brasília	DF	402	26	164	Ferroviária	SP	250	0
121	Jacuiense	BA	401	1	164	Galvez	AC	250	0
122	Linense	SP	390	11	167	Horizonte	CE	230	20
123	Estanciano	SE	381	9	168	Gurupi	TO	230	0
124	Tocantinópolis	TO	380	1	169	Colo Colo	BA	208	22
124	Desportiva	ES	380	0	170	Plácido de Castro	AC	207	1
126	Rio Branco	ES	377	3	171	Foz	PR	204	3
127	Independente	PA	375	2	171	Serrano	BA	204	0
128	São Bento	SP	375	0	173	Aracruz	ES	203	1
129	Sousa	PB	363	12	174	Capivariano	SP	200	3
130	Murici	AL	355	8	175	Paragominas	PA	187	13
131	Fluminense de Feira	BA	335	20	176	Real Noroeste	ES	180	7
132	Imperatriz	MA	329	6	177	Bahia de Feira	BA	175	5
132	Red Bull	SP	329	0	178	Naviraiense	MS	175	0
134	Interporto	TO	328	1	178	São Bernardo	SP	175	0
135	Mixto	MT	327	1	180	Porto	PE	171	4

Revisado e atualizado em 13/12/2016

Pág: 2/3



RNC - RANKING NACIONAL DOS CLUBES 2017

Pos.	Clube	Fed.	Pontos	Dif.	Pos.	Clube	Fed.	Pontos	Dif.
181	Cianorte	PR	169	2	217	Auto Esporte	PB	50	0
182	Guarani de Palhoça	SC	153	16	217	Espigão	RO	50	0
182	Itaporã	MS	153	0	217	Paulista	SP	50	0
182	Pelotas	RS	153	0	217	Quatro de Julho	PI	50	0
182	Ypiranga	PE	153	0	217	Real RR	RR	50	0
186	Penarol	AM	151	2	217	River Plate	SE	50	0
187	Arapongas	PR	151	0	217	Santa Quitéria	MA	50	0
188	Tiradentes	CE	138	13	217	São Domingos	SE	50	0
189	Flamengo	PI	125	13	217	São Mateus	ES	50	0
189	Ivinhema	MS	125	0	217	Sapucaense	RS	50	0
189	Parauapebas	PA	125	0					
192	Marcílio Dias	SC	110	15					
193	Araxá	MG	102	8					
193	Nova Iguaçu	RJ	102	0					
193	Ypiranga	AP	102	0					
196	Sobradinho	DF	101	1					
196	Comercial	PI	101	0					
198	Alecrim	RN	100	1					
198	Amadense	SE	100	0					
198	Piauí	PI	100	0					
198	Santa Cruz	RN	100	0					
202	Barbalha	CE	75	25					
202	Juazeiro	BA	75	0					
202	Lagarto	SE	75	0					
202	Rondonópolis	MT	75	0					
202	São Luiz	RS	75	0					
207	Friburguense	RJ	68	7					
208	Nacional	MG	61	7					
209	Cerâmica	RS	54	7					
210	Feirense	BA	53	1					
211	Araguaína	TO	51	2					
211	Concórdia	SC	51	0					
211	Guarani	MG	51	0					
211	Marília	SP	51	0					
211	Mirassol	SP	51	0					
211	Petrolina	PE	51	0					
217	Bangu	RJ	50	1					
217	Cametá	PA	50	0					
217	Fast Clube	AM	50	0					
217	Ji-Paraná	RO	50	0					
217	Noroeste	SP	50	0					
217	Oratório	AP	50	0					
217	Veranópolis	RS	50	0					
217	Aquidauanense	MS	50	0					

234 Total de Clubes

Revisado e atualizado em 13/12/2016